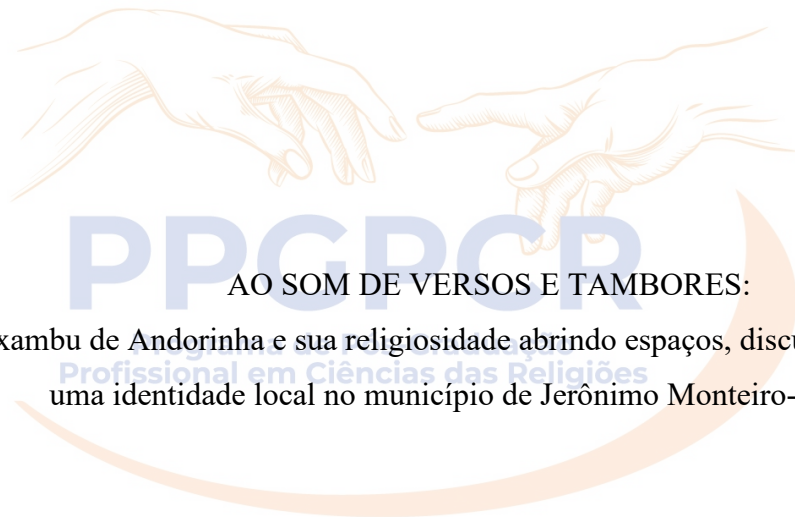


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

GISELLI THOMAZ REIS SCARPE



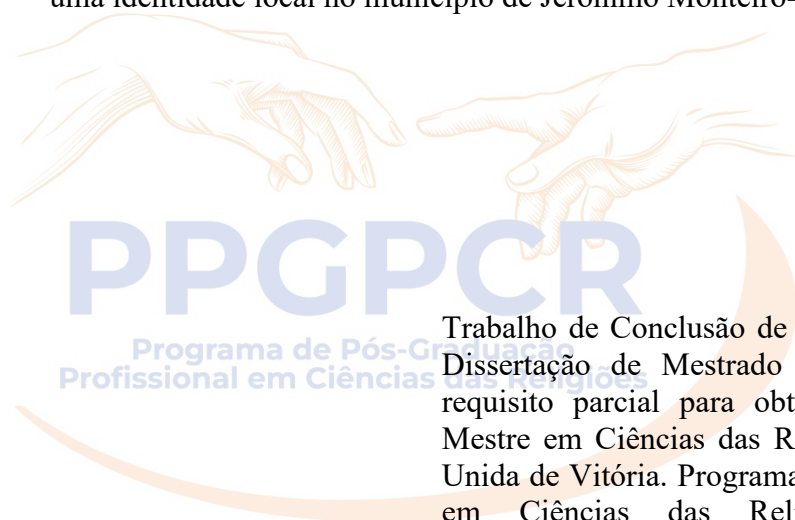
AO SOM DE VERSOS E TAMBORES:

o Caxambu de Andorinha e sua religiosidade abrindo espaços, discurso e afirmação de
uma identidade local no município de Jerônimo Monteiro-ES

GISELLI THOMAZ REIS SCARPE

AO SOM DE VERSOS E TAMBORES:

o Caxambu de Andorinha e sua religiosidade abrindo espaços, discurso e afirmação de uma identidade local no município de Jerônimo Monteiro-ES



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Elcio Sant'anna

Vitória-ES
2024

Scarpe, Giselli Thomaz Reis

Ao Som de Versos e Tambores / o Caxambu de Andorinha e sua religiosidade abrindo espaços, discurso e afirmação de uma identidade local no Município de Jerônimo Monteiro-ES / Giselli Thomaz Reis Scarpe. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.

vii, 74 f. ; 31 cm.

Orientador: Elcio Sant'anna

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.

Referências bibliográficas: f. 72-74

1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Caxambu de Andorinha 4. Patrimônio cultural. 5. Antropologia da Religião. 6. Preconceito etno-religioso. 7. Identidade cultural. - Tese. I. Giselli Thomaz Reis Scarpe. II. Faculdade Unida de Vitória, 2024. III. Título.

GISELLI THOMAZ REIS SCARPE

AO SOM DE VERSOS E TAMBORES:
O CAXAMBU DE ANDORINHA E SUA RELIGIOSIDADE ABRINDO ESPAÇOS,
DISCURSO E AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL NO MUNICÍPIO DE
JERÔNIMO MONTEIRO-ES



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 11 mar. 2025.

Elcio Sant'Anna, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).

Eliane Maura Littig Milhomem de Freitas, Doutora em Ciências da Religião, UNIDA.

Geovane dos Santos Damaceno, Doutor em Ciências da Educação, FAFIA.



Dedico esta dissertação, primeiramente, a Deus, pela oportunidade de participar desta pesquisa. À minha família por acreditar e me apoiar ao longo da minha jornada acadêmica.

Aos meus professores e orientadores que me guiaram com sabedoria e paciência, transmitindo conhecimentos valiosos e inspirando-me a sempre buscar mais. A cada um de vocês, meu sincero agradecimento por terem contribuído de maneira tão significativa para a realização desta pesquisa.

Por fim, aos componentes do Caxambu de Andorinha que me receberam com muita alegria, sempre receptivos aos questionamentos durante a pesquisa. A colaboração de vocês foi fundamental para que eu pudesse concluir esta dissertação, contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional.

RESUMO

Este estudo investiga o Caxambu de Andorinha, manifestação cultural criada em 2009 na cidade de Jerônimo Monteiro, Espírito Santo, com o propósito de preservação das tradições afrodescendentes. O Caxambu, uma dança circular originada nas fazendas de cana e café do Sudeste brasileiro no século XIX, é reconhecido como Jongo do Sudeste. A abordagem da pesquisa foi conduzida sob uma perspectiva antropológica, com ênfase na Antropologia da Religião, disciplina integrante das Ciências da Religião, evidenciando o caráter ritualístico e simbólico dessa expressão cultural. A pesquisa investiga o problema do reconhecimento da dança do Caxambu de Andorinha como patrimônio cultural brasileiro, ainda pouco valorizado pela maioria da população. Dessa forma, buscou-se resgatar o histórico da dança, analisar seu processo de patrimonialização como cultura imaterial brasileira, examinar sua relação com a religião de Umbanda e discutir o preconceito etno-religioso a ela associado. Além disso, destaca-se a importância da dança na construção identitária da comunidade. Durante o estudo foi enfatizado a vivência da pesquisadora com o grupo de dança e a produção de um livro com estudantes do ensino médio, visando à disseminação de conhecimentos sobre o Caxambu de Andorinha. Essa experiência busca contribuir para o enfrentamento do preconceito e da discriminação na sociedade. Justifica-se este estudo por sua contribuição à valorização dessa expressão cultural, fortalecendo seu papel na preservação da memória, no combate aos silenciamentos impostos às culturas marginalizadas e na promoção da diversidade no Brasil.

Palavras-chave: Caxambu de Andorinha; patrimônio cultural; Antropologia da Religião; preconceito etno-religioso; identidade cultural.

PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

ABSTRACT

This study investigates the Caxambu de Andorinha, a cultural expression created in 2009 in the city of Jerônimo Monteiro, Espírito Santo, with the purpose of preserving Afro-descendant traditions. The Caxambu, a circular dance that originated on sugarcane and coffee plantations in the Brazilian Southeast in the 19th century, is recognized as Jongo do Sudeste. The research approach was conducted from an anthropological perspective, with an emphasis on Anthropology of Religion, a discipline that is part of the Sciences of Religion, highlighting the ritualistic and symbolic character of this cultural expression. The research investigates the problem of recognizing the Caxambu de Andorinha dance as Brazilian cultural heritage, which is still little valued by the majority of the population. In this way, we sought to recover the history of dance, analyze its process of patrimonialization as Brazilian intangible culture, examine its relationship with the Umbanda religion and discuss the ethno-religious prejudice associated with it. In addition, we highlight the importance of dance in the construction of the community's identity. During the study, we emphasized the researcher's experience with the dance group and the production of a book with high school students, aiming to disseminate knowledge about Caxambu de Andorinha. This experience seeks to contribute to the fight against prejudice and discrimination in society. This study is justified by its contribution to the appreciation of this cultural expression, strengthening its role in preserving memory, combating the silencing imposed on marginalized cultures and promoting diversity in Brazil.

Keywords: *Caxambu de Andorinha; cultural heritage; Anthropology of Religion; ethno-religious prejudice; cultural identity.*

PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 CAXAMBU: UM ITINERÁRIO DE RESISTÊNCIA	13
1.1 O que é o caxambu?.....	13
1.1.1 A luta pelo reconhecimento do Caxambu como Patrimônio Cultural do Brasil	17
1.1.2 A História do caxambu no sul do estado do Espírito Santo	20
1.2 Caxambu de Andorinha: História e Preservação Cultural.....	23
2 O CAXAMBU COMO ELEMENTO DA CULTURA: BASES CONCEITUAIS	31
2.1 O conceito de ritual.....	32
2.2. As experiências no Caxambu de Andorinha.....	37
2.3 O Caxambu de Andorinha e a comunidade	41
3 CAXAMBU DE ANDORINHA: UMA VIVÊNCIA	44
3.1 Vivência com o grupo Caxambu de Andorinha	45
3.2 Preservação da cultura: A oficina de fabricação de tambores	49
3.3 Livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil. Uma experiência de produção de conhecimento.....	53
3.4 Divulgação do Caxambu de Andorinha na comunidade.	58
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE - LIVRO CAXAMBU DE ANDORINHA.....	75
ANEXO - RELATÓRIO DO SIMPÓSIO DA EQUIDADE RACIAL	171

INTRODUÇÃO

O Caxambu de Andorinha é uma manifestação cultural que nasceu no ano de 2009 na área rural do município de Jerônimo Monteiro, sul do estado do Espírito Santo. É uma dança coletiva de origem afro-brasileira, conduzida pelas batidas dos tambores, e pelo canto com letras fazendo referência aos temas cotidianos, envolvendo o público e convidando para interação.

O caxambu é uma dança também conhecida como jongo e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan reconhece como Patrimônio Cultural Brasileiro, desempenhando um papel fundamental na preservação dessa identidade e memória.

Após o reconhecimento do Jongo no Sudeste como patrimônio cultural do Brasil, o Caxambu de Andorinha teve seu reconhecimento pelo governo brasileiro como uma dança que carrega tradições de povos que construíram a cultura nacional, como os povos africanos de conglomerado linguístico bantu, vindos para o Brasil, uma grande afluência, devido ao movimento diaspórico entre os séculos XVI ao XIX.¹

O problema central da pesquisa: o porquê da não aceitação do Caxambu de Andorinha por parte da comunidade. Esse surge de uma realidade social de preconceito étnico-religioso referente às apresentações que o Caxambu de Andorinha fazia em escolas do município e na comunidade. O estudo do tema se justifica porque a religião dos componentes do grupo de caxambu ligados à Umbanda, à tradição de elementos poéticos mágicos presentes na dança e às características culturais africanas causam estigmatização e estereótipos, gerando preconceitos que se reforçam ano após ano dentro do contexto social. O objetivo central do estudo é compreender o que é o Caxambu de Andorinha, sua importância cultural, histórica e social, suas ligações com a religião Umbanda, analisando a proximidade do Caxambu de Andorinha com o fenômeno religioso, contribuindo para evidenciar o problema, gerando discussões, para minimizar a estigmatização existente.

Os objetivos específicos são: investigar historicamente o fenômeno Caxambu de Andorinha; analisar o Caxambu de Andorinha como elemento cultural, suas implicações com a religião e apresentar as vivências com o grupo em questão.

¹ AMORIM, Sara Passabon. *A performance bantu do caxambu: entre a ancestralidade e a contemporaneidade*. Ciosa, 2017.p.75.

Como metodologia, a pesquisa busca informações sobre o Caxambu de Andorinha, conversando com participantes do grupo, entrevistando-os, acompanhando apresentações no barracão dos integrantes do caxambu e na comunidade, produzindo uma pesquisa de campo. Simultaneamente é realizado um levantamento bibliográfico com leituras variadas de artigos, monografias, dissertações e livros ligados à Antropologia, Antropologia da Religião, Sociologia e Religião, fontes relevantes de conhecimento que abordam o tema em estudo.

As informações adquiridas através de leituras orientadas e aulas em espaços não formais foram discutidas em simpósios e congressos, evidenciando o problema da pesquisa, proporcionando conexões, diálogos, reflexões e indicações de teóricos que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho, proporcionando um movimento de leitura, análises e o estabelecimento de relações e adaptações.

Em outra ocasião, a discussão sobre o problema de pesquisa foi conduzida à Escola de Ensino Fundamental e Médio “Jerônimo Monteiro”, situada no centro do município de Jerônimo Monteiro. A dança do Caxambu de Andorinha, apesar de ser considerada um patrimônio cultural brasileiro, não tem o reconhecimento da maioria da população, o intuito desta ação na escola foi estimular a busca pelo conhecimento para enfrentar o preconceito étnico-religioso. O público alvo foi alunos da Educação Básica, primeiras e segundas séries do Ensino Médio que participaram de rodas de conversas, leituras de documentos do Iphan e capítulos de livros, além de aula de campo no barracão do Caxambu de Andorinha, localizado na área rural de Jerônimo Monteiro-ES.

As atividades desenvolvidas com os estudantes proporcionaram uma experiência de leituras, reflexões, escutas ativas e diálogos que foram favorecendo um intercâmbio enriquecedor entre eles, pois cada um evidencia seus conhecimentos, experiências e preconceitos referentes ao Caxambu de Andorinha, todos foram ouvidos e refletidos em grupo. Também foram resultados destas discussões o levantamento de questões referentes ao patrimônio cultural, herança cultural, ancestralidade, religião, etnocentrismo, teorias racistas do século XIX e temáticas atuais afro-brasileiras. O resultado na escola foi a produção do livro *Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo no Sudeste*, patrimônio cultural do Brasil, através de uma ação interdisciplinar com as áreas de conhecimento de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. O livro produzido com os alunos do Ensino Médio foi apresentado à comunidade no Simpósio de Equidade Racial com representantes da comunidade e de todas as escolas do município.

O livro *Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo no Sudeste*, patrimônio cultural do Brasil, tornou-se uma fonte importante para o presente estudo, pois revela visões que ficaram registradas através de textos, desenhos e fotos dos estudantes, após o processo de rodas de conversas, leituras e reflexões que tiveram como foco o Caxambu de Andorinha e sua valorização na comunidade. Este livro foi o produto final, exigido pelo mestrado profissional após as pesquisas realizadas.

Por fim, este trabalho de pesquisa utiliza uma abordagem antropológica com ênfase na Antropologia da Religião, uma das constitutivas das Ciências da Religião, valorizando a cultura em todas as suas expressões, estruturando-se em um processo de escrita de uma dissertação, gerando reflexões e releituras.

A antropologia da religião nasce com a preocupação com o outro, com aqueles que a sociedade ocidental não considerava, não estudava, era visto como cultura inferior pautado no processo imperialista e colonialista do século XIX. A diversidade de povos encontrados no mundo com características e desenvolvimentos diferenciados causava questionamentos que moviam os cientistas para a pesquisa. Silas Guerriero cita que não se pode separar a Antropologia da Religião de outras Antropologia, pois como ciência a mesma busca o ser humano em sua totalidade, a cultura numa perspectiva holística e o estudo religioso de um povo permite esta visão ampliada do desenvolvimento dos grupos humanos.²

Com o desenvolvimento dos estudos da Antropologia “A religião do outro ganhou reconhecimento e valor”. A magia, as feitiçarias em geral, os mitos e tudo que envolve qualquer sistema de crenças passaram a ser vistos no valor que trazem em si mesmos. ” Essa ideia orientou esta pesquisa sobre o Caxambu de Andorinha, pois esta dança carregada de aspectos religiosos teve reconhecimento do governo brasileiro como patrimônio cultural e hoje configura-se uma riqueza nacional, por guardar memórias e vivências de um povo.³

O referencial teórico, parte importante desta pesquisa acadêmica, foi conduzido pelas ideias de rituais do antropólogo britânico Victor Turner, que valorizava a experiência ritual. Assim, o Caxambu de Andorinha foi descrito e analisado contemplando a ideia de ritual deste teórico, uma experiência coletiva carregada de cultura, tradição, história e analisando as vantagens e desvantagens da proximidade deste ritual com a religião Umbanda. As informações

² GUERRIERO, Silas. Antropologia da religião apud PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p.243-244.

³ GUERRIERO apud PASSOS, USARSKI, 2013, p.247.

foram sintetizadas e apresentadas para fornecer uma base teórica para o estudo, auxiliando em todo o processo de entendimento do problema evidenciado e nos resultados obtidos.

A presente pesquisa evidenciou também teorias do antropólogo francês René Girard, dos antropólogos brasileiros Sérgio Ferretti, Mariza Peirano, e os estudos de religião ligados aos cultos afro-brasileiros e religião e espaço público da antropóloga Patrícia Birman. Conjuntamente foram analisados os estudos do teólogo argentino José Severino Croatto que é reconhecido por sua abordagem hermenêutica, que enfatiza o papel das narrativas, símbolos e rituais como linguagens fundamentais da experiência religiosa para o entendimento do Caxambu de Andorinha. Os documentos do Iphan, através dos dossiês sobre os bens culturais de natureza imaterial foram amplamente utilizados, buscando fundamentar a visão do caxambu/jongo como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

Este processo investigativo que se apresenta é referente ao Mestrado Profissional em Ciências da Religião dialogando diretamente com o espaço público e a educação, na área correlata de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que abrange uma ampla gama de disciplinas e campos de estudos com interesse em comum de compreender e analisar os aspectos sociais e humanos da realidade.

Conhecer o Caxambu de Andorinha pode aprofundar o entendimento sobre a diversidade religiosa brasileira e os modos como as tradições afro-brasileiras se articulam com questões de identidade, resistência e espiritualidade. Para a pesquisadora, este estudo não só amplia a compreensão das dinâmicas, rituais e narrativas que sustentam essa prática, mas também contribui para a valorização e preservação de um patrimônio imaterial que dialoga com processos históricos, religiosos e socioculturais complexos. Assim, a investigação torna-se uma oportunidade única para refletir sobre a riqueza e os desafios que envolvem o caxambu na atualidade, sendo uma pesquisa pertinente às Ciências da Religião, com o intuito de estabelecer diálogos com uma abordagem voltada para uma aplicação prática do conhecimento.

Esta pesquisa está organizada da seguinte forma: 1) no primeiro capítulo são tratados os aspectos conceituais, religiosos e históricos do caxambu, assim como a sua evolução e reconhecimento como patrimônio histórico e cultural do Brasil, aprofundando no conhecimento da história do Caxambu de Andorinha, objeto da pesquisa; 2) no segundo capítulo é a vez de falar sobre o Caxambu de Andorinha, tradição associada às manifestações culturais afro-brasileiras que pode ser compreendido como um ritual devido à sua estrutura simbólica e performática envolvendo música, dança e espiritualidade, sendo relevante entender o seu

conceito como ritual; 3) e, por fim, o terceiro e último capítulo apresenta a vivência da autora com o grupo Caxambu de Andorinha, mostrando a preservação da cultura com uma oficina de fabricação de tambores de caxambu e apresentando o produto final deste estudo que é um livro organizado pela autora “Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste”, apresentando-o como patrimônio cultural do Brasil, e ainda os aspectos relevantes sobre a divulgação do Caxambu de Andorinha na comunidade de Jerônimo Monteiro - ES e sua possível expansão para outros municípios, estado, país e quiçá internacionalmente como parte da cultura afro-brasileira.



1 CAXAMBU: UM ITINERÁRIO DE RESISTÊNCIA

Neste capítulo apresenta-se os aspectos conceituais, religiosos e históricos do caxambu, assim como a sua evolução e reconhecimento como patrimônio histórico e cultural do Brasil, aprofundando no conhecimento do Caxambu de Andorinha, objeto da pesquisa.

1.1 O que é o caxambu?

Segundo o Iphan, instituição brasileira responsável pela preservação, proteção e promoção do patrimônio cultural do país, o caxambu, também denominado jongo, é uma dança, uma forma de expressão afro-brasileira que integra percussão de tambores, dança coletiva e práticas de magia. O Jongo no Sudeste, como também é conhecido, foi proclamado Patrimônio Cultural do Brasil de natureza imaterial pelo Conselho Consultivo do Iphan e registrado no livro de formas e expressão, reconhecendo a importância desta expressão cultural no Brasil.⁴

O caxambu é uma manifestação cultural de origem africana que combina música, dança e canto, sendo especialmente significativa em rituais e celebrações das comunidades afro-brasileiras. Com raízes nos quilombos e nas tradições religiosas afrodescendentes, essa prática é caracterizada pelo uso de tambores – conhecidos também como caxambu ou angoma – e pela presença marcante de cantos responsoriais, nos quais um solista lidera e o coro responde. O caxambu é também associado ao jongo, uma forma de expressão que mistura elementos religiosos, poéticos e corporais, sendo reconhecido como precursor do samba. Como aponta Roberto Moura, o caxambu é uma expressão que “perpetua a memória de resistência cultural dos africanos e seus descendentes no Brasil”.⁵

Os povos da África Austral, do tronco linguístico Bantu, através da tradição oral, fizeram nascer em terras brasileiras esta dança coletiva circular, de louvor aos antepassados, pautada nos saberes, crenças e ritos dos povos africanos vindos ao Brasil por meio da diáspora estabelecida entre os séculos XVI e XIX.⁶

⁴ IPHAN. *Jongo no Sudeste*. Brasília, DF: Iphan, 92 p.: il. color. ; 25 cm. + CD ROM. – (Dossiê Iphan; 5), 2007, p.14.

⁵ MOURA, Roberto. *O samba: Resistência cultural e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983, p.45.

⁶ IPHAN, 2007, p.14.

A dança do caxambu é expressa, na visão da pesquisadora Sara Passabon Amorim, como uma celebração coletiva em roda em que os participantes do grupo compartilham saberes ancestrais conduzidos pelos sons dos tambores, conduzidos por um líder que puxa a cantoria repetida em coro pelos integrantes e público que assiste. A pesquisadora utiliza a expressão corpos em movimentos, perseverantes e acalorados, demarcando uma dança sagrada e profana nos espaços públicos.⁷

A origem do caxambu/jongo remonta ao século XIX, nas fazendas de cana-de-açúcar e café da região sudeste do Brasil, principalmente nas fazendas do vale do rio Paraíba do Sul, espalhando-se pelo território fluminense e capixaba⁸. Os trabalhadores escravizados africanos e seus descendentes criaram a dança como forma de descontração e resistência às situações de opressão do cotidiano e à condição social marginal que a etnia africana e afrodescendente vivenciavam em uma estrutura social marcada pelo trabalho escravo. Essa condição marginal era cantada pelos grupos com letras que falavam de si, da comunidade, assim os escravos expressavam suas vivências e passavam mensagens através da linguagem cifrada.

Por vezes, as autoridades viam a dança do caxambu/jongo como uma ameaça. Ao longo da escravidão no Brasil e do século XX esta dança foi objeto de repressão direta, alternada com tolerância supervisionada, pois poderia representar a formação de sociedades secretas. O dossiê nº 5 do Iphan define o jongo como canto de protesto, subjugado, mas resistente.⁹

José Jorge de Carvalho afirma que o Jongo relata parte do processo histórico vivido pelos negros do Brasil. Relaciona os movimentos da ‘dança’ ao cotidiano de atividades da vida rural.

Algumas das habilidades mostradas nessas danças são, em certa medida, habilidades rurais: destreza manual, força muscular nos braços, pernas e coxas; resistência e disposição para lidar com o confronto físico aberto e assim por diante. Paralelamente à exibição física temos a exibição poética e a melodia cantada: samba de roda, capoeira, jongo entre outros gêneros similares, todos incorporam a improvisação e a disputa poética, e o desafio entre cantores articulados com as respostas do coro.¹⁰ Na época da escravidão, o jongo era utilizado como forma de comunicação dos negros, que, por meio dos pontos enigmáticos ou cifrados (metáforas que apenas eles podiam compreender), expressavam uma poética e complexa forma de resistência, um

⁷AMORIM, 2017. p.35.

⁸ Jongo, caxambu ou tambu é uma prática cultural que integra canto, dança circular e percussão de tambores. Foi trazido para o Brasil por africanos do grupo etnolinguístico banto, chegados à costa do Sudeste na primeira metade do século XIX, oriundos dos países, cujos nomes hoje atende por Angola e Moçambique (Mattos & Abreu, 2010), consolidando-se nas senzalas de cana de açúcar e de café no Sudeste brasileiro.

⁹IPHAN, 2007, p.22-23.

¹⁰ CARVALHO, José Jorge. Um panorama da música afro-brasileira. Parte 1. Dos gêneros tradicionais aos primórdios do samba. *Série antropologia*, no 275, Dpto de Antropologia da UnB. Brasília: UnB, 2000, p.15.

espaço para exercitarem uma comunicação interna em meio à situação de cativo que viviam.¹¹ Por exemplo, os pontos podem ser considerados análogos ao que concebemos por provérbios e trata metaforicamente da vida da comunidade, eram utilizados para resolver pendências, assim como ocorre em alguns grupos étnicos da África. Nas senzalas o jongo teve a função de socialização dos escravos que eram proibidos de se expressar e o tempo todo vigiados, sendo, portanto uma das maneiras de dizer, por meio de metáforas, aquilo que só eles poderiam entender para manterem-se unidos e preservando sua cultura.¹²

A linguagem do jongo/caxambu é associada à necessidade dos escravos de se comunicarem sem que seus senhores compreendessem, era uma busca por liberdade de expressão deles, formando um jogo de manipulação das palavras.¹³ Neste mesmo sentido narram Aissa Afonso Guimarães e Oswaldo Martins de Oliveira: “Nas rodas de jongs e caxambus a palavra é cantada, direciona o ritual e dá o recado.”¹⁴ A palavra tem destaque nesta expressão cultural, sendo a oralidade fundamental na continuidade da tradição herdada dos ancestrais africanos.

Numa classificação atual sobre os pontos das rodas de jongo, estes podem desempenhar diversas funções. Existem, por exemplo: os pontos de visaria ou bizzaria (para animar a dança), pontos de louvação (que faz a saudação de pessoas ou entidades espirituais do grupo), pontos de demanda (que é um desafio enigmático a outro jogueiro), pontos de despedida (para o encerramento). Cada comunidade utiliza os pontos de forma muito particular, porém há alguns pontos que são entoados por grande parte das comunidades, nas quais também é possível identificar sempre o exercício de improviso dos mestres jogueiros nas rodas.¹⁵

O documentário Jongo do Sudeste (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular / IPHAN, 2005), apresenta um panorama geral sobre a prática do jongo, enfocando de forma mais abrangente sobre os pontos de demanda que representam o caráter enigmático do jongo, identificando que alguns pontos com temas conhecidos hoje foram cantados no passado como desafios entre as lideranças, os “cumbas”, na região de Congo e Angola, no início do século XX. De acordo com depoimentos de mestres jogueiros, registrados em pesquisas, como no documentário citado, caso o jogueiro não “desatasse o ponto” ao qual foi desafiado por outro,

¹¹ Além de fazer parte de festejos dos escravos, os jongs eram cantigas de trabalho em grupo. Serviam também para avisar a chegada do senhor ou do feitor. A comunicação cifrada continuava nos jongs cantados fora do trabalho, que, por vezes, eram satíricos.

¹² MORGADO, Ana Cristina. As múltiplas concepções da cultura. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 4, n.1, mar. 2014, p.26.

¹³ IPHAN, 2007, p.22-23.

¹⁴ GUIMARÃES, Aissa A.; OLIVEIRA, Oswaldo Martins de. *Jongs e Caxambus: cultura afro-brasileira no Espírito Santo*. Vitória, ES: UFES, Proex, 2018, p.35.

¹⁵ MORGADO, 2014, p.27.

ou seja, se ele não conseguisse “decifrar o ponto”, ele entrava em transe e corria o risco de sofrer danos. Era necessário que um jongueiro “entendido” ou “iniciado” desatasse o ponto para liberar o jongueiro que estava “amarrado” em transe.¹⁶

O caxambu é apresentado em eventos comunitários, encontros de jongueiros e caxambuzeiros, festas populares, profanas ou sagradas reunindo santos católicos e de divindades afro-brasileiras, que reúnem caxambuzeiros para cantar e dançar. Assim, esta dança se apresenta carregada de religiosidade, acompanhando a cultura brasileira que também tem esta característica.¹⁷

Os jongueiros citam que o jongo/caxambu e a religião Umbanda são próximos, mas não se confundem, embora haja entre os do entorno visões discordantes.¹⁸ O documento do Iphan ainda relata que muitos praticantes do jongo são fieis da Umbanda, mas deixam claro que o caxambu não tem incorporação de entidades e ligação direta com ritos religiosos umbandistas.¹⁹

Além de sua dimensão artística, o caxambu possui um papel social e espiritual, servindo como espaço de transmissão de saberes, valores e histórias. Segundo José Antônio Carvalho (2007, p. 112), "o caxambu não é apenas um ritmo; é uma linguagem cultural que carrega os ensinamentos dos ancestrais, unindo comunidades em torno da memória e da luta." Suas performances, realizadas frequentemente em círculos, criam um ambiente de comunhão e pertencimento, enquanto reforçam a importância do respeito às tradições e da preservação da herança afro-brasileira. Essa manifestação, portanto, transcende o aspecto meramente performático, sendo uma poderosa ferramenta de resistência e identidade cultural.²⁰

De acordo com o livro *Jongos e Caxambus* organizado por Aissa Afonso Guimarães e Oswaldo Martins de Oliveira, o estado do Espírito Santo reúne a maior base de grupo de jongs em atividade, sendo, portanto, importante para a cultura estadual e consequentemente do Brasil, conhecer e divulgar esta dança na busca constante de valorização deste bem cultural.²¹

¹⁶ MORGADO, 2014, p.27.

¹⁷ IPHAN, 2007, p.31.

¹⁸ Aprofundar a partir da leitura de FERRETI, Sérgio. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013, podendo ser verificado resumidamente em VERAS, Hermes de Souza. Resenha: FERRETI, Sérgio. *Repensando o sincretismo* 20213. 2. ed. São Paulo: Edusp; Arché Editora, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(2): 327-331, 2018.

¹⁹ IPHAN, 2007, p.37-38.

²⁰ CARVALHO, José Antônio. *Ritmos e resistência: A tradição afro-brasileira no caxambu e no jongo*. São Paulo: Editora Brasileira, 2007, p.112.

²¹ GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2018, p.58.

1.1.1 A luta pelo reconhecimento do Caxambu como Patrimônio Cultural do Brasil

A perspectiva de cultura defendida pelo antropólogo Clifford Geertz permite compreender o conceito de cultura como semiótico, carregada de processos de significação. Os seres humanos atribuem significado e comunicam ideias, sentimentos e conceitos uns aos outros, sendo, portanto, importante descrever, analisar e preservar as culturas.²²

A cultura de uma sociedade é transmitida das gerações adultas para as gerações mais jovens por meio da educação. Educar é, portanto, transmitir os valores, conhecimentos, as técnicas, o modo de viver, enfim, a cultura do grupo. A aquisição e a perpetuação da cultura são um processo social, não biológico, resultante da aprendizagem. Cada sociedade transmite às novas gerações patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados. Por isso, a cultura é também chamada de herança social.²³

É importante, portanto, considerar aqui a trajetória do desenvolvimento do conceito de cultura à luz da Antropologia. “Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”.²⁴ O conceito de cultura não é algo novo. No sentido antropológico temos várias tentativas de conceituação da cultura.

Nos últimos séculos muitos autores apresentaram suas interpretações e embora a palavra cultura não seja recente, seu estudo ganhou mais relevância quando a Antropologia surgiu como área de conhecimento, que foi no século XVIII, cujo debate antropológico ganhou fôlego mesmo a partir do século XIX com uma sistematização do conhecimento, suscitando novas pesquisas com a preocupação de estabelecer leis gerais para a interpretação e descrição dos fenômenos da cultura.

Assim, inicialmente o conceito de cultura remete à civilização a qual se partia de estágios de evolução. É possível identificar no pensamento de Edward Taylor, um dos primeiros autores a formular o conceito “cultura” ao tentar argumentar sobre “ciência da cultura”, em seu amplo sentido etnográfico, “é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade.”²⁵

²² GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.4.

²³ MORGADO, 2014, p.2.

²⁴ GEERTZ, 2008, p.4.

²⁵ TAYLOR, Edward *apud* MORGADO, 2014, p.3.

Clifford Geertz nos proporciona uma nova dinâmica ao conceito de cultura partindo de uma definição semiótica que acredita que “o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu”. Para ele, “a cultura é pública, porque o significado o é”. E a antropologia, neste contexto, não deve ser vista como uma ciência experimental em busca de leis, como quiseram fazer crer os primeiros antropólogos, mas sim como ciência interpretativa em busca de significados. Assim, para Geertz, a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações em um processo contínuo, por meio do qual os indivíduos vão encontrando sentido em suas ações.

Ela ocorre na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados. Ao tratar do conceito de cultura sob o aspecto semiótico, acreditamos que Geertz contribui para entendermos as questões estruturais da sociedade nas diversas épocas e realidades contextuais e, sobretudo, das diferenças e transformações que vêm ocorrendo na pós-modernidade.²⁶

Desde a década de 1970, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em seu importante papel na proteção do patrimônio cultural do mundo, promovendo a diversidade cultural, vem valorizando o patrimônio cultural imaterial. No Brasil, a Constituição de 1988 nos artigos 215 e 216 destacam a importância da valorização dos bens culturais materiais e imateriais. Assim, o estado brasileiro passou a realizar um conjunto de ações para salvaguardar estes bens, propiciando proteção e incentivo às manifestações culturais que deixavam de ser marginais e perseguidas.²⁷

Por cultura imaterial de acordo com a visão antropológica fornecida por Sérgio Ferretti, entende-se crenças, conhecimentos, a religião, a magia, as formas de organização social, política, a linguagem, etc. O registro e a salvaguarda dos bens culturais se fazem necessários para valorizar um povo, além disso são necessárias políticas públicas para que esta cultura possa sobreviver dentro do contexto social carregado de mudanças.²⁸

Quando se refere à dança do caxambu, é registrada como uma dança de origem afrodescendente que dentro do contexto brasileiro ao longo do século XIX e até meados do século XX era apenas tolerada pelas classes dominantes. Portanto, os registros desta manifestação cultural nestes períodos são escassos.²⁹

²⁶ MORGADO, 2014, p.3.

²⁷ FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Cultura Popular e Patrimônio Imaterial: O contexto do Tambor de Crioula no Maranhão. *Revista de Políticas Públicas*, São Luís - MA, número especial, ago. 2010, p.173-179.

²⁸ FERRETTI, 2010, p.173-179.

²⁹ FERRETTI, 2010, p.173-179.

O registro do jongo/caxambu com patrimônio cultural imaterial do Brasil remonta ao ano de 2001, uma ação do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP)³⁰. Kalyla Maroun cita em sua tese de doutorado as justificativas de Mattos e Abreu (2007, p. 70) para a candidatura do jongo:

[...] destacou-se a sua representatividade na tão propalada tese da “multifacetada identidade cultura brasileira”, conforme termo dos próprios documentos produzidos pela pesquisa do Iphan. Também foram valorizados o seu papel de representante da resistência afro-brasileira, na região Sudeste, assim como o seu caráter de referência cultural, como remanescentes do legado dos povos africanos de língua bantu escravizados no Brasil. Por fim, outro fator considerado foi a necessidade de apoio do poder público às comunidades que passam por dificuldades econômicas básicas.³¹

Desde 1996 os jongueiros começaram a se mobilizar realizando encontros para se organizarem. Em 2000 foi criada uma rede de Memória para valorizar a dança, preservar e lutar por melhores condições de vida dos jongueiros. Assim nasceu a solicitação para que o jongo fosse considerado um patrimônio cultural do Brasil. A união dos jongueiros e caxambuzeiros contribuiu para dar visibilidade a esta expressão cultural.³²

Como narrado anteriormente, o reconhecimento oficial do Iphan aconteceu em 2005, quando o Jongo no Sudeste foi proclamado Patrimônio Cultural do Brasil, registrado no livro de Formas e expressão depois do trabalho realizado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) através de um inventário desta riqueza cultural.

A luta pelo reconhecimento do caxambu como Patrimônio Cultural do Brasil representa, portanto, um esforço coletivo de comunidades afrodescendentes para garantir a preservação e valorização de suas práticas tradicionais. Esse movimento busca não apenas o registro formal, mas também o fortalecimento das políticas públicas que assegurem a continuidade das expressões culturais ligadas ao caxambu, como a dança, a música e a oralidade. Segundo Maria do Carmo Silva (2015, p. 87), “o reconhecimento oficial do caxambu como patrimônio imaterial

³⁰ Manifestações musicais, artísticas e religiosas, tal como o jongo, passaram a ocupar candidaturas de bens imateriais a partir do Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000, que criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, no âmbito do Ministério da Cultura. Nesse mesmo ano se inicia o inventário sobre o Jongo do Sudeste, que serviu como base para o seu registro com bem cultural imaterial. A partir deste Decreto, criam-se instrumentos de identificação, proteção e salvaguarda dos patrimônios imateriais.

³¹ MOROUN, Kalyla. Jongo e educação: a construção de uma identidade quilombola a partir de saberes étnico-culturais do corpo. *Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-RIO*, 2013, p. 25.

³² MONTEIRO, Elaine; SACRAMENTO, Mônica Pereira do. Pontão de Cultura de bem registrado e salvaguarda de Patrimônio Imaterial: a experiência do Jongo no Sudeste. *Políticas Culturais: teoria e práxis*. <http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/pontao_de_cultura_de_bem_registrado_e_salvaguarda_de_patrimonio.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2024, p.2.

não é apenas uma questão de validação estatal, mas um ato de resistência frente ao apagamento histórico das contribuições africanas na formação cultural do Brasil.”³³

Além disso, a mobilização em torno desse reconhecimento destaca o papel das comunidades quilombolas e dos mestres de saberes na construção de um discurso identitário que ressignifica o caxambu como símbolo de memória e luta. Eliane Santos Rocha afirma que “ao reivindicar o caxambu como patrimônio, as comunidades não apenas protegem suas tradições, mas também reivindicam um espaço legítimo na narrativa histórica nacional.” Essa luta reforça a importância da participação comunitária em processos de patrimonialização e coloca em evidência o valor sociopolítico das manifestações culturais como ferramentas de resistência e transformação.³⁴

1.1.2 A História do caxambu no sul do estado do Espírito Santo

A região sul do Espírito Santo no século XIX foi marcada pelo desenvolvimento de lavouras cafeeiras com utilização de mão-de-obra escrava oriunda de outras partes do Brasil e do continente africano.³⁵ A origem e desenvolvimento do caxambu está ligado aos batuques praticados desde o tempo da escravidão no Brasil, praticada pelos africanos e seus descendentes.³⁶ É possível reconhecer a relação entre caxambu e os africanos na frase: “A prática do caxambu funde dois tempos: a ancestralidade-memória e tradição do negro no Brasil - e a contemporaneidade - marcada pelo pertencimento e afirmação dos afrodescendentes”.³⁷

A presença do caxambu no Espírito Santo vem do século XIX, com descrições do viajante austríaco, o príncipe Von Maximiliano Wied-Neuwied, que passou pela província entre os anos de 1814 e 1817, ele teria registrado toques de tambores e cantigas dos escravizados, sendo por isso um dos primeiros registros sobre o uso do tambor, instrumento central dos jongs/caxambus. Outro registro é de 1848, feito por moradores do vale do Rio Muqui, que

³³ SILVA, Maria do Carmo. *Cultura e resistência: A luta pelo reconhecimento das tradições afro-brasileiras*. Salvador: Editora Axé, 2015, p.87.

³⁴ ROCHA, Eliane Santos. *Patrimônio e identidade: O papel das comunidades afrodescendentes no Brasil*. São Paulo: Editora Raízes, 2020, p.152.

³⁵ AMORIM, 2017, p.75.

³⁶ AMORIM, 2017, p.63.

³⁷ AMORIM, 2017, p.31.

foram à delegacia do distrito de Itapemirim denunciar um quilombo, de onde ouviam toques de tambores à noite.³⁸

O caxambu/jongo foi citado em 1940 por Rubem Braga, escritor de Cachoeiro de Itapemirim, sul do estado do Espírito Santo, que descreve vividamente o jongo “uma dança realmente bela, cheia de aflição e, como já disse, desespero, mas cheia também de molecagem”. Esta passagem evidencia sua escrita sensível e observadora sobre o caxambu, dando visibilidade para essa manifestação cultural, ajudando a promover uma maior entendimento e apreciação das tradições afro-brasileiras.³⁹

O caxambu no sul do Espírito Santo tem uma história profundamente enraizada nas tradições das comunidades quilombolas da região, sendo um elemento cultural que atravessa gerações. Sua origem remonta ao período colonial, quando os africanos escravizados trouxeram práticas musicais e religiosas que se fundiram às expressões locais. Segundo João Carlos Pereira, "o caxambu nasceu como uma forma de resistência cultural, reunindo dança, música e religiosidade, especialmente em momentos de celebração e devoção nos quilombos". Essa manifestação consolidou-se como um símbolo de identidade coletiva, mantendo vivas as heranças africanas em meio a contextos de adversidade.⁴⁰

Sara Passabon Amorim, em seu livro *A performance bantu do Caxambu: entre ancestralidade e contemporaneidade*, registra como pesquisadores reconheciam a proximidade do caxambu e do jongo no sul do Espírito Santo. Em sua dissertação de mestrado Adailton da Silva cita Edison Carneiro (1982), que em suas pesquisas sobre o caxambu, referiram-se às palavras jongo e caxambu como sinônimas.⁴¹

A prática do caxambu foi praticada por gerações, passada de forma oral, entre os participantes, que vivenciavam experiências de grupo em suas comunidades, mantendo uma tradição. Durante o século XX, o caxambu enfrentou desafios devido às transformações sociais e à urbanização, que ameaçavam a continuidade da prática. Entretanto, esforços locais de mestres e comunidades têm sido essenciais para preservar e revitalizar o caxambu. Como aponta

³⁸ GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2018, p.38-39.

³⁹ BRAGA, Rubem. In: SILVA, Adailton da. Relatos sobre o Jongo: Reflexões e episódios de um pesquisador negro. Dissertação de Mestrado. *Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília*, 2006, p.12.

⁴⁰ PEREIRA, João Carlos. *Quilombos e cultura afro-brasileira no Espírito Santo*. Vitória: Editora Capixaba, 2012, p.45.

⁴¹ CARNEIRO, Edison. Adailton da. Relatos sobre o Jongo: Reflexões e episódios de um pesquisador negro. Dissertação de Mestrado. *Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília*, 2006, p.16.

Ana Maria Santos, "os grupos tradicionais de caxambu no sul do Espírito Santo desempenham um papel crucial na transmissão dos saberes, perpetuando as músicas, danças e cantos que narram as histórias de seus antepassados". Além disso, a articulação comunitária com pesquisadores e movimentos culturais tem contribuído para o reconhecimento do valor histórico e simbólico dessa tradição.⁴²

No início do século XXI, com o reconhecimento do jongo/caxambu como patrimônio cultural do Brasil, os grupos de caxambu começaram a se articular em busca de manter viva a cultura. No Espírito Santo, o primeiro encontro de grupos de jongs-caxambus ocorreu nos dias 03 e 04 de outubro de 2009 em Cachoeiro de Itapemirim. Em 2012 foram realizadas pesquisas de campo para identificação de grupos e mestres, realizado pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, através de variados projetos de extensão. Em 2018 o Estado do Espírito Santo reunia cerca de 26 agrupamentos de jongs e caxambus, o maior da região sudeste do Brasil.⁴³

A partir dos encontros de jongueiros, e do reconhecimento do jongo/caxambu como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo poder público, houve uma valorização dos sujeitos detentores dos saberes relativos à cultura afro-brasileira. Os grupos de jongs/caxambus se mobilizaram para serem registrados e receberem o reconhecimento pelo Iphan.⁴⁴

Estas ações envolvendo os grupos de jongueiros e caxambuzeiros, pesquisadores da UFES e a sociedade civil, foram importantes para dar visibilidade a grupos de jongs e caxambus capixabas, que andavam sozinhos na manutenção dessas culturas enfrentando muitas adversidades sociais. Como registrou Elaine Monteiro, "temos muito que conhecer e aprender com as comunidades jongueiras e caxambuzeiras e de que a partilha de saberes contribuirá para o desenvolvimento de ações no campo da educação e cultura...".⁴⁵

Nos últimos anos, o caxambu ganhou visibilidade através de projetos culturais e acadêmicos que destacam sua importância histórica e social. Essas iniciativas reforçam o caxambu como patrimônio imaterial e como uma prática que transcende o aspecto artístico, atuando como veículo de resistência e união. Renata Oliveira Costa ressalta que "a valorização do caxambu no Espírito Santo é um exemplo do poder das tradições culturais para fortalecer as

⁴² SANTOS, Ana Maria. *Ritmos da resistência: Tradições afrodescendentes no Espírito Santo*. São Paulo: Editora Cultural, 2018, p.123.

⁴³ GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2018, p.42-58.

⁴⁴ AMORIM, 2017, p.34-35.

⁴⁵ GUIMARÃES; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de.2018, p.31.

identidades regionais e desafiar o esquecimento histórico". Assim, a história do caxambu no sul do Espírito Santo é marcada por uma combinação de resistência, ressignificação e luta pela permanência de uma herança cultural viva.⁴⁶

O caxambu para os negros e afrodescendentes do Estado do Espírito Santo é momento de lazer, de entretenimento, de ritual, de celebração, de denúncia da violência material e simbólica, configura-se como uma forma de pertencimento e identidade. Através da memória, de hábitos e costumes eles reavivam a situação marginal social existente e buscam manter-se vivos como forma de resistência.⁴⁷

1.2 Caxambu de Andorinha: História e Preservação Cultural

Apesar de sua crescente proliferação e de seu registro como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2005, como já mencionado, o jongo ainda não é facilmente conhecido e/ou reconhecido pela sociedade como um todo, sendo, contudo, mais reconhecido em espaços de sociabilidade específicos, tais como nas próprias comunidades jongueiras, ou nas apresentações de grupos de jongo que vem se formando numa escala cada vez maior no contexto urbano, como na cidade de Jerônimo Monteiro sul do estado do Espírito Santo, onde está instalado o barracão do Caxambu das Andorinhas, onde pouco se sabe, no senso comum, sobre os significados atribuídos à sua prática, bem como suas origens.

De outra parte, as pesquisas acadêmicas que vêm se debruçando sobre o tema tornam-se, além de inovadoras, são relevantes, uma vez que retratam a prática cultural afro-brasileira que vem sendo apropriada pelo movimento quilombola da região Sudeste, dentre outros fatores, na reafirmação de sua identidade e na luta por seu território.

O Caxambu de Andorinha é um grupo criado em 2009 pelo Sr. Sebastião de Azevedo dos Santos, que teve contato com o caxambu ao longo da sua vivência influenciado pelo seu contexto familiar, de sua comunidade e desenvolveu laços emocionais com a tradição popular.

⁴⁶ COSTA, Renata Oliveira. *Caxambu e identidade: Tradição e patrimônio cultural no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Editora Memória, 2021, p.89.

⁴⁷ AMORIM, 2017, p.109.

A dança é uma tradição passada por indivíduos que se perpetua desde o tempo da escravidão aos dias atuais no Brasil.

Caxambu de Andorinha, manifestação cultural tradicional de algumas regiões do Brasil, destaca-se por seu papel na preservação das raízes afro-brasileiras. Originada nas comunidades negras, especialmente entre os quilombolas, essa dança ritualística incorpora elementos de celebração e religiosidade, sendo marcada por cantos, percussões e movimentos simbólicos. Segundo Regina Maria da Silva (2015, p. 45), "o Caxambu constitui não apenas uma expressão artística, mas também um meio de resistência cultural e afirmação identitária, preservando a memória coletiva de seus praticantes."⁴⁸

No que tange à história, o Caxambu de Andorinha remonta ao período colonial, quando os escravizados adaptaram práticas culturais africanas às condições locais, utilizando a música e a dança como formas de expressão e coesão social. Esses encontros, além de celebrarem suas origens, funcionavam como espaços de fortalecimento comunitário. De acordo com João Carlos Oliveira (2018, p. 72), "a tradição do Caxambu é uma rica manifestação de sincretismo cultural, refletindo tanto a opressão quanto a resiliência dos povos afrodescendentes".⁴⁹

A fotografia retrata o grupo Caxambu de Andorinha formado por homens e mulheres empenhados em preservar uma tradição e história do povo afrodescendente. Através da dança, da música, do canto este grupo apresenta e preserva uma cultura centenária.

⁴⁸ SILVA, Regina Maria da. *Danças rituais afro-brasileiras: raízes e identidades*. Salvador: Editora Afrodita, 2015, p.45.

⁴⁹ OLIVEIRA, João Carlos. (2018). *Cultura e resistência: manifestações afro-brasileiras no século XXI*. São Paulo: Editora Cultural, 2018, p.72.

Figura 1: Caxambu de Andorinha



Fonte: https://www.facebook.com/caxambudeandorinhajm/?locale=pt_BR

O grupo Caxambu de Andorinha destacado na fotografia acima foi criado por iniciativa dos senhores Sebastião de Azevedo dos Santos que estabeleceu parcerias com Manuel Raimundo da Silva (Messias) e José Ronaldo Rangel Cardoso (Zengo), e juntos foram convidando pessoas da comunidade para adentrarem ao grupo. Tendo como líder o senhor Sebastião de Azevedo dos Santos, o grupo Caxambu de Andorinha atualmente é composto por vinte e quatro integrantes que moram na área urbana e rural do município de Jerônimo Monteiro e tem seu barracão próprio, também conhecido como Ponto de Cultura, localizado no Sítio Coqueiral, na comunidade rural da Andorinha, construído a partir de 2010. No ano de 2013 estabeleceu-se o comprometimento e a organização do grupo por meio do seu Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, onde o mesmo foi adquirindo identidade.

No mapa do IDAF, Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo, é possível observar a localização do território ocupado pelo grupo Caxambu de Andorinha na área rural do município de Jerônimo Monteiro, na comunidade de Andorinha. Nesta área o grupo construiu seu barracão, o Ponto de Cultura, para as atividades realizadas pelo grupo. O caxambu nasceu historicamente na área rural e atualmente muitos grupos ainda continuam nestas áreas, que ao mesmo tempo preservam uma tradição, porém dificulta a participação devido às distâncias da área urbana, onde a maioria da população reside.

Preservar o Caxambu de Andorinha exige esforços contínuos de valorização e registro histórico. Iniciativas de inventariação, como as promovidas por instituições culturais, têm sido fundamentais para garantir a perpetuação dessa prática. Conforme Lucas Henrique dos Santos e Mariana Costa Almeida (2020, p. 89), "o reconhecimento do Caxambu como patrimônio imaterial não apenas protege a prática, mas também incentiva novas gerações a manterem vivas

As apresentações do grupo Caxambu de Andorinha ocorrem quinzenalmente aos sábados, às 19 horas, no Ponto de Cultura Barracão de Caxambu, na comunidade do município ou em comunidades vizinhas, quando são convidados. As apresentações de destaque estão relacionadas às festas religiosas de São Sebastião em 20 de janeiro, Santo Antônio em 13 de junho e São João em 24 de junho, evidenciando a proximidade da religião com a dança caxambu.

O grupo se revela muito mais que um grupo de dança, pois ao se reunirem para dançar o caxambu, também se discutem metas, projetos sociais e analisam problemas que se apresentam e são comuns. Um exemplo de problemas tratados pelo grupo em seus encontros é o problema das drogas, para isso realizam palestras de sensibilização para a temática, mostrando a importância da saúde para todos os integrantes. O líder do grupo do caxambu deixa claro para os componentes sua aversão às drogas, pois afeta a credibilidade do grupo e por isso não aceita integrantes que optam pelo uso de drogas.

Um dos objetivos do Caxambu de Andorinha é manter viva a prática cultural rítmica mais antiga da diáspora africana, promovendo integração e a harmonia entre os integrantes e público. O acolhimento é uma ação singular no grupo, pois é fortalecido a cada apresentação. Quando as apresentações ocorrem no barracão do Ponto de Cultura, no Sítio Coqueiral, integrantes e visitantes são convidados para uma confraternização após a dança, onde as pessoas conversam, se distraem e participam de leilões de assados e outras ações que visam também gerar renda para a manutenção do grupo.

Como foi possível observar através de visitas ao Ponto de Cultura Barracão de Caxambu, que possibilitou observações e conversas, o Caxambu de Andorinha além de perpetuar uma cultura intangível, abarcando noções de grupo, saberes e tradições, também faz um trabalho de acolhimento, discute problemas sociais que os indivíduos do grupo podem apresentar e ainda promove projetos sociais, como a oficina do tambor criada pelo grupo em 2023 que será tratada no capítulo 3 desta pesquisa.

No dia 25 de fevereiro de 2023, em visita ao barracão do Caxambu de Andorinha foi possível observar os preparativos para a apresentação da dança. O ritual do caxambu começa cedo com a limpeza do local bem organizada pelo líder, Sr. Sebastião, também conhecido como Sebastiãoção, que além da limpeza do local fazem preparativos que serão servidos na confraternização após a dança. As equipes de limpeza e comida são organizadas quinzenalmente pelo líder e acompanhadas pelo mesmo para que tudo esteja pronto para o início

do encontro, prezando sempre pelo acolhimento com afeto dos demais integrantes do grupo e visitantes. Aproximando-se da hora da apresentação, o grupo recebe os visitantes que são acolhidos individualmente enquanto os instrumentistas já aquecem os tambores, a casaca, o pandeiro e a sanfona, afinando os instrumentos que vão garantir o ritmo do encontro.

O líder inicia a fala dando boas vindas e acolhendo de forma coletiva, tratando dos assuntos pertinentes e logo depois inicia a apresentação do caxambu puxando o canto que é repetido em coro pelos integrantes e pelos visitantes.

A foto representa o momento inicial da dança do caxambu no barracão do grupo com o conhecido líder Sebastião que começa com o canto e o toque da casaca, acompanhado pelos integrantes do grupo que o acompanham e respondem interagindo e alegrando o ambiente.

Figura 3: Sr. Sebastião - líder do Caxambu da Andorinha



Fonte: Paulo Henrique Freitas de Oliveira

O grupo Caxambu de Andorinha se identifica visualmente com variadas vestimentas. Todos os integrantes usam uma camisa com o nome do grupo e imagens de andorinha, porém algumas camisas apresentam santos do culto Católico ou entidades da Umbanda. Ao todo são

cerca de seis uniformes diferentes. A vestimenta do grupo é diferenciada pelo gênero, os homens vestem camisas e calças e as mulheres a mesma camisa e saias rodadas bem coloridas.

O gênero também define a separação das funções no grupo do caxambu. Os homens tocam os instrumentos e as mulheres dançam em círculo no sentido anti-horário e encantam com suas saias rodadas e coloridas feitas de chita, tecido rústico que lembra a cultura afrodescendente. Todos os integrantes do grupo cantam e os visitantes são convidados para participarem da roda de dança, num movimento de integração e harmonia.

Ao analisar a fotografia é possível observar a separação por gênero no grupo, através das vestimentas e ações durante a apresentação. As mulheres dançam e batem palmas e homens são responsáveis pelos instrumentos, pelo ritmo que fazem todos cantarem juntos, animando o ambiente.

Figura 4: Apresentação do grupo Caxambu de Andorinha



Fonte: Giselli Thomaz Reis Scarpe

Durante a dança o canto é iniciado por quem desejar, homens ou mulheres e são repetidos indicando um ritual democrático com a participação incentivada a todos os instantes pelos integrantes do grupo.

As letras das músicas são chamadas pontos e revelam as situações do cotidiano do passado principalmente do tempo de escravidão e dos dias atuais. As músicas cantadas no caxambu são repassadas por gerações ou criadas pelo próprio grupo. O líder deixou claro que criou variadas letras de caxambu que canta nas apresentações. É possível registrar no trecho

abaixo, passado por gerações, muito cantado por variados grupos a história dos afrodescendentes no Brasil.

“No tempo do cativoiro
Quando o senhor batia
Eu gritava por Nossa Senhora
Como a pancada doía.
Eu choro meu cativoiro
Meu cativerá.
Qual a mãe que não chora
Ao ver seu filho chorar? ”

No verso acima citado, a vida dos escravos no Brasil durante os séculos XVI ao XIX, uma realidade social marcada pela exploração do trabalho escravo, também é possível notar uma proximidade com a religião quando é feito o apelo à Nossa Senhora pelos desafios enfrentados. As festas católicas são motivos de apresentações culturais, uma das blusas do grupo possui imagens de santos católicos e entidades da Umbanda, muitas letras das músicas utilizam palavras da Umbanda. É possível observar também que os integrantes do grupo são, em maioria, da religião Umbanda, o pontão do caxambu está ao lado da Casa de Oração e compartilham a mesma liderança do Sr. Sebastião. Por isso muitas pessoas na comunidade relacionam o Caxambu de Andorinha com a religião Umbanda, porém o próprio líder deixa claro que são coisas separadas, reforçando o aspecto cultural da dança e o religioso da Umbanda em práticas e momentos distintos.

O senhor Sebastião define o caxambu como uma “dança de pé no chão, que eles fazem com amor e felicidade”. A dança do caxambu criou ao longo dos tempos um itinerário de resistência, apesar de toda opressão que esta cultura sofreu desde o século XIX, ela chega ao século XXI resistindo mesmo diante das adversidades. A preservação e valorização das expressões culturais como a dança do caxambu são fundamentais para a identidade coletiva e para o fortalecimento dos laços sociais. A criação e sobrevivência deste grupo garante à sociedade a preservação de formas de compreensão de mundo e vivências de uma parcela da população que ainda em tempos atuais sofre com a exclusão e invisibilidade.

2 O CAXAMBU COMO ELEMENTO DA CULTURA: BASES CONCEITUAIS

O caxambu, enquanto ritual e elemento da cultura brasileira, possui bases conceituais profundamente enraizadas na ancestralidade africana e na vivência comunitária dos povos afrodescendentes. Combinando música, dança e oralidade, essa prática expressa dimensões espirituais, sociais e históricas, conectando seus participantes a valores coletivos e às memórias de resistência e sobrevivência. Segundo Regina Maria da Silva (2015, p. 23), "o Caxambu é um ritual que transcende o espaço artístico, configurando-se como uma prática de valorização cultural e espiritualidade, em que cada movimento e som carregam simbolismos ancestrais."⁵¹

Além disso, o caxambu reflete o sincretismo cultural que caracteriza a cultura brasileira, integrando elementos africanos, indígenas e europeus. Seus cantos e toques rítmicos são frequentemente utilizados em celebrações comunitárias, tanto religiosas quanto festivas, reafirmando laços sociais e identitários. Conforme João Carlos Oliveira, "o caxambu é uma linguagem cultural viva, cuja função ritualística reforça o pertencimento dos praticantes, promovendo uma reconexão com valores ancestrais e com o sagrado." Assim, esse rito se mantém como um dos pilares da resistência cultural afro-brasileira, perpetuado por gerações.⁵²

Nesta pesquisa o Caxambu de Andorinha, tradição associada às manifestações culturais afro-brasileiras, pode ser compreendido como um ritual devido à sua estrutura simbólica e performática envolvendo música, dança e espiritualidade, sendo relevante, portanto, entender aqui o conceito de ritual.

O ritual tem sido discutido por variados pesquisadores na área de Antropologia por ser considerado uma prática simbólica de relevância para a compreensão das diversidades culturais existentes no mundo, valorizando as vivências de cada população, pois são realidades únicas. Para uma maior compreensão do conceito de ritual é necessário citar que eles fazem parte da cultura humana. Os itens deste capítulo dedicam-se a explicar os conceitos de ritual a partir da sua consideração como um dos aspectos da cultura humana.

⁵¹ SILVA, 2015, p.23.

⁵² OLIVEIRA, 2018, p.48.

2.1 O conceito de ritual

Por cultura adota-se aqui o conceito do antropólogo Clifford Geertz como semiótica, que são estruturas de significados estabelecidos socialmente que necessitam ser interpretados em um contexto que pode ser descrito e analisado com densidade.⁵³

Partindo desse conceito, é possível analisar as culturas com destaque para uma etnografia detalhada que facilita as análises e compreensão do objeto de estudo assimilando o que os antropólogos entendem por ritual. A antropóloga brasileira Mariza Peirano logo na introdução do seu livro "Rituais ontem e hoje", cita a presença constante dos rituais no cotidiano das sociedades, em suas palavras: "Em qualquer tempo e lugar a vida social é sempre marcada por rituais."⁵⁴

Segundo a pesquisadora, eventos como formaturas e casamentos são potencialmente "rituais", considerando-os como fenômenos especiais nos quais os indivíduos vivenciam a revelação de aspectos de suas realidades, ressaltando que a compreensão do conceito de ritual deve ser etnográfica, dando voz aos que praticam, considerando-se a alteridade.⁵⁵

Segundo Silas Guerriero em seu texto: "Antropologia da Religião" no "*Compêndio de Ciência da Religião*", diz:

O rito é um elemento essencial da vida religiosa. São tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados. Ritual é sempre comunicação(...) O ritual de instaurar uma condição social, reforçando vínculos entre indivíduos e estabelecendo papéis sociais de cada um.⁵⁶

Esses elementos essenciais não podem ser menosprezados, pois são reforçadores da vida em sociedade. Esses mesmos comunicam o modo de vida que favorece a identidade do grupo.

Dialogando com o antropólogo social Stanley Tambiah, Mariza Peirano expõe que "o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. É constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios". Essa perspectiva permite compreender o ritual como uma prática que articula elementos performáticos, simbólicos e culturais, funcionando como um meio de transmitir valores, crenças e identidades. Dentro dessa lógica, o ritual deixa de ser apenas uma repetição de gestos ou palavras e assume

⁵³ GEERTZ, 2008, p.4-10.

⁵⁴ PEIRANO, Mariza Corrêa. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2023, p.7.

⁵⁵ PEIRANO, 2023, p.8.

⁵⁶ GUERRIERO, Silas. Antropologia da religião. PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 252-253.

um papel central na constituição e manutenção das dinâmicas sociais, sendo interpretado como uma narrativa coletiva carregada de significados históricos e culturais.⁵⁷

Ao situar os rituais nesse quadro teórico, percebe-se que eles vão além de simples práticas religiosas ou comunitárias, atuando como mediadores entre o indivíduo e o coletivo, o presente e o passado. Segundo Mariza Corrêa Peirano, os rituais são tanto eventos que criam quanto reforçam laços sociais, funcionando como "textos vivos" que refletem a estrutura e os valores de uma sociedade. Dessa forma, eles são imprescindíveis para compreender como as sociedades se organizam, transmitem seus valores e se adaptam às mudanças. No caso de práticas como o Caxambu, o ritual é um espaço de resistência e memória, articulando dimensões históricas e culturais que ressoam nas identidades afro-brasileiras.⁵⁸

Considerando o conceito de ritual da etnóloga francesa Martine Segalen, “o ritual é um conjunto de atos formalizados e portadores de uma dimensão simbólica, que utilizam objetos, sistemas de linguagem, comportamentos específicos e signos. ” Sob essa perspectiva, o ritual se apresenta como um mecanismo estruturado de expressão cultural que traduz elementos de crenças, valores e identidades compartilhadas por uma comunidade. Ele não apenas reproduz práticas tradicionais, mas também organiza o sentido coletivo, permitindo aos participantes compreender e reafirmar seu pertencimento a uma determinada visão de mundo.⁵⁹

Essa formalização, apontada por Segalen, é essencial para a compreensão do impacto social dos rituais. A organização dos atos, o uso de símbolos e a adoção de comportamentos padronizados conferem ao ritual um caráter universal, ainda que cada prática seja única e profundamente contextualizada. Os símbolos utilizados nos rituais, como objetos sagrados, músicas ou gestos específicos, reforçam um imaginário comum, traduzindo significados que transcendem a dimensão individual e se projetam no coletivo. Assim, o ritual se torna uma narrativa cultural compartilhada, onde os participantes reconhecem a si mesmos como parte de um todo.⁶⁰

Além disso, a dimensão simbólica dos rituais permite que eles sejam reinterpretados e ressignificados ao longo do tempo, sem perder sua essência estruturante. A capacidade de se adaptar às transformações sociais, mantendo a coesão do grupo, demonstra a força simbólica e

⁵⁷ PEIRANO, 2023, p.9.

⁵⁸ PEIRANO, 2023, p.9.

⁵⁹ SEGALIN, Martini, 1998 *apud* DA COSTA VITORINO, Diego. *Jongo—a estética da resistência Jongo-la estética de la resistencia Jongo-the aesthetics of resistance. Corpos insurgentes e dissidentes nos processos de educação*, 2022, p.19.

⁶⁰ SEGALIN, 1998 *apud* DA COSTA VITORINO, 2022, p.19.

funcional do ritual. Como destaca Segalen, “o ritual não é estático, mas dinâmico; ele molda e é moldado pelas relações sociais, permanecendo central para a formação e a manutenção do coletivo.” Dessa forma, o ritual não apenas reflete a mentalidade do grupo, mas também a molda continuamente, reafirmando os laços entre seus membros.⁶¹

No livro *As linguagens da experiência religiosa*, José Severino Croatto, um dos principais pesquisadores das Ciências da Religião, define o ritual como uma linguagem simbólica essencial na mediação entre o ser humano e o sagrado. Ele destaca que o ritual não se resume a um conjunto de atos formais ou repetitivos, mas constitui uma experiência comunicada de sentido, capaz de atualizar a relação do indivíduo com o transcendente e de expressar valores fundamentais de uma comunidade religiosa. Essa definição sublinha o papel do ritual como um fenômeno que ultrapassa a dimensão prática, revelando-se como um campo privilegiado para a compreensão do sentido humano e da busca espiritual.⁶²

Croatto enfatiza que o ritual organiza o tempo e o espaço de forma a transcender o cotidiano, possibilitando uma vivência de dimensões mais amplas da existência humana. Ele argumenta que essa organização não apenas desloca os participantes da rotina, mas também cria uma esfera sagrada, onde se estabelecem conexões com o transcendente. Essa estruturação simbólica, segundo Croatto, é indispensável para que os praticantes possam vivenciar uma experiência espiritual autêntica e significativa. Desse modo, o ritual não apenas reflete uma tradição religiosa, mas também a renova, oferecendo um espaço para que os valores e crenças sejam continuamente atualizados.⁶³

Além disso, Croatto aponta que os rituais, ao articular elementos simbólicos e performáticos, desempenham uma função pedagógica e comunitária. Eles ensinam, por meio de gestos e símbolos, os valores fundamentais de uma tradição religiosa, ao mesmo tempo que reforçam o senso de pertencimento ao grupo. Assim, o ritual não apenas comunica o transcendente, mas também organiza a comunidade em torno de uma memória compartilhada, reafirmando laços sociais e espirituais. Como Croatto observa, “o ritual é a manifestação visível de um ethos comunitário que, ao ser repetido, renova as bases da identidade coletiva”.⁶⁴

⁶¹ SEGALLEN, 1998 *apud* DA COSTA VITORINO, 2022, p.19.

⁶² CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vasquez Gutiérrez. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p.328.

⁶³ CROATTO, 2010, p.328.

⁶⁴ CROATTO, 2010, p.89.

Finalmente, o estudo de Croatto evidencia a importância do ritual como um elemento estruturante das práticas religiosas e da espiritualidade humana. Sua abordagem demonstra que os rituais são espaços onde o sentido humano é continuamente negociado e ampliado, conectando o indivíduo a dimensões transcendentais e históricas. Dessa forma, o ritual se consolida como uma linguagem simbólica essencial para a compreensão das dinâmicas religiosas, um tema central nas pesquisas de Croatto, que permanece uma referência indispensável para os estudiosos das Ciências da Religião.⁶⁵

Para o consumo dessa pesquisa é de grande importância ainda as considerações do antropólogo britânico Victor Turner que se especializou nos estudos de rituais através de pesquisa empírica buscando conhecer os rituais africanos do povo *ndembo*, de origem banto ou bantu, situados no noroeste da Zâmbia, região da África Austral. Sua concepção de ritual teve a influência de Mônica Wilson, com quem realizou trabalhos de pesquisa, ela entendia a grande relevância social desses eventos, afirmando: “Vejo nos estudos dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas.”⁶⁶

Entendendo o ritual como um processo de importância significativa, Turner venceu seus preconceitos e aprofundou seus estudos nesta prática, investigando a compreensão dos movimentos, das palavras, da música para os envolvidos no ritual, o modo como os *ndembo* sentem seus próprios rituais⁶⁷, contribuindo para a Antropologia e se tornando um grande referencial nesta área.⁶⁸

Adentrando na concepção de ritual proposta por Turner, este pode ser compreendido como uma forma de ação simbólica que ocorre em um espaço e tempo delimitados, envolvendo participantes que seguem regras e padrões pré-estabelecidos. Para este antropólogo, os rituais são eventos sociais importantes que desempenham um papel fundamental na criação e manutenção da ordem social. Turner analisava os rituais dos *ndembo* considerando as interpretações dos símbolos para ampliar o seu conhecimento sobre a estrutura da crença deste povo. O ritual para este pesquisador pode ser considerado um retorno ao equilíbrio, onde o indivíduo tem o propósito de pertencimento ao grupo.⁶⁹

⁶⁵ CROATTO, 2010, p.328.

⁶⁶ TURNER, Victor Witter. *O processo ritual: Estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974, p.19.

⁶⁷ TURNER, 1974, p.25.

⁶⁸ TURNER, 1974, p.19.

⁶⁹ TURNER, 1974, p.35.

Após analisar variados rituais do povo *ndembo*, Turner desenvolveu um conceito próprio em relação aos rituais, o de “liminalidade”, que é compreendido como um estado de transição ou margem em que os participantes de um ritual se encontravam em um espaço/tempo liminar, fora das estruturas sociais normais.⁷⁰

Ao definir o ritual como um local fora das estruturas da sociedade, Turner registrou que durante a liminalidade emerge o que ele nomeou de *communitas*, uma comunidade não estruturada, um momento de integração e igualdade entre os participantes do ritual, foi o que o pesquisador chamou de “área de vida em comum”.⁷¹

Turner buscou resgatar a dimensão do viver, o ritual para ele era um local privilegiado para apreciar a sociedade, identificando crises, rupturas e reintegração social, um momento para identificar a estrutura, ordem social estabelecida, e a não estrutura, o oposto da não estrutura. Para melhor assimilar o conceito de estrutura e antiestrutura de Vitor Turner ao analisar rituais de passagem ele cita a frase “Se o nosso modelo básico de sociedade é o de uma "estrutura de posições", devemos encarar o período de margem ou "liminaridade" como uma situação interestrutural.”⁷²

O pesquisador Victor Turner ao desenvolver estudos com o povo africano *ndembo*, está se utilizando de uma das constitutivas das Ciências da Religião, ou seja Antropologia da Religião, contribuindo para a mesma, mostrando como os rituais refletem e moldam tanto as dinâmicas sociais quanto as experiências religiosas de um grupo humano, sendo relevante pesquisas sobre estas vivências.

Analisar os rituais presentes nas sociedades contribuem para conhecer as estruturas das mesmas, suas crenças, costumes, valores e histórias, portanto, continuam sendo referências importantes para o entendimento dos seres humanos, suas relações com o outro e o mundo.

Concluindo, o conceito de ritual revela-se uma chave interpretativa essencial para compreender as dinâmicas culturais, sociais e religiosas nas mais diversas sociedades. Como linguagem simbólica e performática, o ritual articula significados que estruturam identidades, transmitem valores e reforçam laços comunitários, sendo um espaço privilegiado para a negociação entre tradição e transformação. Ao transcender o cotidiano e conectar o indivíduo

⁷⁰ Assistimos, em tais ritos, a um “momento situado dentro e fora do tempo”, dentro e fora da estrutura social profana, que revela, embora efemeramente, certo reconhecimento (no símbolo, quando não mesmo na linguagem) de um vínculo social generalizado que deixou de existir... (TURNER, 1974, p.118).

⁷¹ TURNER, 1974, p.119.

⁷² TURNER, Victor Witter. *Floresta de Símbolos*. Niterói: EdUFF, 2005, p.137.

ao coletivo e ao sagrado, os rituais do Caxambu de Andorinha demonstram sua relevância tanto como expressão cultural quanto como mecanismo de coesão e renovação social na comunidade de Jerônimo Monteiro-ES. Assim, a análise desses rituais, em suas múltiplas dimensões, oferece um caminho rico para explorar os significados profundos que sustentam as práticas humanas e as complexas relações que permeiam suas experiências históricas e simbólicas.

2.2. As experiências no Caxambu de Andorinha

*“O caxambu é pau ocado
Forrado com couro
Deus abençoa e guarda
O povo do caxambu.”*
(Letra do grupo Caxambu de Andorinha)

O Caxambu de Andorinha possui elementos estruturados — como cantos, toques de tambor e movimentos corporais — que comunicam significados profundos e promovem a integração entre o humano e o transcendente. Nesse sentido, o Caxambu é um ritual que articula memória, identidade e resistência, reforçando a coesão social e espiritual.

Ao visitar o Ponto de Cultura Barracão de Caxambu, na comunidade rural de Andorinha em Jerônimo Monteiro, entramos em um universo carregado de religiosidade, tradições e histórias. Logo na chegada o acolhimento do grupo do Caxambu de Andorinha é um aconchego para os visitantes, somos recebidos com alegria pelos integrantes do grupo. A organização e limpeza do local têm destaque e demonstra a forma como o grupo gosta de ser visto, esta organização advém das ações simbólicas dos integrantes, que em suas crenças, a limpeza influencia no plano espiritual, demonstrando a religiosidade presente. A ordem reflete a hierarquia na Casa do Caxambu.⁷³

A hierarquia do Caxambu de Andorinha se apresenta através de seu Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, há uma diretoria eleita para a organização das ações, sem contar a liderança religiosa do senhor Sebastião, líder do grupo que também é o líder espiritual da Casa de Oração Nossa Senhora da Conceição, que segue a espiritualidade da Umbanda como narrado no primeiro capítulo.

O Ponto de Cultura Barracão do Caxambu de Andorinha possui um rico acervo de memórias expressas em fontes históricas que lembram o passado rural do município e do Brasil,

⁷³ GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2018, p.157.

ambiente onde surgiu o caxambu. São bules, balanças, cerâmicas, painéis de ferro, fogão à lenha, caçambas entre outros itens que despertam a curiosidade nos mais novos e saudades nos mais antigos. Assim, carregado de memórias, este espaço apresenta a identidade rural do grupo, valorizando esta cultura, gerando sentido de pertencimento.

Após uma vela ser acendida pelo senhor Sebastião, líder do grupo, o encontro do Caxambu de Andorinha começa com suas palavras, conduzindo a todos os presentes, saudando-os e apresentando as regras e novidades referentes ao grupo. Neste momento é possível observar o grande poder de persuasão do senhor Sebastião na condução do encontro. Dialogando com as ideias de Bourdieu sobre ritos a etnóloga francesa Segalen cita que os ritos necessitam de uma instância de legitimação, uma autoridade que o conduza, que o administre, que é o que pode ser identificado no Caxambu de Andorinha com a liderança do senhor Sebastião.⁷⁴

Levando em consideração que o senhor Sebastião é também uma autoridade religiosa, é possível identificar a figura do sacerdote, agente da Igreja na busca pela manutenção da ordem estabelecida com intenção em estabelecer seu *status quo*, “a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política.”⁷⁵ Assim, é reforçada a autoridade do líder que dirige o grupo em prol da manutenção da estrutura estabelecida, garantindo a preservação da tradição do Caxambu da Andorinha.

A dança do caxambu começa com o toque do tambor e da casaca⁷⁶ que toma conta do lugar e vai trabalhando nossos sentidos, envolvendo os visitantes mais sensíveis que dançam, cantam e se encantam com o momento. Após a formação da roda no sentido anti-horário, num ritmo marcado há vozes que cantam e repetem o canto de uma realidade através dos pontos, letras das músicas, o corpo mexe, num balanço marcado pelo tambor. É a manifestação de uma cultura ancestral, vivida e passada por gerações.

Neste momento que se inicia a dança, a experiência vivenciada é de interação entre os componentes do grupo e deste com os visitantes. Nesta interação a dança começa a gerar laços de comunidade, e como registrou a pesquisadora Sara Passabon “O caxambu é lugar que escapa a uma rede de classificação na sociedade convencional.”⁷⁷

⁷⁴ SEGALIN, M. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.57.

⁷⁵ BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução: Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.69.

⁷⁶ Casaca é um instrumento de percussão semelhante ao reco-reco.

⁷⁷ AMORIM, 2017, p.43.

Para compreender o efeito do ritual da dança do caxambu nos participantes podemos dialogar com os estudos de Victor Turner, como relata a pesquisadora Sara Passabon: “É esse lugar, propício ao estabelecimento de *communitas*, em que a dinâmica do convívio e de interações promove o espaço de comunhão: compartilhamento coletivo que irrompe nas bordas da estrutura social.”⁷⁸

Durante a dança do caxambu, as estruturas sociais estabelecidas dentro do ritual se deparam com elementos que as desafiam, o que, na perspectiva turneriana, é identificado como antiestrutura que se apresenta como uma inversão de hierarquias, uma liberdade temporária das restrições sociais habituais, uma suspensão das diferenças sociais, formando um espaço liminar, no qual as fronteiras sociais são temporariamente dissolvidas.⁷⁹

Turner cita as ideias de Van Gennep para explicar os ritos de passagem envolvendo três fases principais: separação, margem e agregação. A fase de separação marca a transição do estado social normal para o estado ritual. Durante essa fase, os participantes são separados de suas funções sociais habituais e entram em um espaço liminar, onde as regras e papéis sociais são suspensos. A fase de margem é o ponto culminante do ritual onde ocorre a antiestrutura.⁸⁰

Nesse momento, as normas sociais são desafiadas, as hierarquias são invertidas e os participantes podem experimentar uma sensação de liberdade e igualdade. É um período de intensa emoção e transformação. Por fim, a fase de agregação marca o retorno dos participantes à estrutura social normal. Após passar pela antiestrutura, eles trazem consigo as experiências e transformações ocorridas durante o ritual, contribuindo para a renovação e a coesão da comunidade.⁸¹

Analisando o processo citado é possível identificar os conceitos de liminaridade e *communitas* do trabalho de Turner. Tais conceitos ajudam a compreender as transformações e as dinâmicas que ocorrem durante os rituais e as experiências de transição. A liminaridade é caracterizada pela igualdade, pela comunalidade e pela sensação de pertencimento a uma comunidade ritualística.⁸²

Durante esse período as diferenças sociais como *status*, gênero ou idade podem ser temporariamente deixadas de lado e os participantes se unem em uma experiência

⁷⁸ AMORIM, 2017, p.43.

⁷⁹ TURNER, 1974, p.116-117.

⁸⁰ TURNER, 1974, p.116-117.

⁸¹ TURNER, 1974, p.116-117.

⁸² TURNER, 1974, p.6.

compartilhada. Após a fase de liminaridade ocorre o processo de *communitas*. A *communitas* é o resultado da experiência de liminaridade, é um senso de comunidade e solidariedade que emerge entre os participantes.⁸³

É uma forma de sociedade ou estrutura social baseada na igualdade e na camaradagem, onde as hierarquias sociais são temporariamente suspensas ou reconfiguradas.⁸⁴ “O drama estrutura e antiestrutura termina no palco da cultura.” Assim que Victor Turner buscou explicar o processo social total de interação e interdependência através do processo ritual.⁸⁵

Em seus estudos sobre as sociedades africanas *ndembu* Victor Turner registrou que: “qualquer que seja a sociedade na qual vivemos estamos ligados uns aos outros, e nossos “grandes momentos” são “grandes momentos” para os outros também.”⁸⁶ Por isso, no momento da apresentação do caxambu, o desenvolvimento de cada etapa do ritual é um momento significativo para os integrantes do grupo, para os que presenciam e para a sociedade, pois este ritual preserva a memória e a tradição da população por gerações, permitindo que as gerações vindouras conheçam a forma de pensar, de se distrair, protestar, de ser resistência e as formas de espiritualidade diversas presentes na cultura.

Os rituais do Caxambu de Andorinha podem ser interpretados como expressões vivas da dinâmica de estrutura e antiestrutura descrita por Victor Turner. Durante a apresentação, as hierarquias sociais habituais são temporariamente suspensas ou ressignificadas, criando um espaço de igualdade e camaradagem entre os participantes. Esse momento ritual possibilita a formação de uma comunhão efêmera, na qual a coletividade se sobrepõe às divisões sociais, e os indivíduos compartilham experiências e significados profundos. O palco do caxambu torna-se, assim, o "drama" cultural mencionado por Turner, onde a interação e interdependência são simbolicamente encenadas, fortalecendo os laços comunitários e reafirmando identidades coletivas.

Além disso, o caxambu carrega a memória histórica e cultural da comunidade, funcionando como um espaço de transmissão intergeracional de valores, tradições e resistências. A afirmativa de Turner sobre os "grandes momentos" como compartilhados ressoa diretamente com o impacto do Caxambu: cada etapa do ritual é significativa não apenas para os participantes, mas também para os espectadores e para a sociedade como um todo. Este ritual

⁸³ TURNER, 1974, p.6.

⁸⁴ TURNER, 1974, p.117-119.

⁸⁵ TURNER, 1974, p.6.

⁸⁶ TURNER, 2005, p.36.

preserva e celebra a memória coletiva, permitindo que futuras gerações compreendam a forma de ser, protestar, resistir e expressar espiritualidade na cultura afro-brasileira. Assim, o Caxambu de Andorinha não apenas encena um drama cultural, mas também atua como um poderoso veículo de continuidade e transformação social.

2.3 O Caxambu de Andorinha e a comunidade

De acordo com o Censo 2022, a população de Jerônimo Monteiro é de 11.575 pessoas⁸⁷, uma população pequena, mas carregada de histórias e cultura. O caxambu é uma prática cultural que está presente na comunidade de Jerônimo Monteiro há muito tempo, faz parte da história local. Desde o início da história do município já haviam grupos de caxambu que se apresentavam na área rural e urbana, sendo um momento de diversão da comunidade, onde as pessoas se encontravam, conversavam e se relacionavam.

Atualmente as apresentações do Caxambu de Andorinha em Jerônimo Monteiro se limitam ao barracão próprio e em alguns eventos promovidos na cidade como seminários, encontros ou apresentações em escolas. Quando as apresentações acontecem é comum que alguns indivíduos tenham comentários carregados de preconceitos gerando discriminação.

Os comentários ligados ao Caxambu de Andorinha advêm de sua relação com a religião Umbanda, principalmente pelo fato de o líder do Caxambu de Andorinha ser também o líder espiritual da Casa de Oração Nossa Senhora da Conceição, de inspiração umbandista. Essa proximidade gera ideias estigmatizadas que comprometem a aceitação do grupo pela comunidade até mesmo da dança e do contexto mais artístico e cultural que a envolve.

Conforme narra Zeny Rosendahl, “com a finalidade de compreender melhor a segregação que ocorre na organização espacial pela valorização que o sagrado impõe ao lugar, é possível reconhecer três espaços diferenciados entre si: o espaço sagrado, o espaço profano diretamente vinculado às atividades religiosas, e o espaço profano indiretamente vinculado ao sagrado.”⁸⁸

⁸⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Censo demográfico 2022*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>>. Acesso em: 19 de julho de 2024, s/p.

⁸⁸ ROZENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.62.

Observando a história da Umbanda, desde o seu surgimento no início do século XX, a prática religiosa vem sendo vítima de repressão por parte da sociedade e até mesmo dos governos brasileiros. A Umbanda é uma religião de origem afro-brasileira e as práticas religiosas dos negros eram consideradas crimes de curandeirismo, de magia, de feitiçaria ou de espiritismo pelo Código Penal Brasileiro de 1890, que vigorava no início do período republicano. A partir dos anos de 1930 a Umbanda começou a se organizar e a se legitimar como religião para superar as perseguições estatais.⁸⁹

Na busca de sua identidade enquanto religião afro-brasileira no século XX, a Umbanda foi vítima de perseguições por instituições religiosas. A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, publicou no livro *Umbanda no Brasil: orientação para católicos*, em 1961, um verdadeiro ataque à Umbanda e ao Espiritismo. Este fato foi corrigido pelo Concílio Vaticano II em 1962, que valorizou as práticas negras nas religiões e rituais, difundindo a ideia de tolerância religiosa.⁹⁰ Entretanto, mesmo legalizada e recebendo a recomendação do Concílio Vaticano II de maior tolerância, a Umbanda permaneceu em situação de marginalidade, sendo perseguida ao longo do século XX e até os dias atuais.

Patrícia Birmam, em seu livro “O que é Umbanda” explicita a perseguição da igreja católica à Umbanda, principalmente ligada a questão da possessão, pois permite um contato direto e rápido com as forças sagradas, assim o poder do padre de mediador se fragiliza, um combate político gerando discriminação.⁹¹

E a relação do caxambu com a Umbanda já era tratada no livro “Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley Stein de meados do século XX”, onde o autor já identificava a proximidade do caxambu com o sagrado: “Stein nos colocou dois “desafios” que pretendo enfrentar aqui. Primeiro, ele percebeu a ligação do caxambu/jongo com o mundo espiritual dos escravos.”⁹²

O jongo/caxambu era praticado nas fazendas do sudeste brasileiro no período do escravismo e pós-abolição, foi registrado através de entrevistas, observações e gravações. Os cantos se apresentavam na hora do trabalho, onde um escravo cantava e outros respondiam, mas

⁸⁹ MORAIS, Mariana Ramos de. De macumba a umbanda: o processo de legitimação da religião dita genuinamente brasileira. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 2019, p.1623-1623.

⁹⁰ MORAIS, 2019. p.1623-1623.

⁹¹ BIRMAN, Patrícia. *O que é umbanda*. (No Title), 1985, p.17.

⁹² SLENES, Robert; LARA, Silvia Hunold; PACHECO, Gustavo. *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley Stein*, 1949, p.114.

era no sábado à noite que o caxambu acontecia por completo, com o canto, a dança e os instrumentos musicais. Desde este período a relação do caxambu com o mundo espiritual já era identificado.

O Iphan conceitua o jongo/caxambu como uma forma de expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágico-poético.⁹³ Esses elementos mágicos-poéticos citados pelo Dossiê nº 5 do Iphan são reforçados pela proximidade da Umbanda com o caxambu: “Batuques, tambores e jongs não são ritos de liturgias, mas estão associados, de diversas maneiras a umbanda”. Os jongueiros explicam que jongo e Umbanda são próximos, mas não se confundem.⁹⁴

Como analisado no trecho citado, embora os pesquisadores ressaltam uma proximidade da Umbanda com o caxambu/jongo, os próprios jongueiros fazem questão de ressaltar que os mesmos não se confundem, pois apesar dos integrantes dos grupos serem fieis da Umbanda, o caxambu não se destina à incorporação de entidades.

O caxambu deixou de ser praticado em várias regiões por diversos motivos, como a morte de jongueiros sem deixar herdeiros para continuação da prática, as conversões religiosas que proíbem seus integrantes de participarem da dança ou a distância das apresentações.⁹⁵ As crenças divulgadas sobre a proximidade entre a religião Umbanda e o caxambu e todo o estigma referente à religião e às culturas das etnias africanas repassadas por gerações geram os preconceitos até os dias atuais, colocando em risco a preservação desta cultura.

A necessidade constante dos caxambuzeiros e jongueiros de separar o ritual do caxambu da religião Umbanda leva à necessidade de uma reflexão mais profunda sobre o motivo. Em busca da aceitação das comunidades, os jongueiros procuram redefinir como apresentam suas práticas, separando o lado mágico e mantendo o lado cultural, uma expressão das senzalas.⁹⁶

A separação do lado cultural do caxambu do lado mágico representado pela proximidade com a Umbanda sugere uma descaracterização da dança, uma adaptação aos tempos atuais diante de um problema social apresentado no Brasil que é o racismo estrutural e sua aversão às práticas religiosas de origem africana. A perseguição e os preconceitos que acompanharam o

⁹³ IPHAN, 2007, p.11.

⁹⁴ IPHAN, 2007, p.37.

⁹⁵ IPHAN, 2007, p. 21.

⁹⁶ JUNIOR, Clair da Cunha Moura. O terreiro, a roda e o ritual do caxambu no Espírito Santo. Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo, 2011, p.321.

caxambu desde o seu nascimento nas lavouras de cana-de-açúcar e café do século XIX até os dias atuais podem ser analisados através das ideias de René Girard de bode expiatório:

Os perseguidores acabam sempre por se convencer de que um pequeno número de indivíduos ou até mesmo um só pode tornar-se extremamente nocivo para toda a sociedade, apesar de sua relativa fraqueza. É a acusação estereotipada que autoriza e facilita esta crença, desempenhando com toda evidência um papel mediador.⁹⁷

René Girard desenvolve o paradigma do mecanismo vitimário. A busca por um culpado, bode expiatório, uma pessoa ou grupo que é culpado e sacrificado para aliviar a tensão e manter a coesão social, somente o sacrifício de uma vítima pode diminuir os sentimentos de ódio e rivalidades disseminados na comunidade. Uma visão estereotipada onde o diferente, o outro, as minorias ou indivíduos à margem da sociedade são considerados sujeitos suspeitos, suas formas de viver e pensar, suas culturas fora dos padrões dominantes os colocam como indivíduos suspeitos, que podem corromper a ordem social. Diante dos perigos que estes podem oferecer à sociedade surgem ideias de separação, exclusão, preconceitos e estereótipos, gerando crenças e violências diferenciadas.

Estudar o caxambu a partir de sua importância histórica, sua luta pela preservação da cultura afro-brasileira é uma forma de evidenciar uma parcela da população que busca respeito e luta contra a invisibilidade e a perpetuação de práticas estigmatizadas que condicionam indivíduos às situações marginais longe do exercício pleno da liberdade democrática.

3 CAXAMBU DE ANDORINHA: UMA VIVÊNCIA

Neste capítulo apresenta-se a vivência do grupo Caxambu de Andorinha a partir das observações da autora como visitante do Ponto de Cultura, explorando também o funcionamento da oficina de tambor que é fundamental na preservação desta cultura e na socialização e engajamento dos membros do grupo.

Também é abordado o produto final, exigido pelo PPGCR-FUV, que é o livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, que tem sido fundamental para a divulgação do Caxambu de Andorinha na comunidade do Estado do Espírito Santo, que se amplia para todo o país e quiçá internacionalmente a partir de estudos como a presente pesquisa, que dão voz à preservação, manutenção e ampliação desta cultura afro-brasileira.

⁹⁷ GIRARD, René. *O bode expiatório*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004, p.23.

3.1 Vivência com o grupo Caxambu de Andorinha

O caxambu é um grupo de dança da comunidade rural de Andorinha no município de Jerônimo Monteiro que foi se formando aos poucos com a união de seus integrantes e as memórias revividas pelos componentes, buscando manter vivas as práticas da herança cultural de origem afro diaspórica, tradição na comunidade local.

Conheci o caxambu quando cheguei em Jerônimo Monteiro, há 25 anos, o caxambu se apresentava na comunidade em festas juninas juntamente com boi pintadinho e outras danças populares, onde mais pessoas tinham acesso ao mesmo, fazendo parte do repertório cultural do município.

Por onde o caxambu fazia sua *performance* a roda de dança era aberta, os toques dos tambores ecoavam pelo espaço, convidando todos a dançarem naquele ritmo. Os versos chamavam a atenção por contarem histórias da realidade rural, contos imaginários cercada de religiosidade e da luta do povo afrodescendente. Era possível notar as saias coloridas das mulheres que balançavam pelo espaço, fazendo um convite a entrar na roda e dançar com sua magia, afetos e alegria. Um ambiente agradável e receptivo era criado para aconchegar e atrair os espectadores.

A impressão que tive ao ter o primeiro contato com a dança do caxambu foi o quão grande era a força do tambor que marcava o ritmo, contagiando pessoas ao redor, além da alegria e luta dos participantes para manter uma cultura herdada. A empatia com o caxambu se apresentou logo no primeiro contato com a dança, pois sempre me senti atraída pela cultura e história local, acredito que cada população cria e recria sua realidade baseada em seus conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, pelos costumes e tradições herdadas e isso lhes garante uma identidade cultural única que deve ser valorizada pela comunidade e pelo Estado.

Após a criação do grupo Caxambu de Andorinha em 2009, ocorreram pela cidade muitas apresentações que pude participar e esta proximidade com o mesmo me levou a variados questionamentos ao longo dos anos. A oportunidade de pesquisar o Caxambu de Andorinha apareceu a partir de 2023 de forma mais técnica e profissional, com a minha entrada no curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória, dentro da linha de pesquisa Religião e Espaço Público, buscando compreender as imbricações entre o caxambu e a religião de seus integrantes, fato que gera polêmica na comunidade até os dias atuais.

Ao me aproximar dos integrantes do grupo Caxambu de Andorinha, fiz uma imersão para conhecer de perto sua essência e tradição, me permitindo uma experiência única de acolhimento. Quando cheguei ao Ponto de Cultura notei a importância dada a esta ação, além de atenção, respeito, seriedade e comprometimento, muito evidentes no grupo, todos os integrantes estavam felizes por estarem ali para cantar, tocar, dançar, serem protagonistas, serem assistidos e contagiar as pessoas que viveriam com eles este momento.

Nas fotos a seguir observamos o grupo Caxambu de Andorinha reunidos para uma apresentação cultural, imagens do Ponto de Cultura, local onde se reúnem quinzenalmente para apresentações culturais e foto da minha visita ao grupo ouvindo e contando histórias.

Figura 5: Caxambu de Andorinha



Fonte: <https://mapas.cultura.gov.br/agente/42031/>

Figura 6: Foto da faixa do Ponto de Cultura Caxambu de Andorinha, na comunidade rural de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 7: Foto do Ponto de Cultura Caxambu de Andorinha, na comunidade rural de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 8: Foto do interior do Ponto de Cultura do caxambu de Andorinha e Cultura Caxambu de Andorinha, na comunidade rural de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 9: Foto da minha visita ao Ponto de Cultura Caxambu de Andorinha, na comunidade rural de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Conversar com os integrantes do Caxambu de Andorinha é ouvir a voz de pessoas, que ao contar suas histórias, revivem momentos, práticas, saberes, narrativas, reafirmando sua identidade e trabalhando em sua autoestima. Quanto mais mostramos interesse nas suas histórias, mais se tornaram notórias a realização e satisfação em falarem de suas práticas. As histórias variam de crenças antigas como “as pessoas que ficavam presas à fogueira caso não cantassem os versos” e práticas de passar sem calçados sobre as brasas da fogueira no dia de São João, uma expressão de fé muito comum nas áreas rurais da região.

Nas conversas com o líder do grupo, o senhor Sebastião, foi indagado sobre as principais dificuldades do grupo e ele relatou que dar continuidade à prática do caxambu tem seus contratempos, pois apesar do incentivo oferecido pelo governo e após o reconhecimento do mesmo como Patrimônio Cultural do Brasil, falta conhecimento para participar dos editais para terem acesso a recursos. Porém, o grupo conta com força de vontade e ajuda da comunidade para fazer os projetos dos editais e conseguir as verbas necessárias para auxiliar no desenvolvimento do mesmo.

Outro problema enfrentado pelo Caxambu de Andorinha é a idade dos integrantes, pois os mesmos estão envelhecendo e morrendo, sendo necessário divulgar esta cultura entre os

jovens para que este conhecimento não desapareça, possa ter continuidade pelas próximas gerações, permitindo a manutenção da cultura. Por isso, o grupo de Caxambu de Andorinha sempre que procurado pelas instituições de ensino e instituições em geral para se apresentarem, atendem ao pedido e levam sua cultura secular.

Os integrantes do grupo conciliam a paixão pelo caxambu com as rotinas de trabalho, as agendas do grupo nem sempre se alinham, dificultando a presença de todos os integrantes nas apresentações. Apesar disso, o compromisso e dedicação dos membros mantém viva a cultura, na medida do possível eles conseguem se fazer presente nas apresentações que são convidados, mesmo diante das dificuldades.

A vivência com o grupo Caxambu de Andorinha permite um aprendizado relevante, pois configura em uma experiência de persistência, de resistência, de muito trabalho, dedicação e de esperança em dias de maior valorização, tolerância e respeito entre indivíduos que se entendem como diferentes, mas compreendem a riqueza da diversidade cultural para a humanidade.

3.2 Preservação da cultura: A oficina de fabricação de tambores

Na convivência com o Caxambu de Andorinha uma prática me despertou a atenção: a oficina de fabricação de tambores. A oficina de fabricação de tambores de caxambu foi realizada no Pontão de Cultura do Caxambu de Andorinha, com pessoas do grupo e da comunidade. Os participantes aprenderam sobre a importância histórica do tambor, sua confecção, a importância da madeira na produção, do preparo do couro e da necessidade da atenção e cuidado em todo o processo produtivo.

A oficina de fabricação de tambores do caxambu que foi realizada no ano de 2023 contou com o apoio governamental da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo (Secult) via Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo (Funcultura), cujos recursos visam incentivar a atividade cultural como uma importante estratégia nos programas de desenvolvimento social regional.

A oficina contou com seis aulas ministradas pelo líder do grupo, senhor Sebastião dos Santos Azevedo, no Pontão de Cultura do Caxambu, onde foram oferecidos conhecimentos sobre o tambor e sua produção, equipamentos para a fabricação e de segurança para os oficinairos com o recurso adquirido do edital do Funcultura.

A fabricação do tambor é manual e esta produção vem sendo repassada por gerações. Para confeccionar o tambor foram utilizados alguns equipamentos para trabalhar a madeira dando a forma necessária para o instrumento. A madeira utilizada deve ser de pau oco, escavada de forma atenciosa e o couro de boi deve ser bem preparado e esticado para o som ecoar e dar o ritmo certo à dança. A cada oficina um aprendizado carregado de história, valores e saberes. Após cada oficina do tambor, os oficineiros confraternizavam entre si trocando experiências, cientes da importância do tambor para o grupo de caxambu e para a sobrevivência do mesmo.

O tambor é um instrumento presente na zona Atlântica da África Central, era conhecido como tambor do tipo angoma, afinado pelo fogo.⁹⁸ Portanto, o tambor tem origem africana, é um instrumento afro diaspórico trazido para o Brasil, fazendo parte da cultura local e brasileira. Sara Passabom registrou em seu livro que nos estudos sobre o jongo os africanos buscavam por meio do culto aos tambores restaurar a saúde ou obter a fruição em cultos ao tambor, com música e dança. Esta realidade demonstra a importância que este instrumento musical possuía nas práticas culturais e religiosas.⁹⁹

A oficina do tambor foi escolhida pelo importante papel que este instrumento possui para o caxambu. O tambor tem destaque na dança, ele é o instrumento principal que marca o ritmo dos caxambuzeiros e participantes. Foram produzidos tambores de tamanhos e dimensões diferentes. A presença dos tambores dentro do caxambu é de grande importância para a dança, além de ser considerado uma herança dentro da comunidade.

A formatura da oficina dos tambores aconteceu no dia 01 de julho de 2023 no Barracão do Caxambu, comunidade rural de Andorinha. O evento foi divulgado nas redes sociais do grupo e contou com uma programação variada contemplando uma reunião de cultura popular brasileira, com apresentações de Boi Pintadinho, Folia de Reis, Caxambu, leilão, confraternização, sendo um momento de descontração e afirmação cultural da localidade.

Podemos observar nas imagens abaixo a Oficina de fabricação de tambores sendo realizada no Ponto de Cultura do Caxambu de Andorinha e o cartaz de convite para a formatura da oficina de fabricação de tambores de caxambu, mostrando o envolvimento dos participantes na oficina, compreendendo a importância deste instrumento para o caxambu e

⁹⁸ SLENES, Robert; LARA, Silvia Hunold; PACHECO, Gustavo. *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley Stein*. 1949, p.124.

⁹⁹ AMORIM, 2017, p.75.

para a identidade do grupo em questão.

Figura 10: Oficina de fabricação de tambores



Fonte: <https://www.facebook.com/caxambudeandorinhajm/>

Figura 11: Oficina de fabricação de tambores



Fonte: <https://www.facebook.com/caxambudeandorinhajm/>

Figura 12: Oficina de fabricação de tambores



Fonte: <https://www.facebook.com/caxambudeandorinhajm/>

Figura 13: Oficina de fabricação de tambores



Fonte: <https://www.facebook.com/caxambudeandorinhajm/>

Figura 14: Cartaz de divulgação da oficina de fabricação de tambores



Fonte: <https://www.facebook.com/caxambudeandorinhajm/>

A cultura de fazer tambor é centenária, perpetuada de geração em geração, transmitida como herança cultural dentro do grupo. A oficina de fabricação de tambores de caxambu contribuiu para reafirmar as bases do caxambu, proporcionando a união do grupo, oportunizando visibilidade ao mesmo e a consolidação do sentimento de pertença de seus componentes.

3.3 Livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil. Uma experiência de produção de conhecimento¹⁰⁰.

A proposta do livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil, nasceu nas aulas de Ciências Humanas de Filosofia e História com estudantes do Ensino Médio, primeira e segunda séries, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Jerônimo Monteiro”.

¹⁰⁰ A obra é um produto que cumpre a exigência do PPGCR-FUV e encontra-se em anexo ao final da presente pesquisa.

Durante conversas sobre cultura, nas aulas de Filosofia e História, foi colocado em questão a cultura local, o Caxambu de Andorinha, grupo de dança de origem afro-brasileira, um patrimônio cultural do Brasil. Esse foi o ponto de partida para a ideia do livro.

As rodas de conversas em sala de aula com estudantes das primeiras e segundas séries do Ensino Médio, propiciaram um ambiente de criticidade e coleta de dados para esta pesquisa. Como afirmou Paulo Freire, “a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”¹⁰¹. As palavras dele sobre o comprometimento do indivíduo com o mundo, a consciência do estar no mundo e por isso trabalhar para compreendê-lo, buscando mudanças necessárias para uma vivência com maior qualidade, foi o argumento utilizado nas rodas de conversas com os estudantes e durante todo o trabalho na confecção e apresentação do livro à comunidade. Ouvir os estudantes sobre o Caxambu de Andorinha e conduzi-los a uma reflexão foi uma experiência interessante. A maioria dos estudantes conheciam a dança e emitiram suas opiniões baseadas no senso comum da comunidade, alguns deles reconheciam e valorizavam como diversão, porém alguns adolescentes mostraram um certo receio, pois identificavam o Caxambu de Andorinha como “macumba”. Assim, estudar o Caxambu de Andorinha mais profundamente permitiria esclarecimentos sobre uma cultura silenciada a séculos em nosso país que é alvo de preconceitos no cotidiano.

Nos espaços escolares de sala de aula, as conversas foram se intensificando por meio de pesquisa em torno do conceito de cultura, alteridade, etnicidade, religião, preconceito, discriminação e respeito à diversidade. Após as análises destes conceitos foi proposta uma visita ao Pontão de Cultura no Barracão do Caxambu de Andorinha.

A aula de campo no Pontão de Cultura Caxambu de Andorinha, área rural de Jerônimo Monteiro, com os estudantes do Ensino Médio aconteceu no dia 17 de outubro de 2023. Nesta aula em espaço não formal, os estudantes foram direcionados pela professora pesquisadora Giselli Thomaz Reis Scarpe a observarem o ambiente, os objetos de destaque e a dança, anotando pontos relevantes para a pesquisa e posterior produção de texto. Com o intuito de valorizar as habilidades individuais dos estudantes foi proposto que eles usassem habilidades de fotografia, design gráfico e desenho, para contribuir com material para o livro, trabalhando com suas habilidades de grupo e individuais. Assim, os mesmos observaram o grupo Caxambu

¹⁰¹ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p.7.

de Andorinha, fizeram uma descrição escrita do que viram e ouviram, sendo um material importante para produções futuras que seriam realizadas no espaço escolar.

As imagens abaixo são referentes à aula em espaço não formal dos estudantes do Ensino Médio no Ponto de Cultura do Caxambu de Andorinha, onde os mesmos conheceram de perto o grupo em questão, e puderam indagar sobre suas principais dúvidas, interagindo com os integrantes, com os instrumentos e o espaço em geral.

Figura 15: Estudantes do Ensino Médio visitando o Ponto de Cultura do Caxambu de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 16: Estudantes do Ensino Médio visitando o Ponto de Cultura do Caxambu de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 17: Estudantes do Ensino Médio visitando o Ponto de Cultura do Caxambu de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 18: Estudantes do Ensino Médio visitando o Ponto de Cultura do Caxambu de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Durante a visita os alunos puderam participar do caxambu dançando, tocando, cantando e indagando os componentes do grupo. Após este momento de interação aconteceu uma confraternização preparada pelos caxambuzeiros para os estudantes, onde estes sentiram-se bem com a receptividade, todos continuaram suas conversas e foi um momento de empatia.

O retorno ao espaço escolar permitiu novas pesquisas e rodas de conversas onde as ideias geradas pelas aulas teóricas e de campo proporcionaram textos, desenhos, design gráfico e a montagem do livro sobre o Caxambu de Andorinha. Os textos foram realizados pelos estudantes com a revisão das professoras de Língua Portuguesa, Filosofia e História. Os desenhos, fotos e design gráfico realizados pelos estudantes fizeram parte do livro como formas de expressão dos mesmos sobre o assunto, sendo consideradas uma forma de linguagem e expressão de ideias.

O resultado final que foi a confecção do livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil, conseguiu atender aos objetivos de sensibilizar os adolescentes para a questão da valorização da cultura local, da cultura afrodescendente, favorecendo uma visibilidade ao grupo Caxambu de Andorinha, permitindo em rodas de conversas e pesquisas contribuir para minimizar ideias de preconceito étnico-religioso e discriminatórias presentes em nossa sociedade, uma herança cultural que precisa ainda de muitas reflexões e conversas para gerar uma consciência crítica que possa combater ideias seculares semeadas pela elite brasileira e portuguesa desde a colonização do Brasil no século XVI.

Dialogando com Paulo Freire a proposta do livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil, permitiu aos estudantes saírem da *doxa* (pura opinião) através dos *logos* (saberes), chegando na percepção do *ontos* (percepção da realidade). Os estudantes e professores na postura de trabalhador social enfatizado na perspectiva freiriana buscam sua condição de sujeito de transformação da sociedade superando sua neutralidade frente à desumanização.¹⁰²

Ainda foi possível observar na prática educativa da construção do livro, o desenvolvimento do protagonismo juvenil, da criatividade, da criticidade, da autoestima dos estudantes, tão importante no processo de desenvolvimento destes. E como declara Paulo Freire “Temos de saber o que fomos e o que somos, para sabermos o que seremos”¹⁰³ trabalhar a

¹⁰² FREIRE, 2014, p.26.

¹⁰³ FREIRE, 2014, p.17.

cultura local, identificar suas problemáticas e atuar sobre ela com o intuito de desmistificar ideias preconceituosas, teorias racistas forjadas há séculos pelas sociedades e contribuir para uma construção social mais justa para pessoas que não são iguais, que se entendem como diferentes em sua etnicidade, nas alteridades, com suas culturas, religiões e identidade próprias é um aporte relevante para a educação brasileira.

3.4 Divulgação do Caxambu de Andorinha na comunidade.

A divulgação do Caxambu de Andorinha e do livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil na comunidade foi realizada através do evento Simpósio da Equidade Racial, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Jerônimo Monteiro (Seme) em parceria com as escolas municipais e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Jerônimo Monteiro”.

Essa iniciativa contou com o apoio da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que foi representada com a palestrante Dra. Patrícia Gomes Rufino, um momento de aprendizado que uniu a educação de todo o município para a temática supracitada.

Podemos observar abaixo o convite enviado à comunidade jeromense para participar dos diálogos do Simpósio da Equidade Racial, incentivando a participação ativa no debate sobre igualdade racial, promovendo reflexões e trocas de conhecimentos, que possam contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa.

Figura 19: Convite do Simpósio de Equidade Racial



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

O Simpósio da Equidade Racial ocorreu no dia 17 de novembro de 2023 e o público alvo foram estudantes do Ensino Médio, Profissionais da educação municipal e estadual e comunidade, que juntos participaram de palestras, mesas redondas e apresentações culturais, ações em consonância com as Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008 que trataram sobre o

tema educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

O Simpósio da Equidade Racial começou com uma apresentação cultural da Educação Infantil da escola CMEI Diva Saviatto Duarte do livro *O menino de todas as cores* da autora Luísa Ducla Soares, onde foi apresentada a diversidade cultural e étnica dos povos pelo mundo e a necessidade do respeito mútuo. Neste dia aconteceu a palestra da Dra. Patrícia Rufino, professora da UFES, que considerou suas experiências de vida e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre a situação atual dos negros no Brasil.

A mesa redonda com a temática: Reflexões e Visibilidade: cultura africana, afro-brasileira e indígena, foi composta por dois moçambicanos que relataram a cultura de seu país e suas histórias no Brasil, onde o preconceito esteve presente. Nesta mesa também teve lugar de fala um missionário que viveu com indígenas na Amazônia brasileira, abordando as dificuldades atuais desta etnia. Os representantes do Sítio dos Crioulos e do Caxambu de Andorinha também relataram suas vivências com a comunidade apresentando suas potencialidades e fragilidades.

O Simpósio também contou com uma apresentação cultural do Caxambu de Andorinha, um momento de descontração no evento, regado de dança e música. Logo depois da apresentação do Caxambu de Andorinha ocorreu a abertura de estandes com trabalho dos estudantes, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio sobre a temática do evento.

O Simpósio de Equidade Racial proporcionou momentos de conhecimentos, reflexões e visibilidade sobre a cultura africana, afrodescendente e indígena, se tornando um importante instrumento de visibilidade, combate às discriminações e preconceitos de qualquer origem na comunidade, proporcionando uma equidade. É de ações como esta que a sociedade brasileira necessita para ser considerada democrática.

É possível observar nas imagens abaixo variados momentos do evento Simpósio da Equidade Racial citados acima com a participação da comunidade e o envolvimento das escolas do município.

Figura 20: Abertura do Simpósio da Equidade Racial com os estudantes da Educação Infantil.



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 21: Palestra com a Prof. Dr^a Patrícia Rufino.



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 22: Mesa redonda com a temática: Reflexões e Visibilidade: cultura africana, afro-brasileira e indígena.



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 23: Apresentação cultural do grupo Caxambu de Andorinha



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Figura 24: Apresentação cultural do grupo Caxambu de Andorinha



Fonte: Instagram: @escolajeronomonteiro

Fez parte da programação do Simpósio, a montagem de estandes pelas escolas municipais e estadual sobre a temática do simpósio. Os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Jerônimo Monteiro” montaram seu estande sobre o Caxambu de Andorinha buscando divulgar seus conhecimentos, o livro produzido por eles, dando visibilidade à comunidade sobre o grupo de caxambu.

O estande foi preparado pelos estudantes com um banner informativo sobre o caxambu, o livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil, um calendário do Caxambu de Andorinha, vestuário e instrumentos. Foi um momento de interação dos estudantes com a comunidade, onde os mesmos puderam divulgar seus conhecimentos contribuindo para a divulgação da cultura local, da história de uma etnia e uma sensibilização contra preconceitos e discriminações.

“O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade.”¹⁰⁴ O trabalho realizado com as turmas das primeiras e segundas séries do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Jerônimo Monteiro” foi pautado na ideia freireana de comprometimento do ser humano com sua realidade através do

¹⁰⁴ FREIRE, 2014, p.21.

desenvolvimento da consciência crítica. A consciência crítica é aquela que analisa com profundidade, indaga, dialoga, buscando explicações livres de preconceitos, entendendo a realidade como mutável.¹⁰⁵

Na imagem observamos os estudantes que participaram do livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil e da apresentação do mesmo a comunidade, a satisfação e o envolvimento dos mesmos neste empreendimento foi marcante. A possibilidade de conhecer a realidade, discutir a importância da cultura, do respeito mútuo, escrever sobre isso, divulgando esses conhecimentos na comunidade e contribuindo para uma sociedade mais igual, foi o grande foco deste grupo.

Figura 25: Estande Caxambu de Andorinha com o lançamento do livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

¹⁰⁵ FREIRE, 2014, p.22.

O livro em questão foi doado pela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Jerônimo Monteiro” aos autores do mesmo e a comunidade, juntamente com um calendário anual de 2024, como é possível observar na imagem abaixo. O objetivo foi demonstrar a importância do Caxambu de Andorinha para a comunidade e a importância de valorizar este patrimônio cultural do Brasil.

Figura 26: Livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural do Brasil e Calendário 2024 divulgando o Caxambu de Andorinha.



Fonte: acervo Giselli Thomaz Reis Scarpe

Assim, encerra-se o presente estudo considerando a importância da vivência do grupo Caxambu de Andorinha como Ponto de Cultura, frisando a relevância da oficina de fabricação do tambor como elemento essencial para a preservação desta cultura e na socialização e engajamento dos membros do grupo.

Sugere-se a ampliação da divulgação do livro Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste como ferramenta de promoção da cultura do Caxambu de Andorinha na comunidade do Estado do Espírito Santo, por todo o país e outros países como forma de consolidação e preservação da cultura afro-brasileira e superação do preconceito étnico-religioso.



CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi explorada a profunda relevância do caxambu como uma expressão de resistência cultural, especialmente no contexto do Caxambu de Andorinha, localizado no sul do Espírito Santo. O estudo nos permitiu observar como essa manifestação, originada a partir das tradições africanas trazidas ao Brasil pelos bantus que habitam a África Austral, transformou-se em um símbolo de preservação identitária e de luta contra o apagamento cultural ao longo dos séculos no Brasil.

Com base na análise histórica e na Antropologia da Religião no seu estudo conceitual sobre rituais, compreendeu-se o caxambu não apenas como uma prática de caráter artístico e performático, mas como um ato ritualístico com feições religiosas que une gerações e fortalece a memória coletiva da comunidade. O reconhecimento do caxambu como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo governo brasileiro, através do Iphan, representou um marco significativo nesse processo de valorização desta cultura, que ao longo de séculos foi negada e alvo de muitos preconceitos.

No entanto, tal reconhecimento, por si só, não é suficiente para garantir a continuidade dessas tradições. É necessário um esforço contínuo de preservação e fomento cultural, o que tem sido realizado por meio de iniciativas locais e de políticas públicas voltadas para a salvaguarda do patrimônio imaterial.

A história do caxambu no sul do Espírito Santo, especificamente no município de Jerônimo Monteiro, mostra como essas práticas culturais foram transmitidas de geração em geração, resistindo às influências externas e à modernização, que muitas vezes sufocam tradições mais antigas. O Caxambu de Andorinha, em particular, exemplifica como as manifestações culturais podem não apenas sobreviver, mas também se fortalecer através da conexão entre a comunidade e a preservação de seus rituais, garantindo uma identidade local, permitindo visibilidade à cultura afrodescendente.

A importância do conceito de ritual ao longo do trabalho revelou que o caxambu é mais do que um evento festivo; ele é uma celebração da ancestralidade, onde acontece o entrelaçamento, indissociável, entre tradição e religião, uma forma de perpetuar histórias e experiências que, de outra forma, poderiam ser esquecidas pela comunidade, perdendo uma importante fonte de conhecimentos.

As vivências com o Caxambu de Andorinha que ocorreram através das visitas ao barracão de caxambu e assistindo suas apresentações na comunidade, propiciaram uma experiência única de acolhimento. Ao longo dos dias em que estivemos juntos, foi possível observar exemplos de perseverança e esperança entre os membros do grupo através de suas falas e ações. Uma vontade de fazer a diferença na vida das pessoas buscando abordar os problemas enfrentados por cada integrante e contribuir para minimizá-lo. Vale destacar ainda a rica interação entre os participantes e a tradição, onde cada batida dos tambores, a cada toque da casaca e da sanfona, a cada canto, ecoam o legado de um povo que se recusa a ser silenciado pela passagem do tempo.

A oficina de fabricação de tambores, analisada em uma das seções do trabalho, é um exemplo claro de como a preservação cultural pode se concretizar através de ações práticas e educativas. Ao ensinar a confecção dos tambores, instrumento central na performance do caxambu, os mestres da tradição garantem que o conhecimento técnico e simbólico seja transmitido a novas gerações. Esse processo vai além da preservação do objeto físico; ele envolve a transmissão de significados e valores intrínsecos à prática cultural, assegurando que as próximas gerações não apenas reproduzam os atos, mas compreendam profundamente a importância histórica e social deles.

A produção do livro *Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, Patrimônio Cultural do Brasil* e a sua contribuição para o conhecimento e divulgação desta manifestação foram outro ponto central da pesquisa. A documentação e sistematização do saber popular são essenciais para garantir que esse patrimônio cultural seja reconhecido e respeitado em um nível mais amplo, tanto pelas políticas culturais quanto pelo público em geral. O livro se torna um veículo importante de preservação, uma forma de perpetuar a história e a vivência do Caxambu, levando a prática para além dos limites geográficos da comunidade de Andorinha.

No que tange a produção do livro *Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, Patrimônio Cultural do Brasil* é relevante destacar também que ao dar visibilidade a esta cultura local os estudantes e a comunidade foram instigados a refletirem sobre o significativo papel desta dança e reverem certos estereótipos que perpassam por gerações, considerando a diversidade de etnias e culturas que formam a população brasileira. Conhecer esta diversidade e respeitá-la, contribui para a superação de preconceitos étnicos-religiosos garantindo uma vivência democrática mais humana para todos.

Voltando ao questionamento inicial da pesquisa, o porquê da não aceitação por parte da comunidade do Caxambu de Andorinha, se observa que a resistência ocorre em função da vinculação entre religião e o ritual da dança do caxambu, tendo ainda mais a percepção de que se trata de um movimento de tradição e ancestralidade que busca resgatar os elementos da cultura bantu no município de Jerônimo Monteiro o que provoca uma tentativa de afastamento por parte de determinada parcela da população. Comportamentos como estes dificultam a convivência entre os indivíduos da sociedade, gerando estereótipos e comportamentos discriminatórios que perpassam gerações.

A divulgação do livro *Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, Patrimônio Cultural do Brasil* que aconteceu durante o Simpósio da Equidade Racial foi importante para valorizar essa manifestação cultural, preservar sua história e difundir seu significado para novas gerações. Além de reconhecer o esforço dos estudantes, a iniciativa contribui para fortalecer a identidade cultural da comunidade e incentivar o interesse pelo patrimônio imaterial.

Assim, a produção do livro *Caxambu de Andorinha: Uma vertente do Jongo do Sudeste, Patrimônio Cultural do Brasil* e divulgação do Caxambu de Andorinha na própria comunidade e em outros espaços como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil é fundamental para que o mesmo continue a ser reconhecido e valorizado, pois outra hipótese ao problema da não aceitação do Caxambu de Andorinha pela comunidade é a falta de conhecimento gerado pelos silenciamentos da cultura afrodescendente no Brasil. As iniciativas culturais desenvolvidas pelo grupo, como apresentações e oficinas, não apenas mantêm viva a tradição, mas também contribuem para a conscientização sobre a importância de preservar manifestações culturais em um mundo cada vez mais globalizado, onde o risco de homogeneização cultural é constante.

O papel da comunidade na sustentação e difusão do caxambu é significativo, pois sua participação nas festividades e cuidado com a preservação do conhecimento permitem a salvaguarda deste patrimônio. Uma parcela da comunidade jeronimense abraça o Caxambu de Andorinha como parte essencial de sua identidade e, com isso, fortalece os laços sociais e culturais que a unem. A preservação do caxambu, portanto, precisa acontecer não apenas através de iniciativas individuais, mas como uma ação coletiva, onde todos são guardiões de um legado que precisa ser mantido e difundido.

Essa pesquisa ainda demanda muitas outras interpretações no que tange à vinculação do fenômeno observado com as experiências religiosas do grupo. É importante reconhecer que

algumas limitações impactaram a análise do objeto de estudo, como a restrição de tempo que impossibilitou a capacidade de realizar entrevistas extensivas com todos os membros do grupo, o que poderia ter enriquecido ainda mais a compreensão das práticas e significados atribuídos por seus participantes ao Caxambu de Andorinha, permitindo a imersão em profundidade em suas tradições e a observação contínua de suas apresentações.

Reconhecendo essas limitações, sugere-se que futuras pesquisas se dediquem a uma abordagem longitudinal e a um engajamento mais direto com a comunidade, a fim de captar nuances e perspectivas que não puderam ser plenamente exploradas neste trabalho. Assim, um estudo mais a estrito senso das compreensões e sentidos que os participantes constroem do caxambu a partir de suas verbalizações, práticas e vivências, ficam em aberto para novos desenvolvimentos que possam ser frutíferos do estudo deste objeto.

Conclui-se, então, que o Caxambu de Andorinha representa um exemplo vivo de resistência cultural, de preservação da memória e de contínua adaptação às mudanças sociais. O reconhecimento oficial e as ações de preservação, tanto por parte da comunidade quanto das instituições culturais, são passos essenciais para assegurar que essa tradição continue viva, representando a cultura afrodescendente que contribuiu para a cultura nacional.

No entanto, é igualmente importante destacar que a continuidade do Caxambu de Andorinha depende de uma dinâmica cultural ativa, onde a educação voltada para a valorização cultural, tolerância religiosa e o envolvimento comunitário são cruciais para a manutenção do grupo e da cultura. Esclarecendo melhor este fato, os desafios para a manutenção da cultura do caxambu e seu reconhecimento pela sociedade ainda são grandes, porém ações educativas cotidianas, como aberturas de diálogos e rodas de conversas desenvolvidas pelas variadas instituições sociais podem contribuir para que o Caxambu de Andorinha tenha o reconhecimento esperado. Não podemos esquecer que a superação de estereótipos e preconceitos não é uma tarefa fácil, necessita de esforços contínuos e em conjunto, não apenas em ações pontuais.

Este trabalho evidenciou que a luta pela preservação do Caxambu de Andorinha é, acima de tudo, uma luta pela preservação da identidade de um povo. Em um mundo onde as tradições muitas vezes são ameaçadas pelo progresso, iniciativas como essas nos lembram da importância de manter vivas as raízes culturais de variadas etnias, exaltando nossa diversidade

cultural e religiosa, nos conectando ao passado e nos dando força para enfrentar os desafios do presente e do futuro.



REFERÊNCIAS

AMORIM, Sara Passabon. A performance bantu do caxambu: entre a ancestralidade e a contemporaneidade. Cousa, 2017.

BIRMAN, Patrícia. *O que é umbanda*. (No Title), 1985.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução: Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRAGA, Rubem. In: SILVA, Adailton da. Relatos sobre o Jongo: Reflexões e episódios de um pesquisador negro. Dissertação de Mestrado. *Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília*, 2006.

CARNEIRO, Edison. Adailton da. Relatos sobre o Jongo: Reflexões e episódios de um pesquisador negro. Dissertação de Mestrado. *Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília*, 2006, p.16.

CARVALHO, José Antônio. *Ritmos e resistência: A tradição afro-brasileira no caxambu e no jongo*. São Paulo: Editora Brasiliana, 2007.

CARVALHO, José Jorge. Um panorama da música afro-brasileira. Parte 1. Dos gêneros tradicionais aos primórdios do samba. *Série antropologia*, no 275, Dpto de Antropologia da UnB. Brasília: UnB, 2000.

COSTA, Renata Oliveira. *Caxambu e identidade: Tradição e patrimônio cultural no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Editora Memória, 2021.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vasquez Gutiérrez. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DA COSTA VITORINO, Diego. Jongo—a estética da resistência Jongo-la estética de la resistencia Jongo-the aesthetics of resistance. *Corpos insurgentes e dissidentes nos processos de educação*, 2022.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Cultura Popular e Patrimônio Imaterial: O contexto do Tambor de Crioula no Maranhão. *Revista de Políticas Públicas*, São Luís - MA, número especial, ago. 2010.

FERRETI, Sérgio. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIRARD, René. *O bode expiatório*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

GUERRIERO, Silas. Antropologia da religião apud PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Censo demográfico 2022*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>>. Acesso em: 19 de julho de 2024, s/p.

IPHAN. *Jongo no Sudeste*. Brasília, DF: Iphan, 92 p.: il. color. ; 25 cm. + CD ROM. – (Dossiê Iphan; 5), 2007.

GUIMARÃES, Aissa A.; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. *Jongos e Caxambus: cultura afro-brasileira no Espírito Santo*. Vitória, ES: UFES, Proex, 2018.

MONTEIRO, Elaine; SACRAMENTO, Mônica Pereira do. Pontão de Cultura de bem registrado e salvaguarda de Patrimônio Imaterial: a experiência do Jongo no Sudeste. *Políticas Culturais: teoria e praxis*. <http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/pontao_de_cultura_de_bem_registrado_e_salvaguarda_de_patrimonio.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2024.

MORAIS, Mariana Ramos de. De macumba a umbanda: o processo de legitimação da religião dita genuinamente brasileira. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 2019.

MORGADO, Ana Cristina. As múltiplas concepções da cultura. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 4, n.1, mar. 2014.

MOROUN, Kalya. Jongo e educação: a construção de uma identidade quilombola a partir de saberes étnico-culturais do corpo. *Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-RIO*, 2013.

MOURA, Roberto. *O samba: Resistência cultural e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

MOURA JUNIOR, Clair da Cunha. O terreiro, a roda e o ritual do caxambu no Espírito Santo. *Programa de Pós-graduação em Artes*. Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

OLIVEIRA, João Carlos. *Cultura e resistência: manifestações afro-brasileiras no século XXI*. São Paulo: Editora Cultural, 2018.

PEIRANO, Mariza G. S. *A análise antropológica de rituais*. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2000.

PEIRANO Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2023.

PEREIRA, João Carlos. *Quilombos e cultura afro-brasileira no Espírito Santo*. Vitória: Editora Capixaba, 2012.

ROCHA, Eliane Santos. *Patrimônio e identidade: O papel das comunidades afrodescendentes no Brasil*. São Paulo: Editora Raízes, 2020.

ROZENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SANTOS, Ana Maria. *Ritmos da resistência: Tradições afrodescendentes no Espírito Santo*. São Paulo: Editora Cultural, 2018.

SANTOS, Lucas Henrique dos. & ALMEIDA, Mariana Costa. *Patrimônios imateriais: histórias e preservação*. Rio de Janeiro: Nova Editora, 2020.

SEGALEN, M. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Maria do Carmo. *Cultura e resistência: A luta pelo reconhecimento das tradições afro-brasileiras*. Salvador: Editora Axé, 2015.

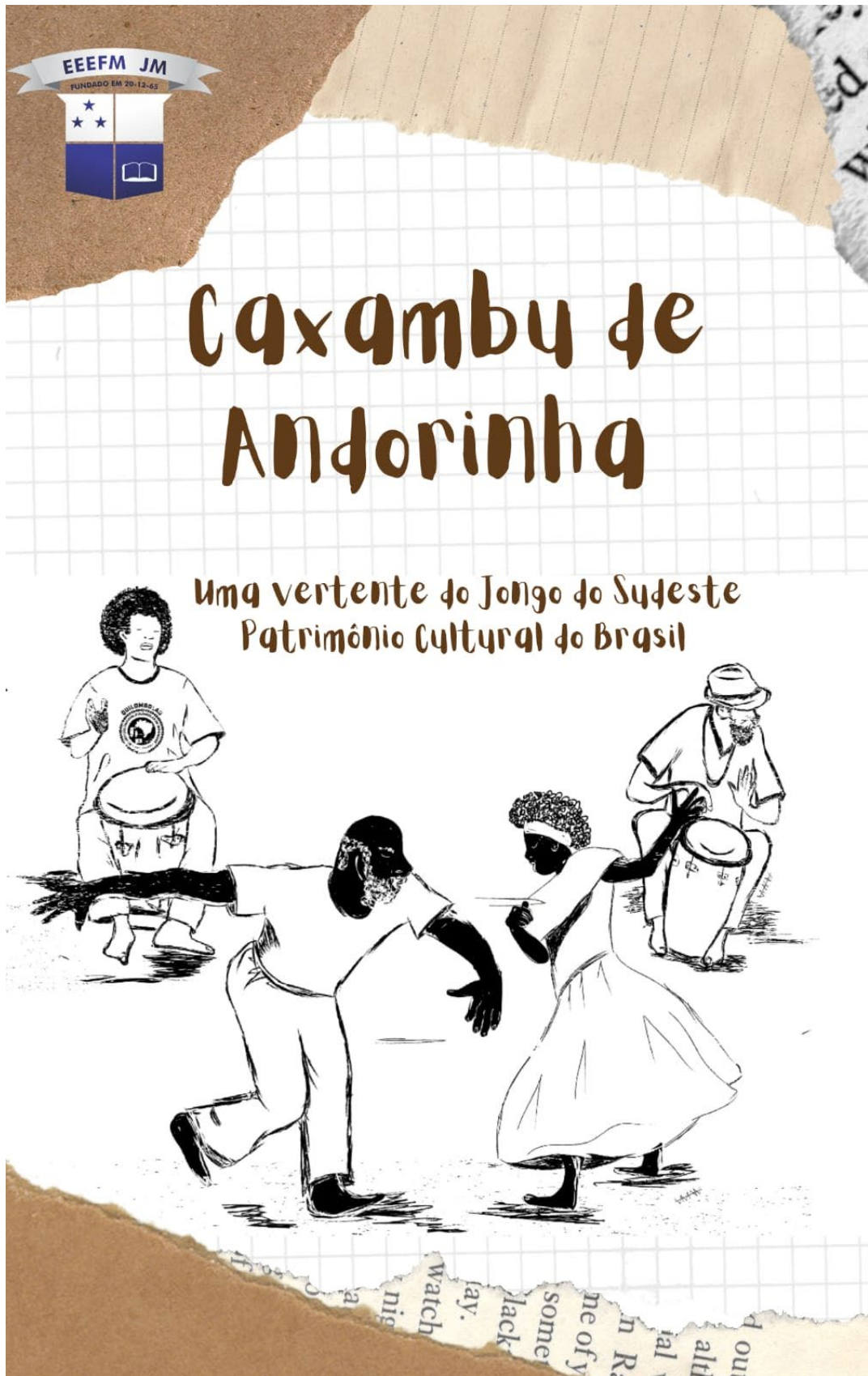
SILVA, Regina Maria da. *Danças rituais afro-brasileiras: raízes e identidades*. Salvador: Editora Afrodita, 2015.

SLENES, Robert; LARA, Silvia Hunold; PACHECO, Gustavo. *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley Stein, 1949*.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor W. *Floresta de Símbolos*. Niterói: EdUFF, 2005.

VERAS, Hermes de Souza. Resenha: Repensando o sincretismo. 2. ed. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38 (2): 327-331, 2018.



ORGANIZADORES

Andreia Tomé de Oliveira

Giselli Thomaz Reis Scarpe

Juliely Veiga Gomes Tatagiba

Larissa Viana Bruneli



Caxambu de Andorinha
Uma vertente do Jongo do Sudeste
Patrimônio Cultural do Brasil

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Andreia Tomé de Oliveira
Giselli Thomaz Reis Scarpe
Juliely Veiga Gomes Tatagiba

ARTE DE CAPA

Rillary dos Santos da Silva

IMAGEM DA CAPA

Canva

ILUSTRAÇÕES

Gabriel Vitor de Oliveira Borges
Icaro da Silva Gomes
Vinicius Ribeiro Santos

FOTOS

Paulo Henrique Freitas de Oliveira

1ª edição

Novembro de 2023



AUTORES

Vitória Petini Gaspar, 16 anos, 1ª série Informática, moro na área rural da Lavrinha no município de Jerônimo Monteiro.

Betina da Silva Rosa, 16 anos, 1ª série Informática, resido na Baixinha, Parada Cristal.

Gabrielly Oliveira da Silva, 15 anos, 1ª série Informática, rua Projetada, bairro Boa Esperança.

João Marlon de Souza de Oliveira, 17 anos, 1ª série Informática.

Rillary dos Santos da Silva, 16 anos, 1ª série Mídias Digitais, moro no bairro Boa Esperança.

Vinícius Ribeiro Santos, 17 anos, 1ª série Mídias Digitais, vivo no bairro Capixaba.

Maria Eduarda Ribeiro, 15 anos, 1ª série Mídias Digitais, meu endereço é bairro Santo Antônio.

Natanael Lucas Macedo de Santana, 19 anos, 1ª série Mídias Digitais, moro na Quinta Turma.

Ícaro da Silva Gomes, 15 anos, 1ª série Mídias Digitais, resido na Avenida Doutor José Farah.

Lorrayne Da Silva Caetano, 15 anos, moro na área rural do Sertão.

Laysa da Silva Carolo, 15 Anos, 1ª série Mídias Digitais, bairro Boa Esperança.

Victória Rodrigues Caldeira, 16 Anos, 1ª série Mídias Digitais, bairro Santa Clara.

Paulo Henrique Freitas de Oliveira, 15 Anos, 1ª série Mídias Digitais, bairro Santo Antônio, município de Jerônimo Monteiro.

Maria Luiza Pinheiro da Silva, 16 anos, 2ª série Informática, moro na Capixaba.

Shirley dos Santos, 17 anos, 2ª série Informática, resido na Fazenda Aliança.

Rafael da Silva Moura, 17 anos, 2ª série Informática, bairro Santo Antônio, município de Jerônimo Monteiro.

Gabriel Vitor de Oliveira Borges, 17 anos, 2ª série Informática, meu endereço é rua Juvenal Costa Moreira, bairro Boa Esperança.

Karolayne Cunha Barboza, 16 anos, 2ª série Informática, bairro Pedregal, rua Argentino Barboza.

Pâmela Gonçalves Rangel, 16 anos, 2ª série Informática, bairro Vila Brito.

Leandro da Silva Martins Filho, 16 anos, 2ª série Informática, bairro Vila Brito.

Gerlayne Meireles Clemente, 16 anos, 2ª série Informática, bairro Boa Esperança.

Matheus Avelar Costa, 16 anos, 2ª série Informática, reside na área rural de Aliança.

Nayane da Silva de Oliveira, 16 anos, 2ª série Informática, rua Santo Antônio de Aguiar.

Brenda Kamily Pereira Ecker, 17 anos, 2ª série Informática, mora na área rural do Sertão.

Gustavo Ferreira Machado, 17 anos, 2ª série Informática, área rural de Boa União.

Enzo Cremaschi Costa, 16 anos, 2ª série Informática, rua Euclides Cremaschi.

Giovana Mazzarin Verly Porto, 16 anos, 2ª série Informática, área rural da Aliança.

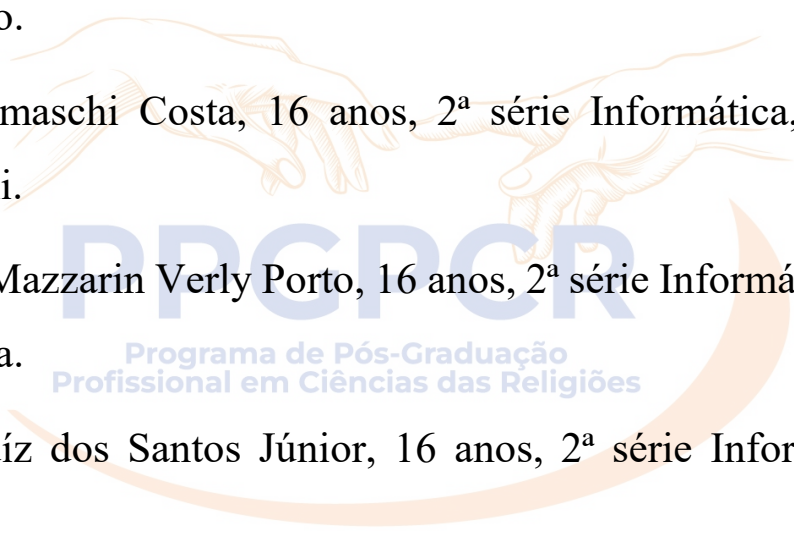
André Luíz dos Santos Júnior, 16 anos, 2ª série Informática, bairro Pedregal.

Alini Félix do Nascimento, 17 anos, 2ª série Informática.

Evelyn da Fonseca Oliveira, 16 anos, 2ª série Informática, rua Nossa Senhora Aparecida n° 246.

Natália Cruz Feliciano de Souza, 16 anos, 2ª série Informática, rua Oliveira de Oliveira Prada.

Pedro Henrique da Silva de Oliveira, 16 anos, 2ª série Informática, rua Boa Esperança.



Adriana Witória da Silva Avelar, 2ª série Informática, 16 anos, 2ª série Informática, rua Oliveira de Oliveira Prada N°89 Bairro Santo Antônio.

Maria Eduarda Santos Machado de Oliveira, 2ª série Informática, 16 anos, rua Boa Esperança.

João Pedro Mendes da Silva, 17 anos, 2ª série Informática, rua Sartonino Lugon Moulin.

Marcos Vinicius Atala Santana, 16 anos, 2ª série Informática, bairro Santo Antônio.

Maria Eliza Gonçalves Rangel, 16 anos, 2ª série Informática, Fazenda Manoel Caetano.

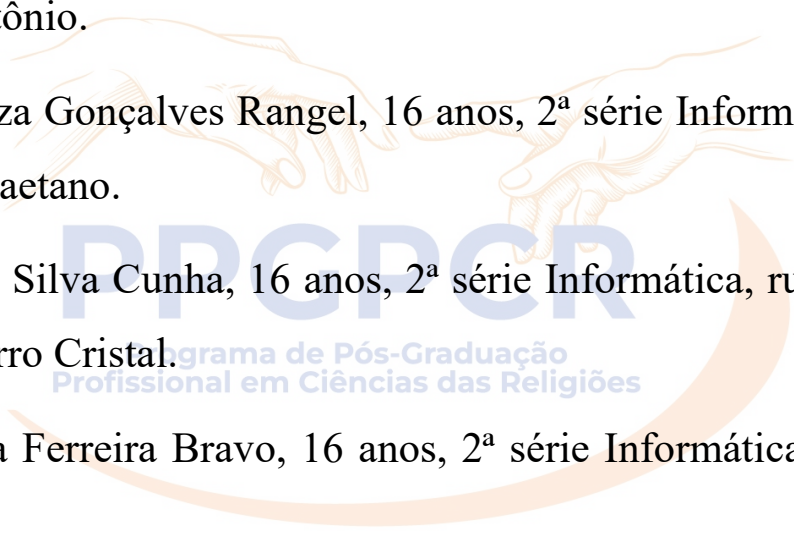
Otávio da Silva Cunha, 16 anos, 2ª série Informática, rua João Soares Melo, bairro Cristal.

Ana Clara Ferreira Bravo, 16 anos, 2ª série Informática, bairro Santa Clara.

Luna de Oliveira Fosse, 16 anos, 2ª série Informática, bairro João Carneiro.

Manuela Gomes, 16 anos, 2ª série Informática, rua João Rodrigues de Oliveira.

Juliely Veiga Gomes Tatagiba é Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Viçosa. Atua na área da educação básica como professora de Língua Portuguesa da rede de ensino estadual do Espírito Santo há 8 anos.



Giselli Thomaz Reis Scarpe, mestranda em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória, há 25 anos professora do Ensino Fundamental II e Ensino Médio na rede de ensino municipal e estadual.

Larissa Viana Bruneli possui uma formação acadêmica robusta e diversificada. Graduada em Ciências Biológicas e Pedagogia, complementou seus estudos com uma Pós-Graduação em Educação Ambiental e atualmente é mestranda em Agroecologia. Desde 2004, dedica-se com paixão à área da educação, buscando sempre inovar e enriquecer suas práticas pedagógicas.

Geovane dos Santos Damaceno, possui Licenciatura em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Carangola (FAFILE) (1989), Licenciatura em Pedagogia das Séries Iniciais pela Universidade de Uberaba (UNIUBE) (2011) Licenciatura Curta em Estudos Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Alegre (FAFIA) (1986). Especialização em História do Brasil (FUSVE), Planejamento Educacional (ASOEC), Docência do Ensino Superior (SIMONSEN), Orientação Educacional UNIGRANRIO), Informática na Educação (FIJ), Educação para relação étnico-raciais (incompleto) (UFES) e Coordenação Pedagógica (UFES), Mestrado Internacional em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos (USC), Assunción PY, com Reconhecimento pela Universidade Federal de Alagoas (2018), Doutorado Internacional em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos (USC), Assunción PY, com Reconhecimento pela UNIUBE (2023). Atualmente atua como

Pedagogo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Jerônimo Monteiro".

João Batista Sales da Silva, graduado em Licenciatura Plena em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre e possui uma segunda graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Metropolitana de Santos. Com uma sólida formação acadêmica, está atualmente cursando o Mestrado em Ciências da Educação, aprofundando seus conhecimentos e competências pedagógicas. Além de suas graduações, é especialista em Gestão Educacional e em Metodologia do Ensino da Matemática, áreas que lhe conferem uma visão ampla e estratégica sobre o processo educativo, bem como habilidades técnicas para aprimorar o ensino. Atualmente, exerce o cargo de Pedagogo na Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo e de professor na Secretaria Municipal de Educação de Jerônimo Monteiro, onde aplica seu conhecimento teórico e prático para contribuir com o desenvolvimento acadêmico dos estudantes. Sua dedicação à educação é marcada pela busca constante por inovações metodológicas e pelo compromisso com a formação integral de seus alunos.

PREFÁCIO

Este livro é uma contribuição da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Jerônimo Monteiro” para a comunidade. Estudantes do Ensino Médio da referida instituição foram instigados a pesquisarem para compreenderem o Caxambu de Andorinha como uma vertente do Jongo do Sudeste- Patrimônio Cultural Brasileiro e, assim, reconhecerem sua importância social.

O Caxambu de Andorinha é um grupo de dança com origem afro-brasileira que nasceu em 2009 e está localizado na comunidade rural da Andorinha no município de Jerônimo Monteiro.

Os estudantes pesquisaram sobre o Caxambu de Andorinha, realizaram leituras, aula de campo realizada no dia 17 de outubro de 2023 no Ponto de cultura Caxambu de Andorinha, produziram textos, desenhos e fotografias, com objetivo de conhecer, refletir e gerar visibilidade a esta manifestação cultural de Jerônimo Monteiro, que faz parte da história da região Sudeste do Brasil desde o século XIX.

Este livro conta com variados textos, escritos pelos estudantes e professores, que abordam sobre diversos aspectos do Caxambu de Andorinha em suas mais variadas interfaces, com intuito de aflorar sentimentos e olhares que o tema merece.

Esperamos que este livro complemente a literatura sobre os jongos/caxambus e possa contribuir para a divulgação de conhecimentos e de reflexões acerca deste importante saber da cultura nacional.

Giselli Thomaz Reis Scarpe



Imagem de Larissa Viana Bruneli

INICIANDO A CONVERSA

“No tempo do cativoiro
Quando o senhor batia
Eu gritava por Nossa Senhora
Como a pancada doía.
Eu choro meu cativoiro
Meu cativerá.
Qual a mãe que não chora
Ao ver seu filho chorar? ”

Versos do Caxambu de Andorinha

O Caxambu de Andorinha foi o objeto de estudos dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Jerônimo Monteiro” com intuito de valorizar esta manifestação cultural de origem afrodescendente, propiciando a preservação da memória e identidade da comunidade local, reforçando laços de pertencimentos.

A construção do processo de ensino-aprendizagem foi sendo gradativamente estruturado por meio de leituras, reflexões, rodas de conversas e convívio com integrantes do Caxambu de Andorinha. Os estudantes tomaram conhecimento da história do grupo, de suas potencialidades, das fragilidades e da resistência para preservação desta cultura afro-brasileira.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN é o responsável por zelar, promover e proteger os patrimônios culturais do Brasil. O conceito de patrimônio cultural é expresso no Artigo 216 da Constituição Federal de 1988 e, de acordo com este artigo, patrimônio cultural são os bens “de natureza material e imaterial, tomados

individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Podemos considerar como formas de expressão “os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”.¹⁰⁶

O Jongo do Sudeste foi proclamado Patrimônio Cultural Brasileiro em novembro de 2005 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e foi registrado no Livro das Formas de Expressão. O Caxambu de Andorinha faz parte do Jongo do Sudeste e o estado do Espírito Santo reúne a maior base de grupos em atividade e, por isso, é relevante zelar por este saber criado no século XIX.¹⁰⁷

Os professores das Áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias conduziram as pesquisas e produções realizadas neste livro considerando o pensamento de Paulo Freire:

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço

¹⁰⁶ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

¹⁰⁷ GUIMARÃES, Aissa A.; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. Jongs e Caxambus: Culturas afro-brasileiras no Espírito Santo. Vitória, ES: UFES, Proex, 2018,s/p.

e comunicar ou anunciar a novidade. ” (FREIRE, 1996, p.16)¹⁰⁸

Assim, numa perspectiva freireana, a pesquisa visa questionamentos, conhecimentos, intervenção e comunicação. O estudante estabelece relações entre a realidade e a teoria aprendida em sala de aula, estimulando a construção lógica da pesquisa e da escrita. Dessa forma, promove a propagação de conhecimentos além da sala de aula e cumpre sua função social de cidadão intervindo na sociedade e contribuindo nas suas realidades.

O trabalho com a temática do Caxambu de Andorinha propicia uma valorização da cultura afro-brasileira, que é silenciada nas salas de aulas, revelando uma educação eurocêntrica. A lei 10.639/2003 está fazendo este ano 20 anos e sua atualização com a lei nº 11.645/2008 implementou a educação das relações étnico-raciais, o ensino da história e a cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas, com objetivo de reconhecimento da importância dessas matrizes étnicas na formação da sociedade brasileira. Porém, a realidade encontra-se longe do ideal de uma sociedade democrática. Os silenciamentos e os desconhecimentos ocultam identidades das etnias que ajudaram a construir este país e revelam uma educação que fortalece o preconceito e as discriminações.

Este trabalho cumpre a lei 10.639/2003, atualizada na lei nº 11.645/2008, que tem como intuito dar visibilidade e enaltecer a cultura

¹⁰⁸ FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

de origem afrodescendente e indígena, valorizando os povos formadores da sociedade brasileira, ampliando a percepção dos alunos frente a pluralidade de culturas, etnias e outras formas de existir.

“Até que os leões inventem suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.” ¹⁰⁹ **Provérbio Africano**

(COUTO, 2012, p. 09)

Giselli Thomaz Reis Scarpe



Imagem de Larissa Viana Bruneli

¹⁰⁹ COUTO, Mia. A confissão da Leoa. São Paulo: Companhia das Letras 2012, p.09.

LOCALIZANDO O CAXAMBU

O Caxambu de Andorinha, fundado no ano de 2009, é uma dança preservada por um grupo de pessoas que conheceram a dança ainda quando crianças. O local de encontro do grupo, o galpão do caxambu, foi construído em cima de uma pedra que provavelmente tem uma grande história.

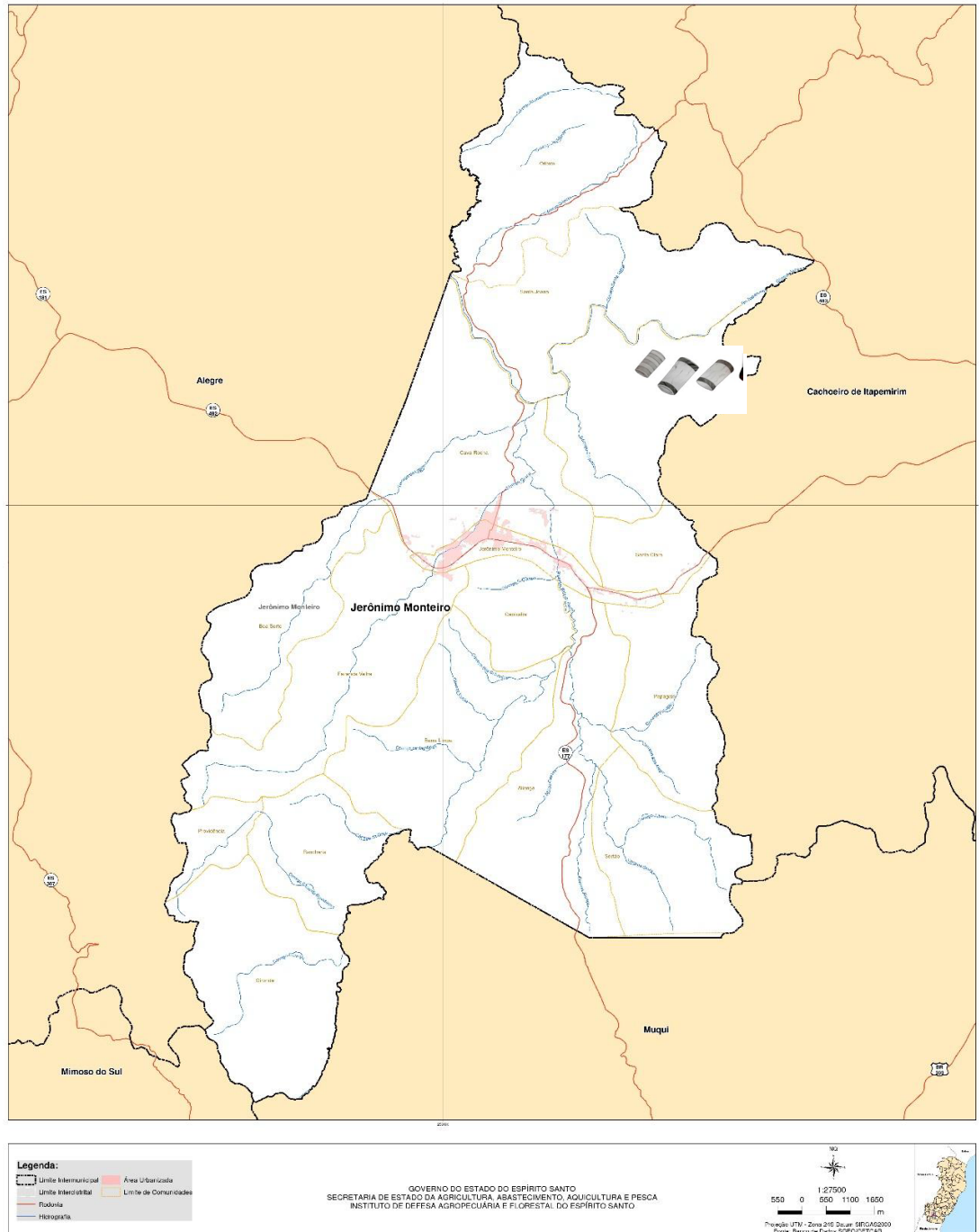
Sua localização fica em um sítio chamado Coqueiral situado na comunidade rural de Andorinha, na cidade de Jerônimo Monteiro, sul do estado do Espírito Santo, portal da região turística do Caparaó Capixaba.

Visitar o Caxambu de Andorinha é ter acesso a histórias, a formas de expressão e a saberes vivos e significativos da cultura brasileira.

João Pedro Mendes da Silva



Fonte: https://www.facebook.com/caxambudeandorinhajm/?locale=pt_BR



Fonte: IDAF

CAXAMBU É CULTURA, É IDENTIDADE

A história é formada por variados povos e, por isso, ao examinar-se o passado da história da humanidade nota-se que a cultura é cada dia mais importante para a identidade de um determinado povo. Em Jerônimo Monteiro, destaca-se, no aspecto cultural, o Caxambu de Andorinha.

O caxambu é uma dança criada pela etnia Bantu de origem africana nas fazendas de café e de cana-de-açúcar da região Sudeste do Brasil, pois esse povo era escravizado e faziam disso uma distração para os dias difíceis.

A história prova que as culturas identificam nações e manter a cultura é conservar as tradições de um povo. O Caxambu de Andorinha conserva histórias e saberes dos descendentes africanos no Brasil e também da cultura local ao preservar a dança e retratar em suas músicas realidades do nosso cotidiano.

Esses fatos levam à conclusão de que a cultura para muitos é importante, uma vez que o grupo Caxambu preserva e permite que outras gerações conheçam um pouco da realidade de nossos antepassados.

Betina da Silva Rosa



Imagem de Larissa Viana Bruneli

VIVÊNCIAS DO PASSADO

No Brasil, temos uma das maiores diversidades culturais do mundo. A cultura brasileira é bastante diversificada e ela é resultado da influência de diferentes povos com destaque para os indígenas, europeus e africanos que auxiliaram na construção da identidade cultural brasileira.

Na região sul do Espírito Santo, especificamente em Jerônimo Monteiro, houve a formação de um grupo conhecido como Caxambu de Andorinha. É um grupo de dança que expressa algo de valor que vai além do que apenas uma dança. O grupo relembra os momentos de angústia que os escravos viviam e, nesse momento de lazer, se sentiam livres da opressão em tempos difíceis de escravidão que nosso país vivenciou. O caxambu, ao formar uma roda de dança, música, cantos, acentuados pelos sons dos tambores, resgata uma série de vivências que os escravos presenciavam no passado e, ao mesmo tempo, revela a realidade de nosso cotidiano sempre em busca por respeito e liberdade.

Portanto, o Caxambu de Andorinha no município de Jerônimo Monteiro é um agrupamento de memórias, de vivências e de fatos do cotidiano que anseia por valorização das identidades e por reconhecimento da sociedade.

Gabrielly Oliveira da Silva

VISIBILIDADE

No município de Jerônimo Monteiro, temos o Caxambu de Andorinha que foi criado em 2009 pelo senhor Sebastião Azevedo dos Santos. Ele formou o grupo de caxambu juntamente com Manoel Raimundo da Silva, o Messias, e José Ronaldo Rangel Cardoso, conhecido como Zengo.

O Caxambu de Andorinha é fruto de uma tradição de matriz africana presente em diversos municípios do Espírito Santo e da região Sudeste do Brasil. Entretanto, tendo em vista a importância do grupo Caxambu de Andorinha na identidade cultural da comunidade, o mesmo encontra uma dificuldade de visibilidade, devido ao preconceito das pessoas em relação à tradição cultural que eles mantêm.

O grupo em questão é uma forma de expressão, através de músicas, danças e gingados, que busca reconhecimento na sua missão de preservação da cultura local.

Vitória Petini Gaspar



Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões
Imagem de Larissa Viana Bruneli

HISTÓRIAS DO GRUPO CAXAMBU DE ANDORINHA

Tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o Jongo do Sudeste, foi considerado Patrimônio Cultural do Brasil. O grupo Caxambu de Andorinha é uma vertente do Jongo do Sudeste fundada no ano de 2009. O grupo é formado por 24 integrantes que buscam expressar seu estilo de dança e cultura.

No grupo do Caxambu de Andorinha, cada um tem sua função: o Sebastião canta e toca a casaca, o Zengo canta e toca o tambor, Raimundo Flauzino da Silva toca a sanfona e bate o pandeiro e o Jorge Fontes Correia bate tambor e toca sanfona. Logo depois, entram as mulheres, que se juntam formando uma roda para acompanhar o ritmo tocado, elas dançam em sentido anti-horário, cantam em coro os refrãos dos pontos e acompanham o ritmo com palmas. Suas vestimentas são saias de chita e blusas com identificação do grupo, variando cores que levam um colorido e muita alegria.

As apresentações do grupo acontecem no barracão do caxambu e em locais onde são convidados. Graças a seus esforços, hoje, o grupo Caxambu de Andorinha consegue manter viva uma cultura centenária.

João Marlon de Souza de Oliveira



Imagem de Paulo Henrique Freitas de Oliveira

UMA DANÇA DEMOCRÁTICA

Caxambu é uma dança democrática da qual homens, mulheres e crianças podem participar. Esta dança é realizada em círculo no sentido anti-horário e se tornou uma tradição herdada por nós brasileiros.

O Caxambu em si começou no tempo da escravidão como uma forma de diversão após um dia cansativo de trabalho, pois era um momento de descontração, de alívio, mas também poderia servir de aviso quando seria a próxima fuga.

Esta dança faz parte do Jongo do Sudeste que é considerado um patrimônio cultural imaterial do Brasil, tombado pelo IPHAN. O grupo Caxambu de Andorinha foi fundado em 2009 pelo líder Sebastião Azevedo dos Santos, conhecido como Sebastiãozão. Ele conduz a música e é seguido pelos demais integrantes do grupo que são levados pelas batidas dos tambores, pelo som da casaca e da sanfona, envolvendo as pessoas ao seu redor.

O Caxambu localiza-se no Sítio Coqueiral da comunidade da Andorinha e está aberto à visitação. Eles recebem pessoas de forma fraternal e isso contribui na preservação da cultura e da história local.

Natanael Lucas Macedo de Santana



Imagem de Giselli Thomaz Reis Scarpe

UMA DANÇA LIGADA À CULTURA DE NOSSO POVO

O Caxambu de Andorinha é uma dança que veio da época da escravidão no Brasil na qual os africanos e seus descendentes a desenvolveram para fugir do caos em que viviam. Ela também era um meio de programar fugas e de criticar o patrão sem ele perceber.

Essa dança cultural faz parte do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural imaterial do Brasil. O grupo de caxambu de Jerônimo Monteiro é composto por 24 membros que se apresentam em seu barracão, nas comunidades vizinhas e até em outros estados. Em suas apresentações, eles utilizam o tambor como ferramenta principal, além do pandeiro, da sanfona e da casaca, que juntos dão um ritmo e animam as pessoas.

O tambor é mais utilizado devido ao seu som alto e, de acordo com o líder do grupo, o Sr. Sebastião, fundador do Caxambu de Andorinha, quanto maior o tambor, mais alto o som fica e, se o tambor for aquecido, ficando próximo a uma fogueira, o calor também ajuda a melhorar o som.

Caxambu é uma dança circular do século XIX por meio da qual homens e mulheres mantêm seus gingados e dançam ao som de melodias antigas e atuais. Muitas pessoas perguntam se caxambu é macumba, mas na verdade “macumba” é o nome dado à batida do tambor ou a um instrumento de percussão de origem africana, semelhante ao reco-reco.

O que verdadeiramente importa é que, longe de estereótipos, a população deveria valorizar o caxambu, pois ele é uma dança ligada à cultura de nosso povo.

Victória Rodrigues Caldeira



Desenho de Icaro da Silva Gomes

NARRANDO HISTÓRIAS E COSTUMES

O grupo Caxambu de Andorinha se mantém vivo e atuante em Jerônimo Monteiro e ele vem entoando sons de tambores e de outros instrumentos que narram histórias, costumes e tradições do cotidiano das pessoas.

O grupo expressa modos de viver, de pensar e representa o lugar onde vivem. Os participantes do Caxambu se reúnem no sítio Coqueiral onde o líder desse grupo, Sebastião, expressa todo seu encanto pela dança desde a infância, quando participava de festas da comunidade local.

Numa sociedade democrática, o respeito a todas as culturas e histórias é importante para preservar a identidade de uma população multiétnica. Portanto, faz-se necessário a valorização da cultura do Caxambu, pois mantê-la viva por gerações garante sua essência e permite a manutenção de um ritual muito antigo.

Lorrayne da Silva Caetano



Desenho de Icaro da Silva Gomes

EXPERIÊNCIA CONTAGIANTE

Assim como todos os países e cidades, Jerônimo Monteiro também tem uma manifestação cultural de destaque, o Caxambu de Andorinha, idealizado pelo senhor Sebastião Azevedo dos Santos no ano de 2009. Este caxambu está integrado ao Jongo do Sudeste, reconhecido como patrimônio cultural do Brasil.

Uma das coisas mais bonitas do caxambu é a dança que juntamente com as músicas ganham destaque. A dança se apresenta em círculo, no sentido anti-horário, e é aberta para homens e mulheres de variadas idades, assim como para pessoas de qualquer religião e costumes que cantam em coro, repetindo as letras e acompanhando o ritmo com palmas.

Os integrantes femininos desta dança ganham destaque usando vestimentas de apresentação composto de saias de chita bem coloridas, rodadas e blusas de cores diversas sempre com a identificação do nome do grupo Caxambu de Andorinha. Participar de uma roda de caxambu é uma ótima energia e uma experiência muito contagiante.

Laysa da Silva Carolo

LEVANDO A ALEGRIA

O Caxambu de Andorinha é organizado por um grupo de pessoas que representam a cultura do lugar onde vivem.

O Caxambu é uma dança, conduzida pelo ritmo dos tambores e de outros instrumentos, que expressa os saberes de um povo, que mantém as lembranças de infância e o conhecimento passado de geração a geração.

O líder do Caxambu de Andorinha, o senhor Sebastião, formou um grupo em 2009 por influência de sua infância e adolescência quando frequentava o caxambu com seus familiares. A alegria da dança o contagiava e isso fez crescer a vontade de manter viva essa cultura.

O grupo Caxambu de Andorinha busca promover alegria, sentimento de acolhimento e união a todos que frequentam essa manifestação cultural.

Maria Eduarda Ribeiro dos Santos

TESTEMUNHO DA RICA HERANÇA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

O Caxambu de Andorinha pode ser definido como uma dança popular e histórica da qual qualquer pessoa que almeja pode participar. Ela foi criada pelos escravos com o intuito de distraí-los, já que sofriam e trabalhavam o dia todo. Quando chegava à noite, faziam rodas e as crianças, mulheres e os homens dançavam em círculo ao ritmo dos tambores.

O caxambu tem diversos nomes e as denominações Tambu, Batuque, Tambor e Jongo são as mais conhecidas. Além disso, o caxambu é cantado e tocado de diferentes formas e, por isso, existem variações de lugar para lugar, mas isso não altera sua essência. Ao observar esta dança, é possível notar como característica o pé no chão, sendo que essa particularidade representa as escravas que dançavam descalças com saia de chita, enquanto os homens usavam blusas, calças e bermudas de saco de estopa.

Portanto, o Caxambu de Andorinha é uma dança tradicional brasileira que surgiu entre os escravos como uma forma de distração após longas jornadas de trabalho. Apesar das diferenças regionais, o Caxambu mantém sua essência e é um testemunho da rica herança cultural afro-brasileira que continua a ser celebrada e preservada até os dias de hoje.

Marcos Vinicius Atala Santana

OS PONTOS

Pontos são as letras de músicas que compõe o jongo/caxambus e eles são cantados em uma roda de dança com instrumentos musicais como, por exemplo, tambores, pandeiro, sanfona e casaca.

Os pontos podem ser laçados por um homem ou por uma mulher, enquanto as pessoas da roda repetem o verso cantado pelo solista. O canto dos pontos permanece enquanto a roda de dança se movimenta em sentido anti-horário através do som de palmas, de tambores e dos demais instrumentos.

As letras cantadas relatam o cotidiano, a escravidão e fazem críticas a esse período histórico, relembram o passado. Tais características são mostradas nas letras do Caxambu de Andorinha descritas abaixo:

“No tempo do cativo, quando o senhor me batia, eu gritava por nossa Senhora como a pancada doía. Eu choro meu cativo, meu cativo. ”

“O Caxambu é pau oco forrado com couro. Deus abençoa e guarda o povo do caxambu”

“O Maria, tira o pé da areia. Sua mãe mandou dinheiro para comprar sapato e meia. ”

*“ Fogo está lavorando, fumaça está subindo, perguntar mestre
jongueiro aonde a fumaça tá indo? ”*

*“Carreiro bom é o carreiro da fazenda, boi tá no pasto, carreiro tá na
venda “*

Ana Clara Ferreira Bravo



Imagem de Larissa Viana Bruneli

UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DO BRASIL

O Caxambu de Andorinha se enquadra como um exemplo de manifestação cultural praticada, atualmente, na maior parte das vezes, por afrodescendentes. Essa dança foi uma maneira usada pelo povo africano Bantu para resistir às dificuldades que enfrentavam e para se divertirem durante o período da escravidão no Brasil.

O caxambu é considerado uma vertente do Jongo do Sudeste, que se tornou um patrimônio cultural do Brasil tombado pelo IPHAN em 2005. Essa ação do governo demonstrou a valorização de tradições oriundas da cultura africana no país, uma vez que houve reconhecimento das manifestações culturais que fazem parte da história de formação de nossa população. Dessa forma, pode-se entender que a cultura brasileira é construída a partir da mistura de tradições dos povos que formaram o país.

Ao ser considerado uma vertente do Jongo do Sudeste, patrimônio cultural de natureza imaterial, o caxambu passa a ser valorizado como parte da cultura do país. Assim sendo, as manifestações que recebem esse título passam a ser lembradas e, por isso, não podem ser esquecidas ou perdidas da memória da população.

Pode-se perceber que o reconhecimento do caxambu e do jongo como parte da cultura brasileira é um grande avanço. Contudo, ainda existe muito preconceito gerado pela falta do conhecimento do povo sobre essa cultura.

Gerlayne Meirelis Clemente



Imagem de Larissa Viana Bruneli

AS LETRAS DO CAXAMBU

O Caxambu de Andorinha é uma manifestação cultural de descendência africana, dançada e cantada. Durante a apresentação, os participantes abordam assuntos vivenciados por eles ou por seus antepassados. Além disso, em tempos de escravidão, essa manifestação era como uma válvula de escape, pois, nesse momento, eles dançavam, cantavam e riam, apesar das péssimas condições de vida.

As letras das músicas são conhecidas como pontos e eles eram criados pelos participantes da dança ou aprendidos com a tradição. Os grupos de caxambu sempre tinham assuntos para abordar e, de certa forma, eles estavam ligados à tradição, à história, ao cotidiano, aos saberes e às crenças. Por vezes as letras revelavam desabafos de um cotidiano marcado pelas desigualdades e pela exploração.

As letras selecionadas a seguir, entoadas pelos caxambuzeiros de Andorinha, revelam fatos corriqueiros relacionados à realidade da população.

“Mestre carreiro, fala o nome dos seus bois é a saudade de alguém que já se foi. ”

“Se eu entrei pro mar adentro, pra brigar com tubarão, se eu matei baleia a soco, jacaré a pescoção. ”

Adriana Witoria da Silva Avelar

PRINCÍPIOS DO CAXAMBU

Conhecido como uma manifestação cultural, o Caxambu de Andorinha de origem afro-brasileira é uma organização que integra percussão de tambores, de casaca, de sanfona, de pandeiros, além de apresentar dança democrática com elementos poéticos.

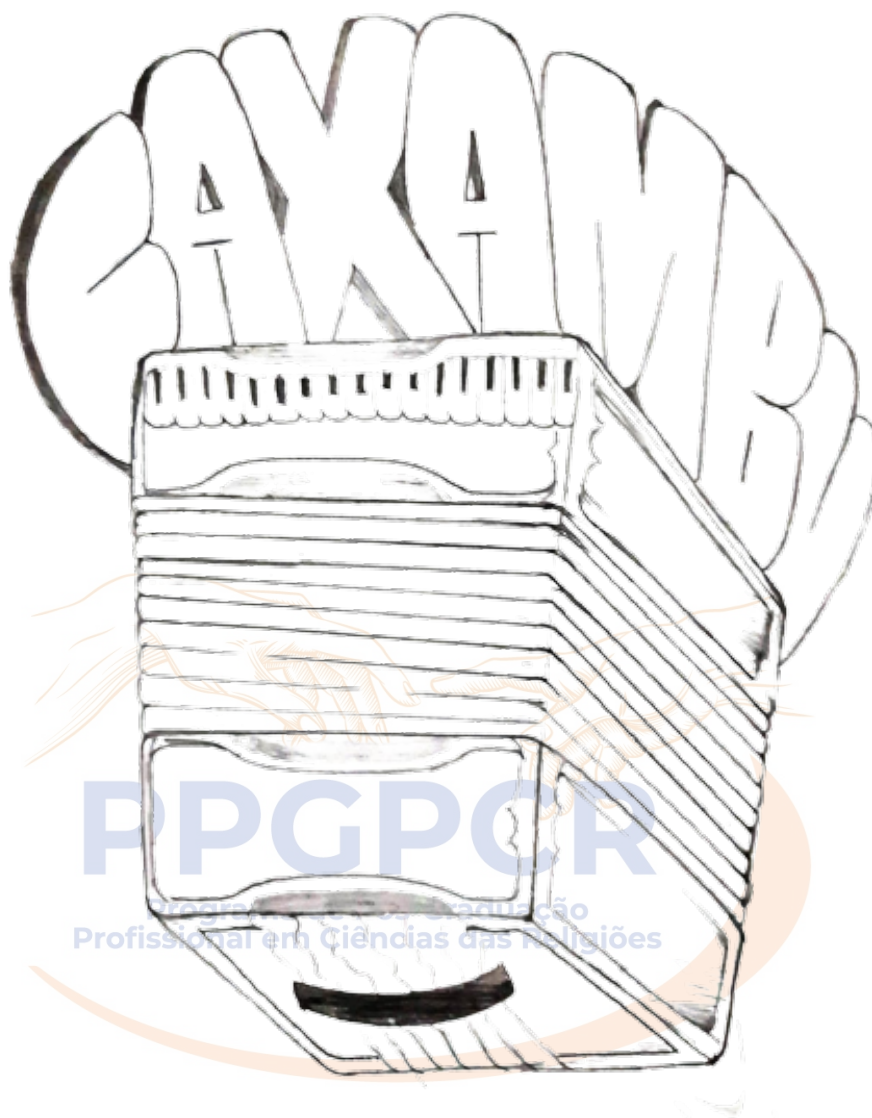
O caxambu compõe o Jongo do Sudeste e ele tem suas raízes, saberes e ritos baseados nos povos africanos. Esta manifestação ocorre na cidade de Jerônimo Monteiro no Sítio Coqueiral localizado na comunidade de Andorinha.

Levando em consideração que o caxambu faz parte de diversos jongs que existem no país, é essencial enfatizar que cada comunidade tem sua tradição seja nas músicas, nas danças e nos instrumentos.

Na comunidade do Caxambu de Andorinha, a dança é realizada em círculo anti-horário, suas roupas são saias de chita e blusa representativa do grupo. As letras são pontos baseados nos acontecimentos do dia a dia.

O grupo Caxambu de Andorinha considera que a preservação da cultura afro-brasileira precisa ser feita com muito amor e felicidade, pois isso valoriza a identidade cultural do nosso país.

Karolayne Cunha Barboza



Desenho de Vinicius Ribeiro Santos

A ENCANTADORA DANÇA AFRO-BRASILEIRA

O caxambu é um patrimônio cultural imaterial do Brasil que gera um sentimento de identidade e a continuidade de uma tradição. Além disso, ele é uma maneira de conhecer a história e tudo que a envolve.

Este patrimônio tem sua importância na preservação da história de antepassados afro-brasileiros. Ele representa a dança como sendo um ato no qual os escravos podiam desfrutar de pequenos momentos de felicidade, já que estavam sempre presos na senzala. As letras das músicas abordam pontos sobre assuntos do dia a dia e da vivência em comunidade. Esta manifestação é realizada através da dança apresentada em círculos anti-horários e ela é guiada pelo som e pelo ritmo marcado do tambor. Os integrantes do grupo usam vestimentas como saia de chita e blusa de identificação do grupo. Enfim, a dança jongo ou caxambu expressa a transmissão de emoções e de sensações dos integrantes do grupo. Essa manifestação permite que todos possam conhecer a história com o seu verdadeiro significado.

Pâmela Gonçalves Rangel



Imagem de Paulo Henrique Freitas de Oliveira

CARACTERIZANDO O CAXAMBU DE ANDORINHA

O Caxambu de Andorinha foi criado em 2009 pelo fundador Sebastião de Azevedo Santos. Ele tem uma trajetória que mostra o orgulho e o carinho sentido por essa dança que, no caso, é uma herança do povo africano. O grupo é composto por 24 integrantes e eles expressam, através de seus pontos, a história deixada pelos escravos, já que usavam a roda de jongo para se distraírem após viverem dias cansativos e difíceis. Alguns desses pontos são criados na hora em que eles estão participando da roda e outros são heranças de tradições antigas.

No jongo/caxambu, os instrumentos e as vestimentas têm sua importância. As mulheres usavam saias de chita e os homens utilizavam calças feitas de saco de estopa, mas atualmente os integrantes do sexto masculino fizeram uma adaptação e usam calça jeans. As demais vestimentas são mantidas até os dias de hoje, pois indicam um sinal de respeito.

O tambor é de suma importância nesse tipo de dança e ele passa por um processo de criação até o momento de uso que dura, em média, aproximadamente quinze dias. Esse tambor deve ser deitado no chão por quem for tocá-lo, pois, assim, poderá ser emitido um som mais oco.

Maria Eliza Gonçalves Rangel



Desenho de Vinicius Ribeiro Santos

A DANÇA DO CAXAMBU

As tradições do Caxambu de Andorinha perpetuaram rituais e crenças que se integram em rodas de danças. Em formato de círculo, em sentido anti-horário, a dança do Caxambu toma forma, envolvendo o público em um misto de emoções como a alegria.

Durante as apresentações, os homens tocam variados instrumentos e a eles são atribuídas funções relacionadas à inserção de pontos, de letras das músicas, enquanto as mulheres circulam pelo salão a fim de acompanhar as músicas e os cantos. Desse modo, é notório o destaque dados às mulheres e ao som produzido pelos instrumentos. As vestimentas usadas por elas, no caxambu, valorizam os movimentos de seus corpos durante a dança. Suas saias de tecidos coloridos trazem alegria e envolvem os que assistem à apresentação.

A dança do caxambu demonstra a cultura e os saberes desenvolvidos ao longo dos séculos.

Luna de Oliveira Fosse

CONHECENDO OS PONTOS DO CAXAMBU

Denomina-se ponto toda a sonoridade vocal e instrumental apresentada em rodas de jongos e caxambus. Os pontos, letras do caxambu, relatam a história tanto dos escravos quanto da vida dos jongueiros e, muitas vezes, podem ser histórias criadas por eles a fim de retratarem seu cotidiano ou de pedirem proteção.

Ele é entoado primeiramente por um indivíduo, seja ele homem ou mulher, e é seguido pelos integrantes que compõem a roda, incluindo os visitantes e musicistas. O ponto é formado por versos que são repetidos pelo grupo. Um dos pontos a ser destacado no grupo Caxambu de Andorinha é representado pelo seguinte verso:

"Caxambu é feito do toco de um pau roliço. Quem trabalha quer ser pago, quem paga quer ver serviço."

Por meio desse verso, são relatados o cotidiano e a vida dessas pessoas, incluindo o material que é utilizado para a fabricação dos instrumentos como o tambor que, por sua vez, são feitos a partir de couro de boi e de árvores secas e ocas. A pele do animal é esticada e levada para a secagem no sol por alguns dias.

Outro ponto que merece ser destacado é a busca por proteção tão comum entre as pessoas:

"Estrela verde do mar ilumina meus caminhos, seja a noite seja dia, não me deixe andar sozinho".

Portanto, as letras das músicas do caxambu são ricas histórias, recheadas de costumes e de tradições, passadas de geração em geração.

Maria Eduarda Santos Machado de Oliveira



IDENTIDADE CULTURAL

O Caxambu de Andorinha, localizado em Jerônimo Monteiro, faz parte de um patrimônio cultural característico da região do Sudeste do país e, através de um grupo de pessoas, traz sua identidade e sua cultura por meio de uma dança que está sendo cada vez mais valorizada no Brasil.

O caxambu é uma herança da cultura afro-brasileira que simboliza uma forma de expressão por meio de cantos e de danças. Ele era visto como uma representação de lazer e de resistência para os escravos, já que era um dos poucos meios de distração que existia naquela época para essas pessoas.

Atualmente o caxambu é reconhecido em vários lugares do Brasil e, por onde passa, ele deixa uma riqueza cultural através de danças que são apresentadas ao público. Elas acompanham o ritmo dos pontos tocados. Esse patrimônio cultural, além de trazer uma história de força, de luta e de coragem, traz também marcas do sofrimento enfrentado pelos negros. Hoje em dia, essa dança cultural é reconhecida pelo governo do Brasil e ela vem encantando, com sua beleza, todos os lugares pelos quais passa.

Evelyn da Fonseca Oliveira

O RITMO NO CAXAMBU TEM HISTÓRIA

Os instrumentos musicais são usados para dar o ritmo das músicas do Caxambu de Andorinha no qual são utilizados vários tipos de instrumentos cada um com seu tipo sonoro. Eles dão ritmo e vida à música e, além disso, deve-se destacar que cada instrumento tem sua própria história.

O tambor, instrumento histórico originado na África, foi trazido para o Brasil através dos navios negreiros no século XVI e XIX. Ele é feito de madeira sedentária que já esteja derrubada, pele de boi e pregos. Seu formato e tamanho variam de acordo com o tamanho do tronco. Seu som, chamado de macumba, muda conforme a umidade da pele de boi e, por isso, com a pele mais seca, sai um som mais alto e, com a pele mais úmida, sai um som mais baixo. O tambor dá à música o ritmo principal juntamente com os outros instrumentos.

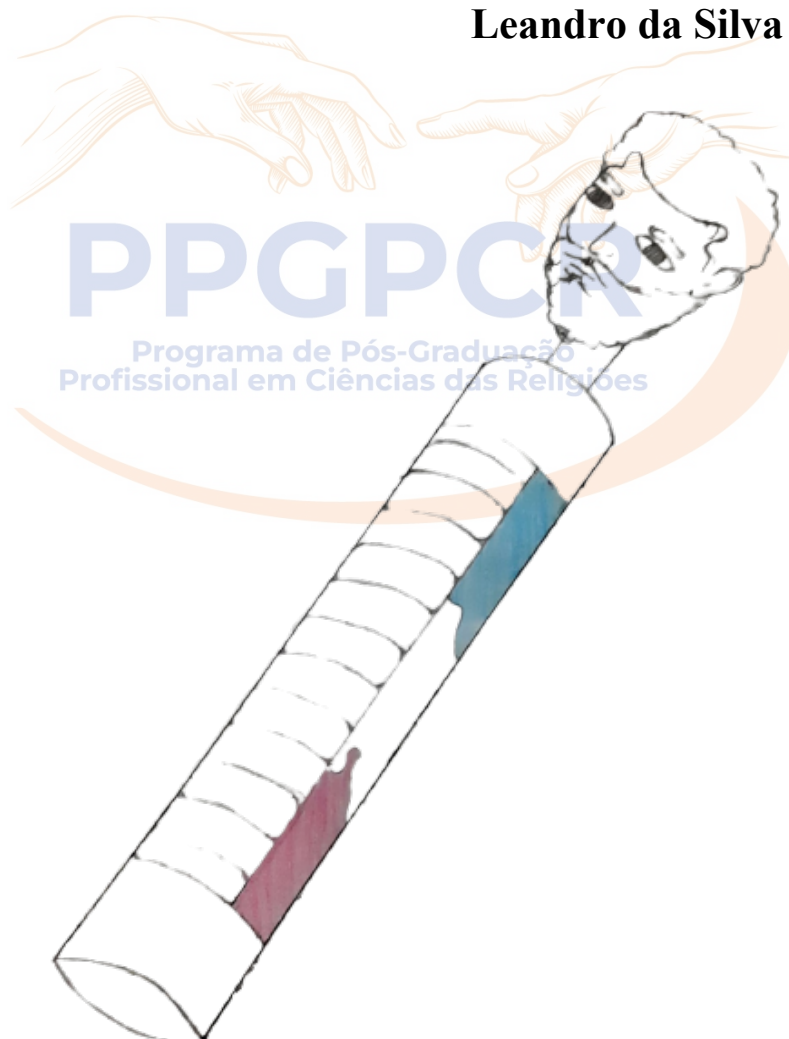
O pandeiro é um instrumento que muitos conhecem e que se destaca em várias festas culturais. No caxambu, ele é usado para dar um sub-ritmo à música. Com seu design não muito pequeno, ele anima as pessoas com um som meio abafado, enquanto seus pratos laterais apresentam um som mais estridente.

A sanfona tem origem chinesa. Esse instrumento promove um som animado e diversidade à música. A sanfona é feita de fole, de paletas livres e de duas caixas harmônicas de madeira. Sua presença é muito importante nas apresentações para compor o ritmo.

Por fim, a casaca, feita de madeira ou de plástico, é um dos instrumentos de história mais antigos, com uma origem indígena.

Os instrumentos são uma das partes mais importantes do Caxambu de Andorinha e sem eles não daria para se ter belas canções de alegria. Em cada toque e em cada som, o amor dos caxabuzeiros é transmitido para os instrumentos e isso faz do caxambu a mais bela forma de arte e de cultura.

Leandro da Silva Martins Filho



Desenho de Vinicius Ribeiro Santos

UMA DANÇA AFRODESCENDENTE

O Caxambu faz parte de um movimento artístico que se caracteriza por ser uma dança-afrobrasileira cujo nome advém da junção das palavras africanas “Cacha (tambor) e mumbu (música)”. Ela é uma dança coletiva praticada ao som de tambores e acontece em algumas comunidades rurais do Sudeste brasileiro.

O caxambu, também conhecido como Jongo, surgiu por contribuição do povo africano bantu que veio para o Brasil trabalhar nas fazendas de cana e café no interior dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nesses locais, eles se reuniam todas as noites para dançar e cantar em volta da fogueira a fim de espantar o frio, pois essa era a única diversão que tinham. A partir desse contexto histórico, se formou, em 2009, um grupo nomeado Caxambu de Andorinha. O principal responsável por essa ação foi Sebastião Azevedo dos Santos, mais conhecido como Bastiãozão. Ele contou com a ajuda de outras pessoas como José Ronaldo Rangel Cardoso, Manuel Raimundo da Silva e Messias. Sebastião relata que o primeiro contato com a roda de Caxambu foi na infância, durante uma festa religiosa no dia de Santana, padroeira local, em Boa Sorte. Esse contato, ainda na infância, fez com que Sebastião se apaixonasse por esta manifestação cultural e, por isso, criou esse grupo em sua região a fim de mostrar para as pessoas a riqueza dessa dança.

Pedro Henrique da Silva de Oliveira

CAXAMBU: UMA DANÇA DA CULTURA BRASILEIRA

O Caxambu de Andorinha é uma dança que foi fundada em 2009. Localizada dentro do Sítio do Coqueiral em Jerônimo Monteiro. Atualmente o grupo é composto de 24 pessoas e estão sempre de braços abertos para receber quem quiser participar.

O fundador do Caxambu de Andorinha foi o senhor Sebastião de Azevedo Santos. Ele diz que o seu interesse pelo caxambu começou quando era mais jovem, pois passava momentos muito felizes com seu pai e com sua família. Desde então o Caxambu de Andorinha esteve expandindo seus membros até nos dias de hoje.

Essa manifestação cultural se originou na época de escravidão no Brasil. Ela era praticada pelos escravos à noite perto de uma fogueira nas fazendas onde trabalhavam. As músicas cantadas no caxambu abordam geralmente o cotidiano e as letras são passadas de geração a geração ou são criadas pelos participantes na hora. A dança pode ser praticada por qualquer um que está na roda e ela segue o ritmo dos instrumentos e do pé no chão. As mulheres dançavam usando saia de chita e a camisa que representa o seu grupo.

Assim como a capoeira e outros itens da nossa cultura brasileira, o caxambu é uma dança da qual muitos participam para se divertirem e, por isso, é uma forma de apreciarmos a nossa cultura e história. O caxambu nos mostra que, mesmo em momentos difíceis, ainda arrumamos um jeitinho para nos distrair e festejar.

Enzo Cremaschi Costa

O NOSSO CAXAMBU

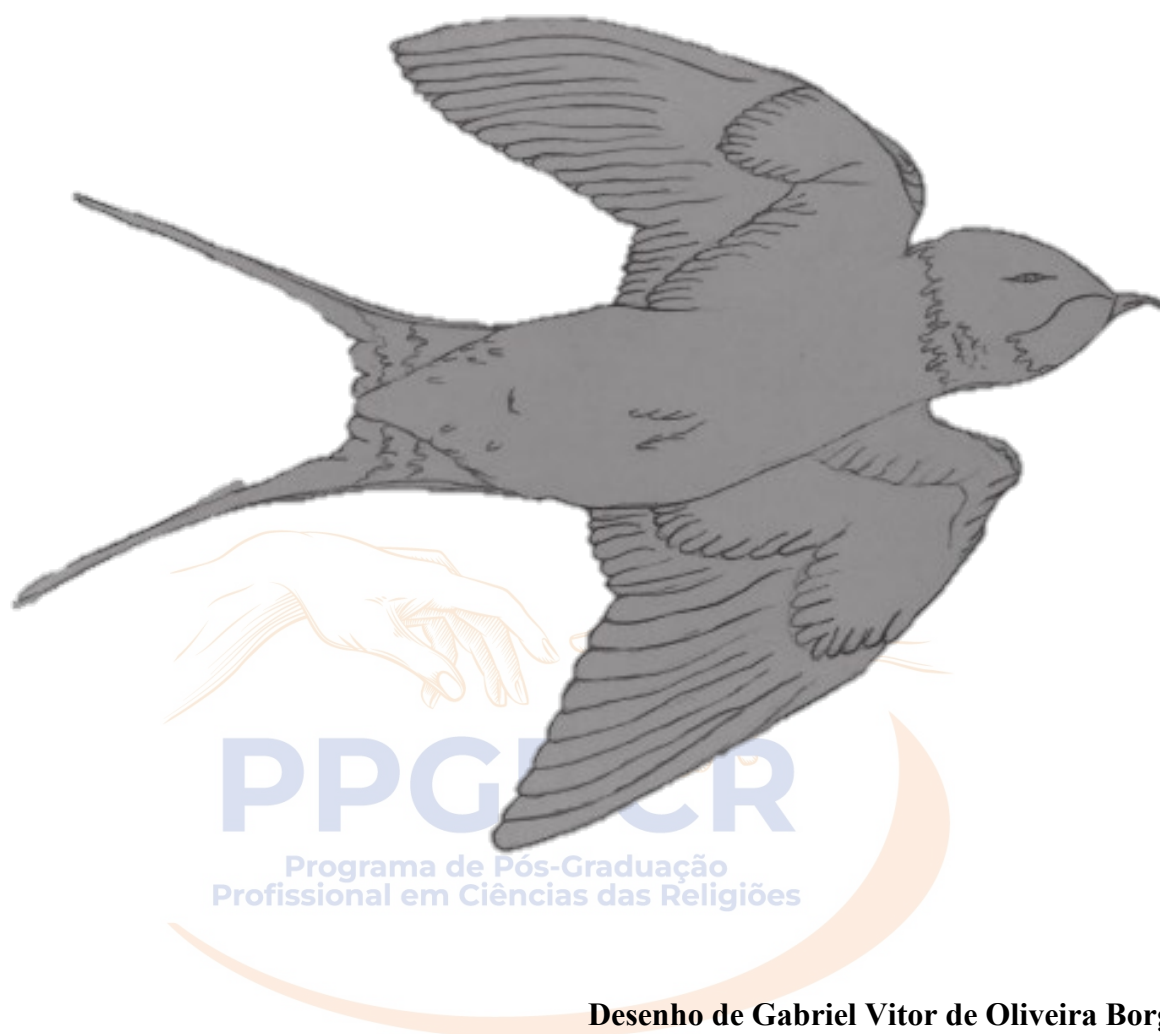
O caxambu tem origem afrodescendente e revela, em sua essência, a fusão de diferentes linguagens.

Na roda de caxambu, podemos observar gestos, expressões corporais, dança e poesia metafórica em pontos cantados ao ritmo do tambor. Identificamos também que o grupo é muito importante para a conscientização da importância da cultura afro-brasileira.

O caxambu é uma dança organizada em círculo, com movimento anti-horário guiado pela batida do tambor. O padroeiro do Caxambu de Andorinha é São João Batista, inclusive em uma de suas vestimentas este padroeiro aparece.

Ao dançar e cantar o caxambu, ouvimos os pontos, que são as letras das músicas. Cada música tem um significado, algumas são criados por eles e outras são passadas de geração em geração. Essas letras de músicas expressam sentimentos de amor e de felicidade, como diz o mestre do Caxambu de Andorinha, o senhor Sebastião Santos.

Natália Cruz Feliciano de Souza



Desenho de Gabriel Vitor de Oliveira Borges

UMA CELEBRAÇÃO DAS RAÍZES AFRICANAS

O Caxambu de Andorinha é um grupo de dança, composto por 24 pessoas, que resgata a cultura e as memórias do povo afrodescendente.

O grupo do Caxambu de Andorinha foi criado em 2009, por Sebastião Azevedo dos Santos, mais conhecido como Sebastiãozão. Ele é proprietário do sítio, segurança e mestre do Caxambu de Andorinha.

O caxambu é dançado em roda no sentido anti-horário, com vestimenta de saia de chita e blusa representativa do grupo.

Contudo, essa manifestação tem a importância de preservar a cultura dos antepassados e de passar os seus sentimentos através de seus pontos criados com base nos momentos vivenciados no dia a dia dos participantes do grupo. Com isso, eles celebram as raízes africanas de uma forma descontraída e feliz assim como era feito pelos antepassados dos escravos.

Alini Felis do Nascimento

UMA DANÇA AFRO-BRASILEIRA

A dança do caxambu é afro-brasileira, pois se originou nas senzalas dos escravos. Eles tinham como objetivo se distrair e esquecer, por algumas horas, a luta do dia a dia.

Criada no ano de 2009 por Sebastião de Azevedo Santos, mais conhecido como Sebastiãozão, o Caxambu de Andorinha iniciou uma grande jornada de conquistas e de superação. Formada por pontos (letras musicais), instrumentos específicos e danças, o caxambu é até hoje praticado, como forma de expressão e de protesto, por aqueles que valorizam suas origens.

O ritual do caxambu é feito por meio da dança das mulheres, que rodam vestidas com saia de chita no sentido anti-horário enquanto toca o tambor, a casaca, a sanfona e o pandeiro.

No Caxambu de Andorinha, o integrante Manuel Raimundo da Silva (Messias) toca o pandeiro, José Ronaldo Rangel Cardoso (Zengo) toca o tambor e Sebastiãozão guia o cortejo selecionando a ordem dos cantantes com o auxílio da casaca. Assim, as mulheres dançam e cantam formando a dança do caxambu.

Apesar de todas conquistas, o caxambu é vítima do preconceito e da intolerância religiosa até os dias atuais, porém não é empecilho para aqueles que conhecem e valorizam a história. Isso torna a dança ainda mais importante não apenas para a preservação da história, mas também para a resistência negra e religiosa.

Brenda Kamily Pereira Ecker



Imagem de Larissa Viana Bruneli

PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

OS INSTRUMENTOS NO CAXAMBU

O Caxambu de Andorinha é uma dança realizada por meio de palmas e de instrumentos como batuque, sanfona, casaca e pandeiro. Esses instrumentos são essenciais para dar o ritmo e o som com as batidas certas.

Nessa manifestação, um dos instrumentos mais importantes são o tambor e a casaca. O tambor é feito com a madeira oca e é coberto por couro de boi. Esse couro leva dias para secar no sol e, só depois, fica pronto para ser fixado na madeira com pregos ou cordas.

A casaca, também conhecida como reco-reco, é um instrumento tradicional usado em festa de jongo/caxambu. Sua origem é indígena e ele se caracteriza por ser um instrumento de percussão fina que produz som por atrito.

O instrumento casaca é esculpido na madeira leve e com sulcos. A costela de onde sai o som é feita de bambu e seu formato é normalmente cilíndrico. No topo da casaca, os jongueiros e caxambuzeiros produzem uma cabeça humana, sendo essa parte utilizada para segurar e tocar o instrumento.

Manuela Gomes

OS TAMBORES DO CAXAMBU

No caxambu, os instrumentos utilizados são reco-reco, tambor, pandeiro e sanfona. O tambor é feito com tronco oco e com couro de boi. A pele do animal é distendida pelo calor e, por isso, fica perto de fogueiras. O couro, antes de ser transformado em um instrumento, passa por um processo, pois, logo após ser retirado do boi, ele é lavado e colocado para secar. Esse processo dura aproximadamente 10 a 15 dias. Além disso, o tronco, depois de ser cortado, é limpo por dentro. Em seguida, pregam o couro. Um detalhe importante é que, quanto mais a pele estiver esticada, mais sai som do tambor.

André Luiz dos Santos Junior



Imagem de Larissa Viana Bruneli

UMA DANÇA DE TRADIÇÃO

O Caxambu de Andorinha é uma tradição antepassada caracterizada por ser uma dança ritmada por instrumentos. Essa tradição dos afrodescendentes é passada de pai para filho.

O caxambu foi criado pelo mestre Sebastião Azevedo dos Santos, conhecido como Sebastiãozão e é uma dança que traz muita alegria, diversão e muita música para as comunidades que o recebem.

As tradições hereditárias são feitas há 14 anos e realizadas com muito de amor. O caxambu já era realizado nos tempos da escravidão, quando os escravos tinham seu tempo livre para descontração.

O grupo de Caxambu de Andorinha é muito importante, pois eles preservam essa dança centenária cheia de tradição e, por isso, não a deixam morrer. O Espírito Santo é o lugar que mais tem o caxambu em atividade.

Nayane da Silva De Oliveira

CADA INSTRUMENTO, UM MOVIMENTO

Os instrumentos são muito importantes para o caxambu, pois eles dão ritmo à dança e cada som que sai do instrumento traz um movimento diferente. No Caxambu de Andorinha, o instrumento de mais destaque são os tambores.

Os tambores são feitos de tronco de árvores ocos e são transmitidos como herança dentro do grupo. A pele de boi é usada na confecção desse tipo de tambor e ela é despendida pelo calor e, por isso, é colocada próxima a uma fogueira. O tronco escavado é coberto com a pele que, no caso, é presa por pregos. Os tambores são fabricados artesanalmente no galpão do caxambu com paciência e habilidade.

Os instrumentos são tão importantes como cada pessoa que faz parte do grupo caxambu.

Gustavo Ferreira Machado

MINHA PERCEPÇÃO DO CAXAMBU

Conhecido como uma manifestação cultural, o Caxambu de Andorinha é um grupo formado por Sebastião Azevedo dos Santos, conhecido como Sebastiãozão, proprietário do sítio, líder espiritual e mestre do Caxambu de Andorinha.

Sebastiãozão, como ficou conhecido, formou o grupo de caxambu no ano de 2009, juntamente com Manuel Raimundo da Silva, o Messias, e José Ronaldo Rangel Cardoso, o Zengo. Este grupo possui uma forma de dançar e de tocar que chama a atenção pelo envolvimento e carinho que os integrantes demonstram em suas apresentações.

O Caxambu de Andorinha, ao preservar esta dança, permite que mais pessoas conheçam esta expressão cultural que resiste ao tempo.

Otávio da Silva Cunha

ATRAINDO VISITANTES

O caxambu atrai moradores de localidades próximas, como Alegre, Cachoeiro de Itapemirim e Guaçuí e visitantes de variados lugares para assistir e participar de sua dança.

Geralmente as apresentações do caxambu ocorrem em seu galpão na área rural de Andorinha e muitos integrantes e visitantes percorrem seis quilômetros, entre a cidade e o barracão, para participar da dança.

Essa dinâmica revela a importância do grupo de caxambu para a cultura brasileira, pois preserva tradições e enriquece a herança cultural ao longo das gerações.

Matheus Avelar Costa

PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

UM CONVITE À DANÇA

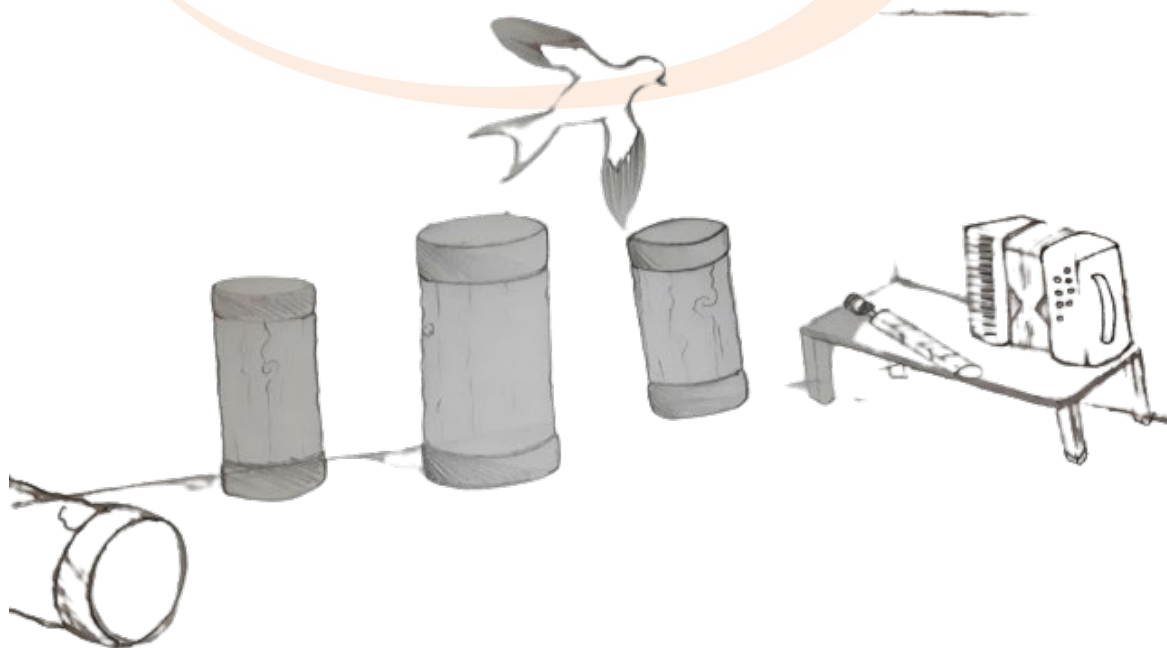
O Caxambu de Andorinha é um grupo de pessoas que se reúnem e fazem apresentações de dança, criam suas próprias músicas ou mantêm vivas letras cantadas ao longo do tempo.

Entre o toque do tambor e cantos, o grupo leva seus conhecimentos e suas práticas e, assim, perpetuam uma cultura que resiste desde o século XIX.

O caxambu é um convite à dança e permite que as pessoas conheçam sua cultura e se sintam acolhidos, entrando na roda, batendo palmas e cantando as músicas junto com o grupo.

Giovana Mazzarim Verly Porto

PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões



Desenho de Vinicius Ribeiro Santos

OS INSTRUMENTOS

Dentre todas as técnicas culturais vistas na dança do caxambu, os instrumentos foram a maior ligação entre a animação dos caxambuzeiros e os participantes da dança.

Um dos objetos usados são os tambores feitos com madeira oca e com um couro de boi fixado na ponta. Eles normalmente ficam deitados para que o som do instrumento saia grave.

Outro instrumento usado é a casaca. Ela é feita de madeira com baquetas e com o corpo feito com sulcos, trazendo uma semelhança com o reco-reco. Além disso, o objeto possui a representação do corpo de uma pessoa e, no final, é esculpida uma cabeça humana cuja função é segurar as baquetas e o próprio instrumento.

Ademais, o pandeiro e a sanfona são instrumentos que complementam a música, fazendo com que se constitua um som leve e mais dançante na roda. Portanto, o caxambu produz uma sonoridade alegre e divertida que contagia as pessoas.

Rafael da Silva Moura

CAXAMBU E A CULTURA DAS DANÇAS

O caxambu é uma forma de expressão ritmada pelos sons dos tambores, cantos e danças, um movimento característico da região Sudeste do Brasil praticado pelos trabalhadores escravizados de origem africana bantu. Essa arte acontecia nas fazendas de café e de cana-de-açúcar, configurando um momento de descontração e ao mesmo tempo resistência à dominação colonial vivenciada por uma grande parcela da população.

A história do caxambu revela que antigamente as festas em áreas rurais mais afastadas eram normalmente realizadas ao redor de fogueiras, importantes para aquecer os tambores, iluminar o ambiente e sacralizar o ritual.

A dança no caxambu apresenta roupas apropriadas, sempre uma blusa branca mostrando o nome do grupo e uma saia colorida. O ritmo fica por conta dos tambores e demais instrumentos, conforme o batuque do tambor, o grupo dança em sentido anti-horário e sempre em roda e sincronia.

As danças são abertas ao público e sem restrições de idade ou tamanho, quem quiser e sentir vontade, pode entrar e se divertir, todo mundo junto configurando um momento democrático na celebração da cultura.

Shirley dos Santos



Imagem de Paulo Henrique Freitas de Oliveira

TRADIÇÃO MANTIDA COM AMOR

Caxambu de Andorinha criado pelo senhor Sebastião Azevedo dos Santos, conhecido por Sebastiãozão, que juntamente com outros participantes formam um grupo de expressão, dança e canto de origem secular.

Desde a infância, o senhor Sebastiãozão participava de caxambus pela vizinhança, assim, influenciado pela cultura local, formou o seu grupo de Caxambu. Além disso, a sua tradição é bem bonita, nas danças podem entrar quem quiser participar.

O caxambu é uma tradição mantida com todo o amor e carinho por esse grupo e todos que vão visitar são recepcionados com muita alegria, música, dança e emoção.

Maria Luiza Pinheiro da Silva



Imagem de Larissa Viana Bruneli

COMPROMETIMENTO COM AS RAÍZES CULTURAIS E AMBIENTAIS

Andorinha é uma comunidade rural localizada no município de Jerônimo Monteiro e ela possui um patrimônio a ser analisado sob o aspecto cultural e ambiental. Como tantas regiões ao redor do mundo, Andorinha carrega o peso da degradação ambiental. Porém, nesta pequena comunidade, há um homem chamado Sebastião que mantém seu compromisso com a preservação da cultura e do ambiente.

Sr. Sebastião, além de ser uma figura estimada na Andorinha, é também o presidente de um grupo cultural dedicado à preservação do caxambu, um patrimônio cultural imaterial do Brasil de valor inestimável. Este homem carrega saberes populares e está muito empenhado para resgatar as tradições relacionadas ao caxambu, ao mesmo tempo em que adota algumas ações de preservação ambiental. Foram estabelecidos diálogos e observação das dinâmicas que pulsam naquele ambiente singular, histórias, hábitos, modos de vidas relacionadas ao manejo com o meio.

Ao conhecer sua propriedade, conhecida como Sítio Coqueiral, situada no coração de Andorinha, o Sr. Sebastião produz silagem, uma técnica tradicional de beneficiamento de alimentos, exemplo de sustentabilidade e respeito à natureza. Cada roda de silagem representa uma conexão profunda com a herança cultural da comunidade e

representa um testemunho da importância de preservar os costumes locais.

Além disso, o Sr. Sebastião cultiva com zelo uma horta orgânica que serve como fonte de alimento não apenas para sua família, mas também para os moradores de Andorinha e para as pessoas que visitam o sítio para conhecer ou dançar o caxambu. Sua abordagem orgânica é baseada em saberes populares adquiridos pela tradição e tal atitude demonstra que é possível viver em harmonia com a terra, respeitando seu ciclo natural.

No entanto, durante uma conversa, relatou que compreende a necessidade da restauração ecológica da região que se encontra profundamente devastada. Assim, Sr. Sebastião demonstrou sua vontade de reflorestar as áreas degradadas, desenvolvendo mudas de árvores para plantio, uma ação simples, mas que demonstra seu comprometimento com a natureza.

O Sr. Sebastião entende a grande importância da preservação e da organização do ambiente, pois isso para ele é uma lição de humildade, de resiliência e de amor pela cultura e pela terra. Sua dedicação mostra a preservação de suas raízes culturais, mas também nutre ideias ambientais, mostrando sua preocupação com o meio.

O Sítio Coqueiral em Andorinha, sob a orientação do Sr. Sebastião, prova que, com amor, cuidado, dedicação e perseverança,

podemos contribuir para uma vivência mais equilibrada, harmônica e sustentável.

Larissa Viana Bruneli



ESCREVER, APROFUNDAR E MUDAR

Os textos escritos pelos alunos mostraram a riqueza cultural do Caxambu de Andorinha. Foi possível observar a importância das vestimentas, da organização do grupo e dos instrumentos para que essa dança ocorra harmonicamente e para que os integrantes consigam passar alegria ao público.

Apesar de toda essa beleza, essa manifestação cultural ainda enfrenta muitos desafios ligados ao preconceito. Esse problema é reflexo da falta de conhecimento sobre as raízes históricas dessa dança e, por isso, muitas pessoas a associam à prática religiosa do espiritismo.

Dessa forma, torna-se fundamental trabalhar o caxambu dentro do currículo escolar a fim de que os estudantes passem a valorizá-lo como um patrimônio cultural. Por isso, optamos por envolver os estudantes em uma aula de campo na qual foi possível ter um contato direto e prático com os integrantes do grupo e com a dança. Essa aula permitiu que houvesse uma desconstrução de muitas visões preconceituosas em relação ao caxambu e isso pôde ser percebido claramente nos relatos dos alunos, uma vez que muitos disseram que queriam voltar outras vezes e muitos relataram até que iriam começar a participar do grupo.

Portanto, foi possível observar que a escrita desses textos sobre o caxambu foi relevante para que os estudantes refletissem e se apropriassem, de forma efetiva, do conhecimento adquirido sobre tal

manifestação cultural. Esse processo é essencial para que o preconceito deixe de existir, pois, segundo Clarice Lispector “... à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendo o que posso fazer.” Nesse sentido, a autora considera que escrever é uma maneira de “aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são.” Assim, acreditamos que o trabalho, em sala de aula, com manifestações culturais de variadas etnias é fundamental para que, aos poucos, as gerações futuras passem a ter um olhar de respeito para a diversidade cultural do Brasil, pois essa prática permite uma mudança de pensamento e, a partir disso, os jovens passarão a atuar de forma transformadora na realidade em que vivem.

Juliely Veiga Gomes Tatagiba

PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

CAXAMBU: CONCEITO E ORIGEM

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, 2007), instituição brasileira que cuida da preservação, proteção e promoção do patrimônio cultural e artístico do Brasil, o caxambu, também chamado de jongo principalmente na região sudeste, é uma dança, uma forma de expressão afro-brasileira que integra percussão de tambores, dança coletiva e práticas de magia.

O jongo ou caxambu foi proclamado Patrimônio Cultural do Brasil de natureza imaterial pelo Conselho Consultivo do Iphan e registrado no livro de formas e expressão que o reconhece por sua importância como expressão cultural afro-brasileira.

O dossiê nº 5 do Iphan define o jongo como canto de protesto, subjugado, mas resistente, também chamado ao longo da história de tambu, batuque, caxambu, termos que resumem a manifestação cultural afro-brasileira que é tema do 5º volume da série de dossiês sobre os bens culturais de natureza imaterial registrados pelo Iphan.

O jongo é uma forma de expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágico-poéticos. Tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua bantu. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica. Consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar localizadas no Sudeste brasileiro, principalmente no vale do Rio Paraíba do Sul. É um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e também espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico (Dossiê n.º 5 do Iphan).

A origem do caxambu se deu porque os povos da África Austral, do tronco linguístico Bantu, através da tradição oral trouxeram para as terras brasileiras esta dança coletiva circular, praticada para louvor aos antepassados, pautada em saberes, crenças e ritos dos povos africanos que foram enviados ao Brasil por meio da diáspora estabelecida entre os séculos XVI e XIX.

(...) jongo, caxambu ou tambu é uma prática cultural que integra canto, dança circular e percussão de tambores. foi trazido para o brasil por africanos do grupo etnolinguístico banto, chegados à costa do sudeste na primeira metade do século xix, oriundos dos países, cujos nomes hoje atendem por angola e moçambique. (Mattos & Abreu, 2010)

As primeiras manifestações de que se tem notícia sobre o caxambu remonta ao século XIX, nas fazendas de cana-de-açúcar e café no sudeste do Brasil, principalmente nas fazendas do vale do rio Paraíba do Sul, espalhando-se por todo o território fluminense e capixaba, principalmente.

Os escravizados africanos e seus descendentes criaram a dança como forma de descontração para resistir à opressão do cotidiano e à condição social marginal a que foram submetidos em terras brasileiras que guarda até hoje uma estrutura social marcada pelo trabalho escravo.

Os grupos de escravos cantavam letras que falavam da sua condição marginal, falavam de si, da comunidade, expressando suas

vivências e passando entre si as mensagens através da linguagem cifrada em sua língua materna, para que não pudessem ser entendidos pelos seus senhores e capatazes, que mesmo assim viam a dança do caxambu/jongo como uma ameaça.

Assim, na época da escravidão, o jongo era utilizado como forma de comunicação entre os negros, que, por meio dos pontos enigmáticos ou cifrados (metáforas que apenas eles podiam compreender), expressavam de forma poética e complexa a resistência à opressão que sofriam, era um espaço onde podiam se comunicar internamente em seus grupos diante de uma situação de cativeiro em que viviam.

Os pontos do caxambu são como provérbios, tratam metaforicamente da vida da comunidade, e em suas origens foram utilizados para denúncias, resolver pendências, e construir acolhimento pelos grupos étnicos da África.

Nas senzalas brasileiras o jongo tinha a função de socialização entre os escravizados já que estes eram proibidos de se expressarem, o tempo todo vigiados, tendo que encontrar estratégias, por meio das metáforas, para falarem sobre aquilo que só eles poderiam entender e manterem-se unidos e preservando sua cultura.

Além de fazer parte de festejos dos escravos, os jongs eram cantigas de trabalho em grupo que serviam também para avisar sobre a chegada do senhor ou do feitor em determinadas circunstâncias. A

comunicação cifrada continuava nos jongos cantados fora do trabalho, que, por vezes, eram satíricos.

A linguagem do caxambu é, portanto, associada à necessidade dos escravos de se comunicarem sem que seus senhores compreendessem, era uma busca por liberdade de expressão, como um jogo de manipulação de palavras que eles podiam compreender e os seus senhores e capatazes não.

Conforme explicam Aissa Afonso Guimarães e Oswaldo Martins de Oliveira: a palavra nas rodas de jongos e caxambus é cantada para direcionar o ritual e dar o seu recado. Assim, em uma expressão cultural, a oralidade é fundamental para dar continuidade à tradição herdada dos ancestrais africanos.

Como relata José Jorge de Carvalho, a história do caxambu retrata parte do processo histórico vivido pelos negros do Brasil. Ele relaciona os movimentos da ‘dança’ ao cotidiano de atividades da vida rural dos escravizados. Algumas das habilidades apresentadas nessas danças seriam habilidades rurais como a destreza manual, a força muscular nos braços, pernas e coxas, a resistência e disposição para lidar com o confronto físico aberto e assim por diante.

Em paralelo à exibição física há também a presença da exibição poética e a melodia cantada: samba de roda, capoeira, jongo entre outros gêneros similares, incorporando uma expressão espontânea e

improvisada em uma disputa poética, um desafio entre os cantores articulados com as respostas do coro.

A pesquisadora Sara Passabon Amorim relata que a dança do caxambu é expressa como uma celebração coletiva, feita em roda, na qual um grupo de pessoas compartilham seus saberes ancestrais conduzidos ao som de tambores, guiados por um líder que puxa a cantoria que é repetida em coro pelo grupo e público assistente. De acordo com a pesquisadora a expressão de corpos em movimento, perseverantes e acalorados marca a dança sagrada e profana nos espaços onde ela é praticada desde suas origens.

Ao longo do período da escravidão a dança do caxambu foi objeto de repressão direta, alternada entre tolerância supervisionada e restrições radicais, pois as autoridades temiam a formação de sociedades secretas por parte dos escravizados, mas hoje, após muita luta e resistência a prática é registrada como patrimônio cultural brasileiro.

Ana Cristina Morgado narra que atualmente os pontos das rodas do caxambu podem desempenhar diversas funções: os pontos de visaria ou bizarria (para animar a dança), pontos de louvação (para fazer saudação às pessoas ou entidades espirituais), pontos de demanda (desafio enigmático entre jongueiros), pontos de despedida (encerramento).

Hoje, cada comunidade usa os pontos de acordo com suas particularidades, contudo, há pontos tradicionais que ainda são entoados por grande parte das comunidades onde se pratica o caxambu. Também é possível identificar o improvisado por parte de mestres jongueiros nas rodas da atualidade.

“Bendito, louvado seja

É o Rosário de Maria,

Bendito pra Santo Antônio

Bendito pra São João

Senhora Sant’Ana

Saravá meus irmãos.”

(Canto de abertura dos jongueiros da Serrinha em suas apresentações - extraído do Dossiê n.º 5 do Iphan)

“Tava dormindo

Angoma me chamou

Disse levanta povo

Cativeiro se acabou.”

*(Canto de várias comunidades jongueiras - também extraído do
Dossiê n.º 5 do Iphan)*

Um documentário chamado Jongo do Sudeste do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Iphan, apresentou um panorama geral sobre a prática do caxambu, apresentando pontos de demanda que possuem um caráter enigmático, com temas conhecidos ainda hoje e que foram cantados no passado como desafios entre as lideranças, os “cumbas”, na região de Congo e Angola, no início do século XX.

De acordo com os registros do documentário, caso o jongueiro não “desatasse o ponto” ao qual foi desafiado por outro jongueiro, ou seja, se ele não conseguisse “decifrar aquele ponto”, ele entrava em transe, correndo o risco de sofrer danos. Por isso era necessária a intervenção de um jongueiro “entendido” ou “iniciado” que pudesse desatar o ponto para liberar o jongueiro que estava “amarrado”, em transe. É, portanto, uma dança carregada de espiritualidade e religiosidade que acompanha a cultura brasileira que tem esta característica.

Atualmente o caxambu é apresentado em eventos comunitários, encontros de jongueiros e caxambuzeiros, festas populares, profanas ou sagradas reunindo santos católicos e de divindades afro-brasileiras, que reúnem caxambuzeiros para cantar e dançar.

O Iphan relata a relação que se estabelece entre o jongo/caxambu e a religião Umbanda, mas deixando claro que embora sejam próximos, não se confundem, enquanto o caxambu é uma prática cultural a Umbanda é uma prática religiosa, por mais que uma tenha nuances da outra, não são a mesma prática. O que acontece, muitas vezes, de acordo com os documentos do Iphan, é que boa parte dos praticantes do jongo também são fieis da Umbanda, razão porque as práticas se misturam, mas o caxambu não tem incorporação de entidades e nenhuma ligação direta com ritos religiosos umbandistas.



Para compreender o processo de registro do caxambu como patrimônio histórico e cultural, é necessário brevemente compreender o que é a cultura dentro desse contexto. Adotando a perspectiva de cultura do antropólogo Clifford Geertz podemos compreender o sentido semiótico, carregado de significação. Segundo ele, os seres humanos atribuem significado e comunicam ideias, sentimentos e conceitos uns aos outros, o que torna importante descrever, analisar e preservar história e cultura.

Ana Cristina Morgado explica que a cultura de uma sociedade é transmitida das gerações adultas para as gerações mais jovens pelo processo educativo, pelo qual são transmitidos valores, conhecimentos, técnicas, modos de viver, enfim, a cultura dos grupos.

Assim, a aquisição e a perpetuação da cultura são parte de um processo social, não biológico, ou seja, resultado de aprendizagem. Em um processo contínuo o patrimônio cultural de uma sociedade é transmitido aos mais jovens que tomam posse do legado de seus antepassados, por isso a cultura é uma herança social.

Nesse sentido, considerando o desenvolvimento do conceito de cultura à luz da Antropologia Clifford Geertz cita que a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir suas particularidades, e segundo ele no sentido antropológico temos várias tentativas de

conceituação da cultura apresentados por muitos autores com suas interpretações.

Não se trata de uma palavra recente, mas o estudo sobre cultura ganhou mais evidência com o surgimento da Antropologia como área de conhecimento, que ocorreu no século XVIII, vindo a ter mais ênfase a partir do século XIX com a sistematização do conhecimento. Segundo Geertz, foi daí que suscitaram mais pesquisas procurando estabelecer leis gerais para a interpretação e descrição dos fenômenos culturais.

No conceito de cultura que adotamos de Geertz para compreender o caxambu como Patrimônio Cultural, cujas expressões de identificação como manifestação cultural também se evidenciam no século XIX, a cultura é a condição de existência dos seres humanos, produto das ações em um processo contínuo, por meio do qual os indivíduos vão sendo educados para encontrar sentido em suas ações.

Sérgio Figueiredo Ferreti destaca que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) têm um papel importante na proteção do patrimônio cultural do mundo, promovendo a diversidade cultural, e valoriza o patrimônio cultural imaterial.

A Constituição Federal da República Brasileira de 1988 reitera a importância da valorização dos bens culturais materiais e imateriais no país, razão pela qual são promovidas pelo Estado Brasileiro um conjunto de ações para salvaguardar os bens culturais, protegendo e incentivando todas as manifestações culturais e combatendo a

marginalização e perseguição por qualquer forma de estigma ou preconceito.

A partir desse processo de consideração da cultura entende-se por cultura material todas as crenças, conhecimentos, religiões, magias, e formas de organização social, política, assim como a linguagem e suas expressões, considerando a importância de registrar e salvaguardar os bens culturais necessários à valorização da história de um povo, inclusive implementando políticas públicas para que a cultura possa sobreviver dentro do contexto social em seus processos de mudanças contínuas.

Considerando o caxambu como manifestação cultural de origem afrodescendente que dentro do contexto brasileiro marcou o século XIX e até meados do século XX sendo apenas tolerada pelas classes dominantes, os registros durante esses períodos foram escassos.

Um dos primeiros registros disponíveis em CD de pontos de jongs foi coletado entre os anos de 1948 a 1949 do século XX, no município de Vassouras (Rio de Janeiro) pelo pesquisador Stanley J. Stein. Ao vir para o Brasil, na década de 1940, para estudar a economia brasileira no período pós-abolição, o autor acabou gravando “cantos de trabalho e jongs escravos” (STEIN, 1990, p.15).

O registro do jongo/caxambu com patrimônio cultural imaterial do Brasil ocorreu somente no ano de 2005, através de uma ação do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) que se iniciou em 2001.

As gravações ficaram esquecidas por quase meio século nas mãos de Stein, só retornando ao Brasil em 2003 para, então, serem transformadas em um CD de áudio, que acompanha o livro “Memórias do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein”. Nesse sentido, o próprio Stein (2007, p.39-40) explica sobre a despretensiosa gravação dos pontos de jongo, que a coleta e gravação de jongs em 1948 e no início de 1949, na região de Vassouras, sua recente transposição da bobina de arame para CD e sua difusão no Brasil, pareceram-lhe felizes acontecimentos fruto do acaso.

Segundo narram Mattos e Abreu (2007) só entre os anos de 1960 e 1970 é que folcloristas, sociólogos e antropólogos intensificaram o interesse pelo jongo enquanto objeto de pesquisa, destacando-se um estudo de Carneiro (1974), que descreveu o jongo e o caxambu como práticas diferenciadas uma da outra, sendo aquele praticado em determinados municípios em todos os estados da região Sudeste, e este último em alguns municípios dos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e em um de Goiás.

Embora diferenciando o jongo de caxambu, Carneiro (1974) identifica semelhanças entre as duas, aproximando o caxambu do

jongo, haja vista que havia uma escassez de referencial sobre o caxambu. Enquanto o jongo aparece descrito na obra de forma detalhada, no que remete às coreografias encontradas, o caxambu é apresentado apenas como ligado ao jongo, principalmente no quesito coreografia.

Nesses estudos iniciais o caxambu aparece como uma dança que tem como referência única a utilização do tambor chamado “cachambus”. Para muitos estudiosos, o jongo estava prestes a desaparecer, concomitantemente aos velhos jongueiros que ainda o praticavam, uma vez que havia a proibição da participação de crianças e jovens, visando protegê-los de feitiços eminentes desta prática cultural. Assim, somente os mais experientes, os “cumbas”, dominavam e podiam praticar o jongo.

Na década de 1980, segundo Mattos & Abreu (2007), novas pesquisas abordaram a presença do jongo nas favelas cariocas e seu papel na origem do samba, levando à conclusão de que, ao contrário do que previam as pesquisas iniciais, o jongo não desapareceu, pelo contrário, sugeria novos processos de reinvenção da tradição vinculados à sua prática.

Em uma reinvenção da tradição do jongo surgiam o uso de novos instrumentos, adaptação ao palco, que começou a ser introduzido na década de 1980 por um Mestre chamado Darcy e sua mãe conhecida como Vovó Maria Joana - uma reconhecida rezadeira do subúrbio do

Rio de Janeiro - que tomaram a iniciativa de ensinar o jongo às crianças e jovens da comunidade da Serrinha, no bairro de Madureira, onde viviam), enfrentando uma verdadeira polêmica ainda recorrente em torno da autenticidade do jongo referente a essa nova vertente denominada de jongo espetáculo, e já com um viés de preservação cultural através do repasse dos mais velhos aos mais jovens.

Apesar de pesquisas apontarem para a presença do jongo nas favelas cariocas na década de 1980, pouco se tem de referencial teórico da época sobre o jongo nas comunidades que concebemos hoje como quilombolas. Somente a partir do processo de ressemantização do termo quilombo, na década de 1990, que teve como marco o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT -, da Constituição Federal de 1988, foi que algumas comunidades negras rurais e urbanas passaram a se autodenominar como remanescentes de quilombo e estabelecer lutas explícitas por resistência.

Há laudos antropológicos de identificação de comunidades quilombolas do Rio de Janeiro, como o da comunidade de Santa Rita do Bracuí, localizada no município de Angra dos Reis que apontam a prática cultural do jongo como um forte caráter de autoidentificação enquanto descendentes de escravos e, conseqüentemente, remanescentes de quilombos.

De acordo com Mattos e Abreu (2007, p. 70) para a candidatura do jongo como Patrimônio Cultural foi destacada a sua

representatividade na tese da “multifacetada identidade cultural brasileira”, conforme termo dos próprios documentos produzidos pela pesquisa do Iphan que valorizam o seu papel de representante da resistência afro-brasileira, na região Sudeste, assim como o seu caráter de referência cultural, como remanescentes do legado dos povos africanos de língua bantu que foram escravizados no Brasil. Segundo os mesmos autores, outro fator que foi considerado é a necessidade de apoio do poder público para com as comunidades remanescentes de quilombos que ainda passam por dificuldades econômicas básicas no Brasil tendo direitos vilipendiados.

Segundo Elaine Monteiro e Mônica Pereira do Sacramento foi a partir do ano de 1996 que os jongueiros começaram a se mobilizar em encontros, se organizando, até que em 2000 criaram uma rede de Memória para valorizar o caxambu, preservar e lutar por melhores condições de vida dos jongueiros, nascendo então a solicitação ao Iphan para que a prática fosse considerada como patrimônio cultural do Brasil, vindo a ter o reconhecimento oficial em 2005, quando o Jongo no Sudeste foi então proclamado Patrimônio Cultural do Brasil, registrado no livro de Formas e expressão após todo o trabalho realizado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) elaborando um inventário sobre esta riqueza cultural.

Forma de expressão afro-brasileira, o jongo integra percussão de tambores, dança coletiva e práticas de magia. Acontece nos quintais das periferias urbanas e de algumas comunidades rurais do Sudeste

brasileiro, assim como nas festas dos santos católicos e divindades afro-brasileiras, nas festas juninas, no Divino e no 13 de maio da abolição dos escravos. O jongo é uma forma de louvação aos antepassados, consolidação de tradições e afirmação de identidades. Ele tem raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, principalmente os de língua bantu. São sugestivos dessas origens o profundo respeito aos ancestrais, a valorização dos enigmas cantados e o elemento coreográfico da umbigada (Dossiê n.º 5 do Iphan).

De acordo com os registros do Iphan, o inventário buscou as expressões de origem africana relacionadas à cultura do café e da cana-de-açúcar na região Sudeste que têm como elementos comuns: a dança de roda ao som de tambores e cantoria com elementos mágico-poéticos. Foram observadas diversas representações musicais, coreográficas e simbólicas que, de modo geral, estão compreendidas nas mesmas categorias analíticas – jongo, tambu, caxambu, tambor e batuque – que guardam elementos comuns e também particularidades conjunturais nos diferentes contextos onde são cultivadas: geralmente em periferias metropolitanas e de pequenas cidades e comunidades rurais da região sudeste.

No processo de inventário também foram observadas as diferentes instâncias de tensões sociais, como as questões e clivagens raciais e de classe, as tensões de ordem religiosa e as questões relativas à integração do jongo ao mercado de bens na cultura de massa em contraste com a relativa invisibilidade e exclusão socioeconômica das comunidades e grupos tradicionais.

Para o processo de inventário foram visitadas sete comunidades jongueiras no Estado do Rio de Janeiro: na cidade do Rio, no bairro de Madureira, foi inventariada a comunidade do Morro da Serrinha; no município de Valença, a comunidade da Fazenda São José; e também em Barra do Piraí, Miracema, Pinheral, Santo Antônio de Pádua, e em comunidades como Bracuí e Mambucaba, junto a Angra dos Reis.

No Estado de São Paulo também foram identificadas e contatadas as comunidades jongueiras em Guaratinguetá, Cunha, Piquete, São Luís do Paraitinga e Lagoinha. E no estado do Espírito Santo, os grupos de jongo de São Mateus e Conceição da Barra também foram identificados e registrados. De acordo com o Dossiê do Iphan há indícios de que na Região Sudeste existem outras comunidades e grupos de praticantes do jongo.

Apesar da crescente proliferação e do registro do caxambu como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Iphan, o jongo ainda não é facilmente conhecido e/ou reconhecido pela sociedade brasileira como um todo. É mais reconhecido em espaços de sociabilidade específicos, tais como nas próprias comunidades jongueiras, ou nas apresentações de grupos de jongo que vem se formando no contexto urbano das cidades, como no Rio de Janeiro, por exemplo, mas ainda pouco se sabe, no senso comum, sobre os significados atribuídos à sua prática, bem como suas origens.

Atualmente pesquisas acadêmicas inovadoras vêm se debruçando sobre o tema visando disseminar os conhecimentos acumulados até então sobre a prática do caxambu que são relevantes por se tratar de uma prática cultural afro-brasileira, apropriada principalmente pelo movimento quilombola da região Sudeste, dentre outros fatores, na reafirmação de sua identidade e na luta por sua preservação.

Geovane dos Santos Damaceno



Imagem de Paulo Henrique Freitas de Oliveira

O ESPAÇO DO CAXAMBU DA ANDORINHA: ORGANIZAÇÃO, LIMPEZA E CONSERVAÇÃO

O Caxambu da Andorinha é mais que uma manifestação cultural, é um encontro sagrado entre o passado e o presente, onde a prática ganha vida através do canto, da dança e do toque dos tambores. No coração dessa celebração, o espaço onde tudo ocorre desempenha um papel fundamental. Não é apenas um palco, é um lugar consagrado, preparado com cuidado e respeito para receber aqueles que participam dessa tradição.

A preparação do espaço para o Caxambu da Andorinha começa muito antes da celebração. É um processo que envolve planejamento, garantindo que todos os elementos estejam em harmonia com a tradição e a espiritualidade do evento. O local fica localizado em uma linda laje de pedra, rodeado pela natureza, representando a conexão com os ancestrais e com o sagrado.

O centro do espaço é dedicado ao tambor, o coração do Caxambu, tambores estes confeccionados pelos praticantes e é ao redor dele que se reúnem, formando um círculo que simboliza a união e a continuidade da vida. Próximo aos tambores, um altar simples é montado, decorado com flores e velas, oferecendo um tributo aos ancestrais e às forças da natureza.

A limpeza do espaço onde ocorre o Caxambu da Andorinha é um ritual de preparação para receber os seus participantes e visitantes, tornando um espaço de paz aonde afastam as energias negativas e criam uma atmosfera propícia para a manifestação espiritual. Essa limpeza não se restringe ao espaço físico, ela é também uma preparação espiritual dos participantes, que entram em sintonia com as energias que serão evocadas durante a execução.

Os instrumentos, em especial o tambor, são cuidadosamente limpos. A cada toque, o tambor deve ressoar com pureza, levando a mensagem dos antepassados aos ouvidos dos presentes, eles fazem questão de mostrar a limpeza por dentro do instrumento. A consagração envolve orações e cantos, feitos em respeito a antigos mestres do Caxambu e, também contando suas histórias, pedindo proteção e orientação durante a celebração.

A recepção no Caxambu da Andorinha é um ato de hospitalidade e respeito. Aqueles que chegam ao espaço são acolhidos como membros de uma grande família, independentemente de serem conhecedores antigos da tradição ou visitantes curiosos. A comunidade se reúne para garantir que todos se sintam parte do evento, oferecendo alimentos, bebidas e, principalmente, a partilha de histórias e saberes.

Durante o evento, a recepção se estende ao cuidado com o bem-estar de todos. A comunidade se preocupa em manter o ambiente limpo e seguro, garantindo que as crianças, os idosos e os mais vulneráveis

possam participar sem preocupações. Há sempre alguém atento para oferecer ajuda, seja um copo de água ou um abraço reconfortante.

O espaço do Caxambu da Andorinha é mais que um cenário, ele é o ventre que acolhe a tradição, permitindo que ela floresça e se perpetue. Cada detalhe, desde a organização até a recepção, é uma manifestação de respeito às raízes culturais e espirituais dessa celebração. Ao adentrar esse espaço, os participantes se tornam parte de algo maior, conectando-se com uma rede ancestral de saberes e práticas que transcende o tempo.

O cuidado com o espaço reflete o cuidado com a própria tradição, garantindo que o Caxambu da Andorinha continue a ser um elo, perpetuando sua importância para as gerações futuras.

João Batista Sales da Silva

REFERÊNCIAS

AMORIM, Sara Passabon. *A performance bantu do caxambu: entre a ancestralidade e a contemporaneidade*. Cousa, 2017.

CARNEIRO, Edison. **Folgedos Tradicionais**. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.

CARVALHO, José Jorge. Um panorama da música afro-brasileira. Parte 1. Dos gêneros tradicionais aos primórdios do samba. **Série antropologia**, nº 275, Depto. de Antropologia da UnB. Brasília: UnB, 2000.

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. **Jongo, patrimônio imaterial brasileiro**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

COUTO, Mia. **A confissão da Leoa**. São Paulo: Companhia das Letras 2012, p.09.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Cultura Popular e Patrimônio Imaterial: O contexto do Tambor de Crioula no Maranhão. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís - MA, número especial, ago. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIMARÃES, Aissa A.; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Jongos e Caxambu**: Culturas afro-brasileiras no Espírito Santo. Vitória, ES: UFES, Proex, 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Jongo no Sudeste**. Brasília, DF: Iphan, 92 p.: il. color.; 25 cm. + CD ROM. – (Dossiê Iphan; 5), 2007.

MATTOS, Hebe & ABREU, Martha. **Jongo, registros de uma história**. In: LARA, Silvia Hunold & PACHECO, Gustavo. (Orgs.). **Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein**. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.

MATTOS, Hebe & ABREU, Martha. O mapa do jongo no século XXI e a presença do passado: patrimônio imaterial e a memória da África no antigo sudeste cafeeiro. In: REIS, Daniel Aarão. (Org.). **Tradições e modernidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 95-113.

MOROUN, Kalya. Jongo e educação: a construção de uma identidade quilombola a partir de saberes étnico-culturais do corpo. **Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-RIO**, 2013.

STEIN, Stanley J. Uma viagem maravilhosa. In: LARA, Silvia Hunold & PACHECO, Gustavo. (Orgs.). **Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein**. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.

SITE VISITADO:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

ANEXO - RELATÓRIO DO SIMPÓSIO DA EQUIDADE RACIAL

EEEFM "Jerônimo Monteiro"

Turma: 3º V01 -Informática

Nome: Wesley Mendonça Gonçalves

Simpósio da Equidade Racial

• **Palestra**

O objetivo deste documento é ressaltar as perspectivas e experiências compartilhadas pela Professora Doutora Patrícia Rufino em sua recente apresentação. A Dra. Rufino está à frente da gestão de dois convênios internacionais, evidenciando um comprometimento notável com o desenvolvimento global.

Histórico Pessoal e Desafios Superados:

A Dra. Patrícia Rufino investigou suas experiências pessoais, destacando as dificuldades enfrentadas durante sua jornada. Em meio aos desafios, ela demonstrou resiliência ao formar grupos e promover atividades como teatro na escola em que estudava, buscando não apenas superar obstáculos.

Críticas à Educação Tradicional:

A palestrante expressou preocupação em relação ao sistema educacional, apontando a discrepância entre a conectividade global dos alunos através dos dispositivos móveis e o conteúdo muitas vezes limitado oferecido pela escola. Ela enfatizou a necessidade de uma abordagem mais abrangente ao ensino de idiomas, indo além do básico "verbo to be" e abraçando uma educação mais completa em línguas estrangeiras.

Abordagem ao Racismo:

A Dra. Rufino discutiu de maneira franca e aberta sobre a persistência do racismo na sociedade. Ela destacou a existência de percepções e falas racistas, utilizando o caso de George Floyd como um exemplo impactante de desigualdade racial e brutalidade policial nos Estados Unidos.

Discriminação Racial no Brasil:

A palestrante abordou a questão da discriminação racial no contexto brasileiro, destacando as dificuldades enfrentadas por jovens negros na busca por emprego e a associação do racismo com a classe social. Ela enfatizou a necessidade de medidas antirracistas em diferentes instituições, incluindo escolas, igrejas e famílias.

Situação da Periferia no Brasil:

A Rufino também abordou a realidade das periferias no Brasil, caracterizada pela falta de serviços públicos e muitas vezes associada a morros e favelas. Ela destacou a importância de compreender o racismo em conjunto com outras formas de discriminação e desigualdade.

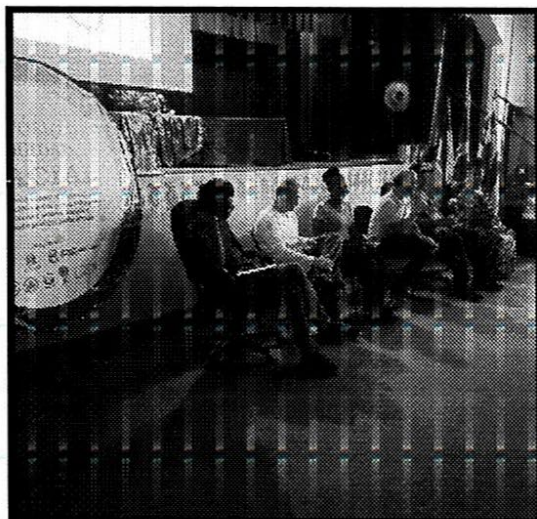
Impacto do Racismo na População Negra:

A apresentação trouxe dados sobre o impacto do racismo no Brasil, enfatizando que a população negra é a mais afetada. Mencionou o aumento dos feminicídios entre mulheres negras e a predominância de jovens negros na população carcerária.

Conclusões:

A Dra. Patrícia Rufino concluiu sua apresentação instigando a reflexão sobre a necessidade de enfrentar o racismo. Ela destacou as armadilhas da branquitude, incluindo conceitos como meritocracia, competência, qualificação e oportunidade, incentivando uma mudança de mentalidade para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

• MESA REDONDA



Experiências e Desafios de Merlindo em Busca de Conhecimento no Brasil

A experiência do Sr. Merlindo, um estudante originário de Moçambique, na África, que veio ao Brasil para buscar oportunidades de estudo e crescimento profissional. As informações foram obtidas durante uma entrevista na qual o Sr. Merlindo apresentou suas experiências e desafios desde sua chegada há cinco anos no Rio de Janeiro.

Motivações para Estudar no Brasil:

O Sr. Merlindo expressou seu profundo interesse em vir estudar no Brasil, motivado pela rica cultura brasileira e pela perspectiva de crescimento profissional. Sua decisão de buscar conhecimento no exterior demonstra seu comprometimento com o desenvolvimento pessoal e profissional.

Experiências no Rio de Janeiro:

Durante sua estadia no Rio de Janeiro, o Sr. Merlindo tratou situações de discriminação racial. Como exemplo, ele passou uma experiência em um supermercado onde um policial ficava andando atrás dele, revelando um episódio de racismo que infelizmente ainda persiste em certos contextos urbanos.

Aprendizado na UFES:

O Sr. Merlindo ressaltou os benefícios de sua experiência acadêmica na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Ele destacou a qualidade do ensino e a diversidade cultural presente na instituição, ressaltando que essa aprendizagem é fundamental para sua missão futura.

Contribuições Futuras:

Com a intenção de retribuir à sua comunidade de origem, o Sr. Merlindo expressou seu desejo de levar os conhecimentos adquiridos na UFES de volta à sua cidade natal, participando como professor. Ele vê a educação como um encontro para o progresso e está empenhado em impactar positivamente sua comunidade por meio do compartilhamento de conhecimento.

Reflexões sobre a Experiência de Arnedia no Brasil

Arnedia expressou sua honra em estar presente e especializou suas experiências notáveis no Brasil, abordando também questões de racismo e destacando a importância da educação desde os níveis locais até os globais.

Diferenças na Experiência no Brasil:

Arnedia revelou que sua experiência no Brasil difere significativamente da experiência de seu esposo. Essa observação pode indicar uma variedade de perspectivas e vivências dentro da mesma comunidade estrangeira, mostrando a complexidade das interações culturais e sociais.

Elogios ao Governo Brasileiro:

Arnedia elogiou o governo brasileiro por fornecer bolsas de estudo, apoiando a importância dessas oportunidades para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estrangeiros que escolhem estudar no Brasil.

Exemplo de Racismo Vivenciado:

A palestrante fala de um episódio pessoal no qual viveu uma situação de racismo ao entrar em um avião. Ao se sentar perto de uma mulher branca, ela se anunciou e mudou de lugar, destacando a persistência de atitudes discriminatórias que ainda permeiam a sociedade.

Diversidade Linguística na África:

Arnedia destacou a diversidade linguística na África, mencionando que cada povo possui uma língua diferente. Para ilustrar essa diversidade, pronunciou o Pai Nosso na língua de seu povo, proporcionando uma rica experiência cultural aos participantes da palestra.

Apelo à Educação Global desde a Infância:

A palestrante enfatizou a importância de ensinar as crianças desde o início, promovendo não apenas a educação local, mas também global. Essa abordagem visa criar uma compreensão mais ampla e inclusiva, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e culturalmente competentes.

Reflexões de Elizeu sobre suas Experiências no Sertão, com Indígenas e suas Críticas ao Ensino Tradicional

As reflexões significativas compartilhadas por Elizeu durante sua apresentação. Nascido no sertão e tendo vivido em Muqui, Elizeu apresentou experiências vividas junto a diferentes tribos indígenas, criticou a representação abrangente nas escolas e propôs uma visão transformadora para o sistema educacional.

Origens e Experiências no Sertão e Muqui:

Elizeu trouxe sua origem no sertão e sua vivência em Muqui, proporcionando contexto sobre sua formação e as influências culturais que moldaram sua perspectiva única.

Convivência com Tribos Indígenas:

O palestrante enfatizou sua experiência de viver com diversas tribos indígenas. Esse contato direto permitiu a Elizeu uma compreensão mais profunda das tradições, línguas e modos de vida dessas comunidades.

Críticas à Senzala e Proposta de Escolas como Quilombos:

Elizeu argumentou que a senzala não é um espaço de justiça, destacando as injustiças históricas associadas a esse termo. Além disso, ele propôs que as escolas deveriam ser encaradas como quilombos, espaços de resistência e preservação cultural.

Diversidade Linguística e Cultural Brasileira:

Ao abordar a diversidade cultural do Brasil, Elizeu destacou a existência de mais de 300 línguas faladas no país. Essa variedade expressa a riqueza cultural que, muitas vezes, não é especificamente representada ou valorizada.

História Indígena e Críticas ao Ensino Tradicional:

Elizeu destacou a presença dos indígenas no Brasil antes da chegada dos portugueses, questionando a narrativa tradicional e eurocêntrica que frequentemente prevalece. Ele criticou a representação equivocada nas escolas, especialmente o uso inadequado do cocar como um símbolo sagrado dos indígenas.

Contribuições de Sebastião para a Promoção Cultural e Educativa por meio do Grupo Caxambu

As informações compartilhadas por Sebastião durante sua apresentação, focando em seu envolvimento no Grupo Caxambu e suas atividades educativas e culturais.

Participação no Grupo Caxambu:

Sebastião destacou sua participação ativa no Grupo Caxambu, uma iniciativa cultural dedicada à preservação e promoção das tradições locais. O grupo desempenha um papel fundamental na transmissão e celebra as riquezas culturais, incluindo a importância da batida do tambor na prática religiosa conhecida como Macumba.

Macumba como Expressão Cultural:

Sebastião esclareceu que Macumba é mais do que um termo pejorativo; é uma batida do tambor que desempenha um papel central nas práticas culturais e religiosas. Ele

destacou a necessidade de compreensão e respeito em relação a essa expressão cultural muitas vezes mal interpretada.

Atividades Educacionais em Escolas:

O grupo se engaja na educação de jovens por meio de palestras em escolas. Estas atividades visam sensibilizar os estudantes sobre a riqueza cultural e a importância da preservação das tradições locais.

Agenda de Eventos:

Sebastião diz sobre os próximos eventos do Grupo Caxambu. No dia 20, o grupo estará em Rive, acompanhado por uma apresentação em Marataízes no dia 24. Esses eventos oferecem oportunidades para a comunidade participar e vivenciar as tradições culturais promovidas pelo grupo.

• APRESENTAÇÃO DO CAXAMBU



A imagem relata a experiência enriquecedora proporcionada pela apresentação cultural de Caxambu, realizada na UFES, localizada em Jerônimo Monteiro. A iniciativa propôs um mergulho nas tradições e expressões artísticas que compõem a identidade única dessa comunidade. A essência da apresentação foi a expressão artística e musical, proporcionando uma viagem sonora pelas batidas do tambor e pela melodia envolvente que caracterizam as manifestações culturais locais.

• ESTANDES

Exposição "Sítio dos Crioulos"

A exposição realizada pela André Altoé proporcionou uma rica experiência cultural e histórica, destacando o "Sítio dos Crioulos" como um patrimônio para o município de Jerônimo Monteiro. O evento reuniu elementos que rememoraram a trajetória de dois personagens históricos marcantes, Bárbara Maria da Conceição e Nico Preto, além de resgatar a memória da brincadeira de perna de pau, de origem africana.



Sítio dos Crioulos: Um Território Quilombola:

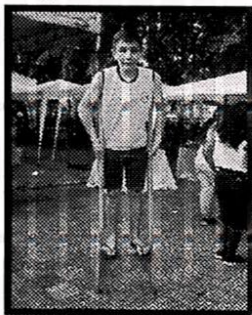
A exposição destacou o "Sítio dos Crioulos" como um território quilombola de importância significativa para a história e cultura local. O espaço é apresentado como

um patrimônio que merece ser preservado e valorizado, contribuindo para a construção da identidade do município.

Personagens Históricas:

Bárbara Maria da Conceição e Nico Preto foram personagens históricos destacados na exposição, sendo lembrados por suas contribuições e influências na formação do "Sítio dos Crioulos". A narrativa histórica apresentada resgata suas trajetórias, enriquecendo a compreensão do público sobre a herança cultural da região.

Resgate da Memória: Brincadeira de Perna de Pau:



A exposição resgata a memória da brincadeira de perna de pau, uma prática lúdica de origem africana que desempenhou um papel significativo na cultura local.

Inovação Tecnológica: Robótica:

Além dos aspectos históricos e culturais, a exposição apresentou uma abordagem tecnológica surpreendente. A presença de uma maquete do território, montada com peças de Lego e um carrinho controlado remotamente, simulando a presença de turistas no quilombo, agregando um elemento contemporâneo à experiência.

